

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS
CAMPUS LITORAL NORTE
DEPARTAMENTO INTERDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – *SCRITO SENSU* – EM DINÂMICAS
REGIONAIS E DESENVOLVIMENTO – PGDREDES

**A Percepção Ambiental e a Experiência Estética de artistas do município de
Osório, Rio Grande do Sul, Brasil.**

MARIEL FERRI

Tramandaí-RS
2023

MARIEL FERRI

A Percepção Ambiental e a Experiência Estética de artistas do município de Osório, Rio Grande do Sul, Brasil.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação – *scrito sensu* – em Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento - PGDREDES, ofertado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – *Campus* Litoral Norte, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Professora Dra. Rejane
Margarete Schaefer Kalsing

Tramandaí-RS

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Ferri, Mariel
A Percepção Ambiental e a Experiência Estética de
artistas do município de Osório, Rio Grande do Sul,
Brasil. / Mariel Ferri. -- 2023.
128 f.
Orientador: Rejane Margarete Schaefer Kalsing.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte, Programa de
Pós-Graduação em Dinâmicas Regionais e
Desenvolvimento, Tramandaí, BR-RS, 2023.

1. Artes. 2. Artistas. 3. Belezas naturais de
Osório/RS. 4. Contemplação da natureza. 5.
Sensibilização ecológica. I. Schaefer Kalsing, Rejane
Margarete, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados
fornecidos pelo(a) autor(a).

MARIEL FERRI

A Percepção Ambiental e a Experiência Estética de artistas do município de Osório, Rio Grande do Sul, Brasil.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação – *scrito sensu* – em Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento - PGDREDES, ofertado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – *Campus* Litoral Norte, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Aprovada em 06 de fevereiro de 2023.

Banca Examinadora:

Rejane Margarete Schaefer Kalsing – Orientadora – PGDREDES/UFRGS

Dilermando Cattaneo da Silveira – PGDREDES/UFRGS

Olavo Ramalho Marques – PGDREDES/UFRGS

Lucimar de Fátima dos Santos Vieira – POSGEA/UFRGS

Dedico este trabalho aos meus pais, meus irmãos e meu marido que sempre me apoiam e incentivam a continuar minha formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é um sentimento de reconhecimento; é um querer agradecer a outra pessoa por ter feito algo benéfico; um sentimento genuíno de gratidão nos traz a sensação de bem-estar com nossas emoções e nos inspira a tentarmos a cada dia uma versão melhor de nossas vidas. Sempre fui muito grata por todos os aspectos de minha vida e mesmo quando as coisas não acontecem da maneira que se espera acredito que possamos ser gratos, pois de toda situação vem uma lição. Sendo assim, cabe aqui agradecer cada um que participou desta jornada comigo.

À professora Dra. Rejane Margarete Schaefer Kalsing, por ter aceitado me orientar, sempre o fazendo com maestria;

Aos professores do programa PGDREDES pelos conhecimentos e sabedorias compartilhados;

A todos que atravessaram minha jornada me trazendo conhecimento e experiências as quais somente o convívio pode permitir;

Aos colegas do corpo discente, pelos saberes e experiências compartilhados;

Aos artistas entrevistados, por me conceder o prazer e honra de conhecer universos tão diversos do meu, me inspirando e demonstrando perspectivas novas sobre a vida;

À minha família, por sempre me incentivarem em minha vida acadêmica e apoiarem minhas escolhas de vida;

E por fim,

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela provisão da bolsa de mestrado.

A arte serve a beleza, e a beleza é a felicidade de possuir uma forma, e a forma é a chave orgânica da existência; tudo o que vive deve possuir uma forma para poder existir, e, portanto, a arte, mesmo a trágica, conta a felicidade da existência.

Benedetto Croce

RESUMO

Artistas são capazes de tornar as experiências vivenciadas em material artístico. Desde os primórdios da humanidade, o ser humano utiliza a arte como forma de expressão. Seja para passar informações relevantes através das gerações, seja para retratar a realidade de seu tempo ou apenas para a contemplação do belo, a arte acompanha a sociedade como forma de comunicar, expressar e perceber. Através das produções de artistas podemos criar nossas próprias percepções sobre o material produzido, sendo estas um tanto subjetivas e relativas, não podendo ser impostas por quem produziu a arte em questão, tornando a apreciação da arte algo de caráter singular e complexo. As belezas naturais, ou o belo natural, por sua vez, são frequentemente fonte de inspiração para artistas de diversas áreas na produção de suas obras, seja na literatura, nas artes plásticas, na música, a natureza, nos inspira, e no caso dos artistas, suas inspirações podem ser transformadas em material artístico, dando tema à presente pesquisa de analisar a relação dos artistas com as belezas naturais, suas percepções e experiências estéticas. O objetivo da pesquisa foi investigar se a experiência estética, produzida a partir das belezas naturais do município de Osório, Rio Grande do Sul, Brasil, podem levar a uma sensibilização ecológica, com o intuito de verificar se os artistas locais partem de momentos de contemplação das belezas naturais do município como inspiração para suas criações e como eles compreendem a relação com o ambiente em seus processos criativos. Contempla o objetivo da pesquisa a demonstração de que as belezas naturais de Osório podem provocar experiências estéticas; que estas inspiram obras artísticas (através dos depoimentos dos entrevistados) e que a experiência estética, produzida a partir das belezas naturais do município, pode levar a sensibilização ecológica dos artistas. A pesquisa foi realizada com artistas locais do município de Osório. Foram determinados dez artistas de diferentes áreas das artes, sendo, musicistas, escritores e artistas plásticos/visuais, visando contemplar as diferentes áreas das artes para compreender as semelhanças e distinções existentes quanto aos aspectos da pesquisa. A pesquisa revelou a complexidade e subjetividade do processo criativo dos artistas entrevistados, compreendendo a relevância da conexão com a natureza e o quanto a sensibilização ecológica refletida pelas percepções pode ser significativa para pensarmos um futuro sustentável e ecológico. Através dos relatos obtidos nas entrevistas foi possível perceber que as belezas naturais e elementos da natureza que compõem o cenário do município de Osório provocam experiências estéticas, aguçam a criatividade e se convertem em material artístico, se relacionando com a sensibilidade ecológica dos artistas locais.

Palavras-chave: Artes; Artistas; Belezas naturais de Osório/RS; Contemplação da natureza; Sensibilização ecológica.

ABSTRACT

Artists are capable of transforming their experiences into artistic material. Since the dawn of humanity, mankind has used the arts as a form of expression, whether to pass information through generations, to portray the reality of his time or relevant only to the contemplation of beauty, art accompanies society as a way of communicating, express and perceive. Through the productions of artists, we can create our own perceptions about the material produced, which is subjective and cannot be imposed by who produced the art in question, making the appreciation of art unique and complex. Natural beauties are often a source of inspiration for artists from different areas in the production of their works, whether in literature, visual arts, music, nature or the environment in which we live, inspires us and in artists case, their inspirations can be transformed into artistic material, giving the theme of this research to analyze the relationship of artists with natural beauties their perceptions and aesthetic experiences. The objective of this research was to investigate whether the aesthetic experience, produced from the natural beauties of the municipality of Osório, Rio Grande do Sul, Brazil, can lead to an ecological awareness, in order to verify if local artists start from moments of contemplation of the municipality's natural beauties as inspiration for their creations and how they perceive the relationship with the environment in their creative processes. Contemplating the objective of the research through the demonstration that the natural beauties of Osório can provoke aesthetic experiences, that these inspire artistic works (through the testimonies of the interviewees) and that the aesthetic experience, produced from the natural beauties of the municipality, can lead to awareness artists' ecology. The research was carried out with local artists from the municipality of Osório. Ten artists from different areas of the arts were determined, namely, musicians, writers and plastic/visual artists, aiming to contemplate the different areas of the arts to understand the similarities and distinctions that exist regarding the aspects of the research. The results showed the complexity and subjectivity of the creative process of the interviewed artists, understanding the relevance of the connection with nature and how much ecological awareness reflected by perceptions can be significant for us to think about a sustainable and ecological future. Through the reports obtained in the interviews, it was possible to perceive that the natural beauties and elements of nature that make up the scenario of the municipality of Osório provoke aesthetic experiences, instigate the creativity and that became artistic material and are relating to the ecological sensitivity of the local artists.

Keywords: Arts; Artists; Osório's Natural Beauties; Contemplation of nature; Ecological awareness;

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Localização do município de Osório no Rio Grande do Sul, Brasil.....	16
Figura 2 – Limites do município de Osório, Rio Grande do Sul, Brasil.....	18
Figura 3 – Vista do Morro de Osório ao entardecer.....	20
Figura 4 – Vista do Morro de Osório.....	20
Figura 5 – Cascata da Borrússia.....	21
Figura 6 – Praias de Mariápolis e Atlântida Sul.....	21
Figura 7 – Mirante do Morro de Osório.....	22
Figura 8 – Lagoa do Peixoto.....	22
Figura 9 – Lagoa do Marcelino.....	23
Figura 10: Lagoa dos Barros.....	24
Figura 11: Produções em cerâmica da artista plástica/visual Raquel Ferri.....	105
Figura 12: Produções em cerâmica da artista plástica/visual Raquel Ferri (continuação).....	106
Figura 13: Composição das plantas utilizadas na peça de algodão.....	107
Figura 14: Enxágue das peças.....	107
Figura 15: Secagem das peças ao ar livre e expostas ao sol.....	108
Figura 16: Detalhe de folhas na composição de uma peça.....	109
Figura 17: Peças produzidas pela artista plástica/visual em cerâmica.....	111
Figura 18: Pluviometria do pintor navegante, Lilian Maus, 2020.....	112
Figura 19: Estudos sobre a Terra: Inventário de Fauna e Flora, Lilian Maus, 2016.....	113
Figura 20 Estudos sobre a Terra: Herbarium, Lilian Maus, 2016.....	114
Figura 21: Memorial dos naufragos de 1947: Flor azul de Novalis (<i>Centaurea Cyanis</i>) a Yemanjá, Lilian Maus, 2017.....	115
Figura 22: Imagens da pintura Soçobro, Lilian Maus, 2017.....	115

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro I: Descrição da pesquisa de acordo com Gil (2002)	25
Quadro II – Seleção de artes e nichos artísticos escolhidos para a pesquisa.....	26
Quadro III – Relação de expressões artísticas dos entrevistados.....	59
Quadro IV – Respostas dos musicistas referentes ao segundo momento da entrevista sobre a compreensão da arte.....	66
Quadro V – Respostas dos escritores referentes ao segundo momento da entrevista sobre a compreensão da arte.....	70
Quadro VI – Respostas das artistas plásticas/visuais referentes ao segundo momento da entrevista sobre a compreensão da arte.....	74

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA – Área de Proteção Ambiental.

BNCC – Base Nacional Comum Curricular.

CONAMA – Conselho Nacional do Meio Ambiente.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

MEC – Ministério da Educação.

MMA – Ministério do Meio Ambiente.

ONU – Organização das Nações Unidas.

PGDREDES – Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento.

PNEA – Política Nacional de Educação Ambiental.

PNMA – Política Nacional do Meio Ambiente.

PNUMA – Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente.

SBB – Sociedade Brasileira de Bioética.

SEMA – Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Infraestrutura.

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Caracterização da área de estudo.....	16
1.2 Metodologia.....	24
2. REFERENCIAL TEÓRICO	28
2.1 Ambiente e Natureza.....	28
2.2 Um breve histórico da Educação Ambiental	32
2.3 Ecopedagogia como forma de debate sobre questões ambientais	35
2.4 Ética Ambiental	37
2.5 Ecologia Profunda	40
3. PERCEPÇÃO AMBIENTAL E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA.....	43
3.1 Percepção Ambiental e sua interação com o indivíduo e sociedade.....	43
3.2 Estética e Experiência Estética	47
4. A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DE ARTISTAS LOCAIS DE OSÓRIO (ANÁLISE DAS ENTREVISTAS)	55
4.1 Perfil dos entrevistados	55
4.2 A experiência de conceder entrevistas	59
4.3 Compreensão da arte.....	66
4.4 Compreensão da Experiência Estética	81
4.5 Demonstração das obras dos entrevistados.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS	121
APÊNDICE	127

1. INTRODUÇÃO

A Arte acompanha a história da evolução humana como sociedade desde os primórdios. De pinturas rupestres que contavam nas paredes das cavernas relatos dos primeiros grupos de seres humanos relativos às práticas de caça; também como meio de difundir os conhecimentos adquiridos pelos diferentes povos, tanto para as futuras gerações como para os demais grupos que passariam pelo local onde as pinturas estavam localizadas; passando para as histórias contadas através de canções, danças e rituais, em que o objetivo era transmitir traços culturais; até chegar a arte como a conhecemos hoje que, para além da utilidade de transmitir informações entre grupos e gerações de culturas e sociedades diversas, é uma ferramenta para expressar sentimentos, contemplações e percepções do artista que a produz.

Os primeiros grupos humanos já utilizavam a arte como forma de expressão de sua compreensão do mundo, utilizando materiais naturais como pigmentos, madeira, pedra e cerâmica, para além das produções de artefatos funcionais. E mesmo na confecção de artefatos utilizados no dia-a-dia, a arte, na maioria das vezes, estava presente com adornos, pinturas e desenhos que por diversas vezes representavam a realidade da sociedade que a produzia. Assim como as danças, músicas e histórias que compunham a cultura das primeiras sociedades.

Artistas retratam as realidades de suas sociedades pelos mais variados motivos, a princípio, no início da vida em sociedade dos humanos, com pequenos grupos, a arte servia para passar informações de geração em geração, na sua maioria. Passando para as grandes civilizações, as sociedades já cultuavam divindades e tinham diversos rituais culturais, muitos desses envolviam a arte, seja nas danças, pinturas, produção de ícones, etc., tais produções também se relacionavam à cultura de uma determinada sociedade. Entrando na idade moderna, a arte ganha um contexto de exaltação da cultura, com retratos que remetiam à momentos históricos, rituais que envolviam adereços, danças e composições musicais que partiam da relação com a história de determinados povos.

A natureza sempre foi inspiração para as artes produzidas ao longo da história da humanidade, sendo mais do que apenas uma paisagem atraente, a natureza nos concedeu materiais para expressarmos nossa arte, nos aguça a criatividade e nos traz de volta ao seu seio, nos reconecta com nossas origens. Isso faz com que a natureza seja objeto da maior parte das obras de arte produzidas até então, pois é fonte de matéria-prima e inspiração ao mesmo tempo.

A relação das sociedades, enquanto se desenvolviam nas diferentes regiões do globo, com a arte foi imbricada e atrelada às diversas culturas existentes, mas um fator que se mostra presente nas diferentes culturas é o da relação da arte com a natureza e com o ambiente em

que determinada sociedade se desenvolvia. A conexão entre ser humano, natureza e arte tem grande papel na escrita da história da humanidade. Mesmo com o desenvolvimento da sociedade atual, que vive uma situação onde o ser humano subjuga a natureza, a arte continua a se relacionar com as belezas naturais e elementos da natureza para se expressar.

Na contramão disto, enquanto a sociedade segue uma marcha constante em busca do desenvolvimento nas áreas da medicina, indústria e urbanização, parece passar despercebida a necessidade, cada vez mais urgente, de desacelerar estes processos e repensar o desenvolvimento com vistas à recuperação de ambientes degradados, utilização de métodos sustentáveis de produção, conservação da natureza e proteção de ambientes, fauna e flora ameaçados.

A partir deste princípio, analisar a percepção ambiental sob determinados enfoques se torna um meio de planejar um futuro ambiental. Traçando ações e políticas que possam servir de método para a aplicação em diversas situações, destacando que a percepção ambiental está condicionada pela trajetória e contexto cultural de cada pessoa, sendo subjetiva e de uma complexidade avaliativa.

Recuperar esse olhar consciente da importância da preservação da natureza nas comunidades é primordial para que essas atitudes se expandam até tornarem-se hábito comum entre todos. Um dos caminhos para tal mudança pode ser a análise das percepções ambientais. Gerar impactos em relação as questões de conservação ambiental podem ter uma maior eficiência quando direcionados os esforços para um público-alvo, à uma região determinada ou para uma comunidade pois, assim, podem-se discutir ações específicas a serem tomadas visando estratégias efetivas na busca por um desenvolvimento que vise a conservação da natureza.

Estudos de percepção ambiental e sobre a experiência estética da natureza podem ser instrumentos para compreender determinada população em busca de um resgate da relação intrínseca que temos com a natureza, na busca por um futuro sustentável e ecológico, no qual os danos causados à natureza sejam reduzidos e que leve em consideração o desenvolvimento sustentável e a conservação da natureza. Analisar as comunidades e seu ambiente quanto à sua relação com a natureza faz possível considerar o que nos aflora os sentimentos e torna possível projetar novos caminhos de desenvolvimento que considerem a natureza como parte dessa equação.

Estudos de percepção ambiental, que têm sido utilizados em diversas áreas do conhecimento, tais como, psicologia, educação, administração, etc., buscam compreender a apreensão do objeto pesquisado de seu entorno, sua cognição quanto a determinado aspecto. Estes estudos se propõem a analisar a relação do ser humano quanto ao seu entendimento da natureza no meio em que está inserido, buscando relacionar suas impressões sobre o tema com questões ambientais encaradas a nível local ou regional. Esta modalidade de

estudo pode auxiliar no desenvolvimento regional, buscando alternativas que contemplem a agenda ambiental, com ações sustentáveis e políticas públicas que visem à preservação do ambiente.

Através das experiências estéticas, reveladas pela percepção do ambiente, é possível compreender as relações de determinados grupos com seu meio e como esta determina o comportamento da sociedade. Experiências estéticas dão sentido e significado as coisas, demonstrando diferentes perspectivas sobre a realidade. No caso da percepção estética do belo natural é possível que essas experiências instiguem a sensibilização ecológica, trazendo uma visão mais consciente da integração do ser humano na natureza.

A presente pesquisa pretendeu compreender a relação dos artistas locais com as belezas naturais e elementos de natureza do município de Osório, que apresenta toda uma biodiversidade. Através de entrevistas com diversos artistas de diferentes áreas das artes, buscou-se compreender se a experiência estética de artistas locais em relação às belezas naturais locais inspirou suas obras artísticas e se a experiência estética pode produzir uma sensibilização ecológica e como ocorrem estes processos.

Considerando a descrição dos processos criativos dos artistas entrevistados, a relação que eles têm das percepções ambientais e experiências estéticas vivenciadas, e demonstrações relatadas de obras produzidas pelos artistas que foram inspiradas pelas belezas naturais e elementos da natureza presentes no município de Osório, a presente pesquisa realizou a análise dos objetivos acima descritos.

1.1 Caracterização da área de estudo

Esta dissertação tem por área de estudo o município de Osório, que está localizado em área composta pelo Bioma Mata Atlântica e a planície costeira, no Litoral Norte do estado do Rio Grande do Sul, Brasil (Figura 1). A área de Mata Atlântica dentro dos limites do município faz parte do remanescente mais ao sul do país desse ecossistema e tem parte de sua área protegida pela instituição de uma Área de Proteção Ambiental, denominada APA Morro de Osório (criada pela Lei Municipal N° 2.665, de 27 de setembro de 1994), havendo dentro de seus limites ocupação humana e uso dos recursos naturais de forma controlada. Nos pontos mais altos da encosta do morro encontram-se o mirante do morro e a rampa de voo livre, dois pontos turísticos de onde é possível avistar paisagens que compõem o município de Osório, parte do Litoral Norte do estado do Rio Grande do Sul e trechos de faixa litorânea pertencentes as praias de Osório (Mariápolis e Atlântida Sul) e municípios extremantes (Imbé, Tramandaí, Capão da Canoa, entre outros).

Figura 1: Localização do município de Osório no Rio grande do Sul, Brasil.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Os%C3%B3rio_%28Rio_Grande_do_Sul%29. Acesso em setembro 2022.

O município de Osório, que está localizado no Litoral Norte do estado do Rio Grande do Sul (Figura 2), tem como cobertura natural as lagoas, a mata atlântica (ou mata de encosta), as matas de restinga seca, os banhados, campos secos, campos úmidos, mata paludosa e campos arenosos.

O município tem como principais atividades de uso antrópico áreas de silvicultura (com florestamento de pinus e eucalipto), áreas de rizicultura (cultivo de arroz), a ocupação urbana e atividades de extração mineral (mineração). Em relação às características mistas há a atividade agropastoril (SCHÄFER et al, 2017, p. 64).

O município fica localizado em uma área formada por um complexo lagunar composto por dezesseis (16) corpos hídricos, sendo que destes, doze (12) são lagoas, quatro (4) são lagos e o município tem uma área de faixa litorânea com cerca de quatro (4) quilômetros, composta por duas praias, Mariapólis e Atlântida Sul. É uma das poucas cidades brasileiras que reúne serra, lagoas e mar em um mesmo lugar. Ladeada pelo Oceano Atlântico (SCHÄFER et al, 2017, p. 28).

Figura 2: Limites do município de Osório, Rio Grande do Sul, Brasil.



Fonte: http://www.ufrgs.br/tri/sead/polos/imagens/polo-osorio-mapa/image_view_. Acesso em: setembro de 2022.

O município abriga ainda vestígios das transgressões e regressões marítimas que formaram o Litoral do Rio Grande do Sul (formação que se deu na Era Cenozoica, no período Quaternário que teve seu início há cerca 1,6 milhões de anos), tendo se revelado nos últimos anos um sítio arqueológico de fósseis marinhos. Esta miríade de elementos naturais, que compõem o cenário em que o município está inserido, demonstram sua riqueza biodiversa e atentam para a importância de a população conhecer e preservar tamanha biodiversidade.

A importância da preservação da Mata Atlântica foi fator determinante para, no ano de 2008, instituir-se a Área de Preservação Ambiental (APA) Morro de Osório. Uma área de 6.896,75 hectares que visa o uso sustentável dos recursos naturais e a preservação do bioma. Atualmente, o turismo tem crescido nesta área, tal como, práticas esportivas como motocross, skate, ciclismo e parapente. Estas atrações buscam invocar usos ecológicos dos aspectos ambientais do município que conta, além disso, com esportes aquáticos diversos praticados em seu complexo lagunar e faixa litorânea.

Historicamente, o município de Osório utilizava-se de seu complexo lagunar no transporte de cargas através da navegação lagunar, possuía transporte ferroviário que ligava Osório ao município de Palmares do Sul, de onde eram transportadas as cargas que faziam o trecho lagunar Osório-Torres. O mirante do município, inicialmente foi construído na base do

sistema de antenas de televisão do Morro da Antena, como ficou conhecido o ponto mais alto do Morro de Osório. O Morro da Antena abriga as antenas de transmissão de televisão, rádio e internet que comunicam sinais para o Litoral Norte, tendo sido (o mirante) transferido para um ponto que não utilizasse a estrada íngreme que leva às antenas e a rampa de voo livre. As praias do município são visitadas por turistas de todo estado na temporada de veraneio e utilizadas pela população local durante o ano todo para lazer, pesca, surf, kitesurf, entre outras práticas esportivas.

A diversidade de ecossistemas presentes na área do município torna o contato com a natureza de fácil acesso à população local e aos visitantes. A presença de diversos pontos de beleza natural torna possível que a administração municipal estimule novos olhares para as ações e políticas de desenvolvimento que visem à agenda ambiental. Osório tem tido investimentos em projetos que estimulam a reciclagem, como o Projeto Jogue Limpo com Osório, que busca incentivar a reciclagem através de coleta seletiva e de cooperativas de reciclagem; o comércio local e práticas ecológicas no turismo, trazendo eventos esportivos e culturais que estimulem a população local a conhecer as práticas esportivas que podem ser realizadas no município e as manifestações culturais locais, buscando impulsionar o desenvolvimento do município com responsabilidade ecológica.

Segundo o plano diretor (2006), o município “busca preservar o meio ambiente, harmonizando natureza e tecnologia num mesmo lugar, o que a transforma numa cidade ecológica, moderna e com excelente qualidade de vida” (PLANO DIRETOR, 2006). Estes objetivos estão refletidos em programas de coleta seletiva de resíduos, de recolhimento de resíduos eletrônicos, de coleta de óleo de cozinha e pilhas, central de transbordo de calças, cooperativa de reciclagem e incentivos aos esportes e turismo local.

Quanto aos pontos de belezas naturais e elementos de natureza que compõem a caracterização do município destacaram-se alguns durante a pesquisa, mencionados por um ou mais entrevistados, como, por exemplo: locais de lazer, como a orla da Lagoa do Marcelino e o camping da Lagoa do Peixoto; como as lagoas em geral, no aspecto de contemplação da paisagem; o Morro de Osório e as praias (belezas naturais). Alguns elementos de natureza foram destacados pelos entrevistados, tais como, a fauna e a flora, os ventos e o clima local.

A seguir serão apresentados alguns destes pontos de belezas naturais relatados pelos entrevistados, afim de ilustrar o belo natural local, visando uma compreensão do local de pesquisa.

Morro de Osório (Figuras 3 e 4): constitui-se de uma unidade de conservação de uso sustentável, a Área de Proteção Ambiental – APA Morro de Osório (estabelecida no ano de 2008), com uma área de aproximadamente 6.900 hectares (segundo a Secretaria de Meio Ambiente do Estado – SEMA) e uma altitude que varia de 50 a 400 metros; é o remanescente

mais ao sul de Mata Atlântica no país. A área urbana de Osório está localizada ao pé do morro e possui acesso pelas margens da Rodovia Federal BR-101.

Figura 3: Vista do Morro de Osório ao entardecer.



Fonte: Imagem produzida pela autora deste documento.

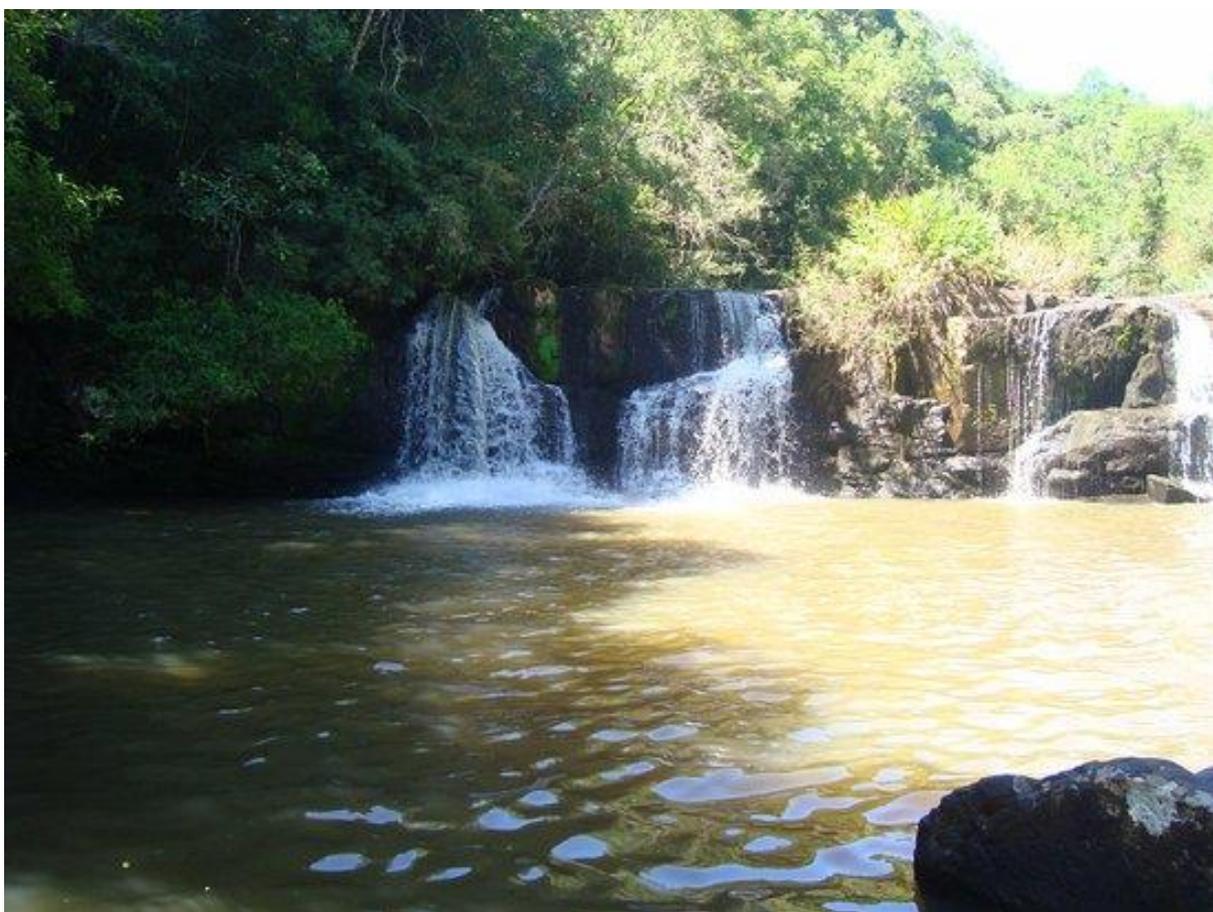
Figura 4: Vista do Morro de Osório.



Fonte: Imagem produzida pela autora deste documento.

Cascata da Borrússia: a cascata fica localizada dentro da Área de Proteção Ambiental – APA Morro de Osório, na localidade da Borrússia; é uma área de propriedade particular e residencial, com cascata e trecho de rio, onde no verão muitos turistas e moradores locais buscam lazer e descanso. Possui estruturas de lazer como churrasqueira, banheiros, bancos e mesas, para uso coletivo que são mantidas pelos proprietários, justificando assim a cobrança de ingresso no local. Fica a cerca de 10 (dez) quilômetros do centro da cidade de Osório, isso considerando partir do acesso ao Morro de Osório, localizado no centro da cidade na lateral da Rodovia BR-101.

Figura 5: Cascata da Borrússia.



Fonte: https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g1936528-d12206791-i299712688-Sitio_Cascata_da_Borussia-Osorio_State_of_Rio_Grande_do_Sul.html. Acesso em: janeiro de 2023.

Praias de Mariápolis e Atlântida Sul: São duas praias (balneários) com faixa total de cerca de quatro quilômetros de extensão, localizadas lado a lado. Caracterizadas por suas ondas agitadas, mar gelado e os ventos fortes, características que tornam estas praias local utilizado para a prática de esportes aquáticos, tais como *kitesurf* e *windsurf*. No período do verão atrai turistas e a população local que buscam lazer.

Figura 6: Praias de Mariápolis e Atlântida Sul.



Fonte: <https://www.brasil-turismo.com/rio-grande-sul/osorio.htm>. Acesso em janeiro de 2023.

Mirante do Morro de Osório: área a 398 metros de altitude, localizado dentro da Área de Proteção Ambiental – APA Morro de Osório, onde se encontra um mirante, em um prédio institucional, com estrutura para receber visitantes (plataforma, torre de observação, salas comerciais, banheiros, WiFi, estacionamento), sendo possível contemplar a partir deste ponto o município de Osório e parte do Litoral Norte.

Figura 7: Mirante do Morro de Osório.



Fonte: <https://www.facebook.com/mirantedomorrodaborussia/> Acesso em: janeiro de 2023.

Lagoa do Peixoto: localizada nos arredores da cidade, em área de expansão urbana, ainda pouco urbanizada, possui uma área de camping altamente frequentada no verão na busca de lazer por turistas e locais. O camping possui estruturas para lazer, como campo de futebol, banheiros e bar, mantidos por meio de concessão pública. Fica localizada a cerca de 6 km do centro da cidade.

Figura 8: Lagoa do Peixoto.



Fonte: <http://unterwegsr.s.blogspot.com/2017/02/paisagens-do-litoral-norte-gaucho.html> Acesso em: janeiro de 2023.

Lagoa do Marcelino: Localizada no centro urbano do município, a lagoa teve um alto impacto causado pela atividade antrópica (devido ao fato de antigamente a cidade captar água e despejar efluentes tratados neste corpo hídrico), não sendo possível, atualmente, seu uso para fins aquáticos, devido a sua classificação, Classe IV, dos usos das águas de acordo com resolução do CONAMA, Nº 88.351, de 1º de junho de 1983. Atualmente está em processo de revitalização da orla e conta com estruturas para lazer como pracinha, pista para caminhadas, banheiros e academia ao ar livre. É utilizada pela população local para lazer, práticas esportivas e realização de eventos por parte da administração pública.

Figura 9: Lagoa do Marcelino.



Fonte: Imagens produzidas pela autora deste documento.

Lagoa dos Barros: localizada na divisa com o município de Santo Antônio da Patrulha, esta lagoa é um ponto de turismo muito visitado, contando com diversos balneários, mas que ainda tem um status de conservação preservado. Comumente utilizada pela população local e por turistas para a prática de esportes aquáticos, como Kitesurf, Windsurf e Stand-up Paddle, assim como para banho, lazer e descanso, sendo utilizada ainda para a captação de água para a rizicultura (plantações de arroz) por produtores locais. Fica a cerca de 10 km do centro da cidade.

Figura 10: Lagoa dos Barros.



Fonte: Imagens produzidas pela autora deste documento.

Estes são alguns pontos turísticos ou de lazer no município, destacados durante a pesquisa pelos entrevistados, sendo em sua maioria belezas naturais, como lagoas, morro, mata, paisagens, entre outros. Utilizando do conhecimento da biodiversidade que o município apresenta, aqui destacada, nesta pesquisa o foco serão as belezas naturais locais (e elementos de natureza que compõem a paisagem local) e a produção artística inspirada por esses espaços, analisando a experiência estética de artistas locais e se ocorre uma sensibilização ecológica a partir desta vivência.

1.2 Metodologia

A presente pesquisa tem quanto à abordagem utilizada métodos qualitativos, que visem aprofundar a compreensão do tema proposto, pois, segundo Bauer e Gaskell (2008, p. 57) “toda pesquisa qualitativa [...] busca a tipificação da variedade de representações das pessoas no seu mundo vivencial, mas, sobretudo, objetiva conhecer a maneira como as pessoas se relacionam com seu mundo cotidiano”, enquadrando-se nos objetivos propostos nesta pesquisa. Ainda quanto às características da pesquisa qualitativa Minayo (2014, p. 21) define que “a pesquisa qualitativa se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes”, característica condizente com os objetivos traçados para esta pesquisa de compreender a relação dos artistas locais com o belo natural e os elementos de natureza presentes no município de Osório. Em relação à metodologia a presente pesquisa pode ser encaixada na denominação descritivo-explicativa, pois visou identificar os fatores que determinam o tema proposto e descreveu a realidade do assunto no cenário proposto. Abaixo serão apresentados em formato de tabela (Quadro 1) os tipos de pesquisa utilizados nesta pesquisa.

Quadro I: Descrição da pesquisa de acordo com Gil (2002).

Tipo de Pesquisa	Descrição
PESQUISA PURA	Que visa a aquisição de conhecimento de forma teórica, sem finalidade prática.
METODOLOGIA DESCRITIVO-EXPLICATIVA	Tem o intuito de descrever e caracterizar um fenômeno e explicar suas causas.
PROCEDIMENTOS PRÁTICOS DE LEVANTAMENTO	Interrogação direta de pessoas cujo comportamento deseja-se conhecer.
ANÁLISE DE DADOS FENOMENOLÓGICA	Busca compreender o fenômeno, nem o sujeito e nem o mundo.

Quadro elaborado pela autora deste documento com base em Gil (2002) “Como Elaborar projetos de pesquisa”.

O tratamento das entrevistas foi realizado através de um roteiro semiestruturado (presente no Apêndice A deste documento). As entrevistas não necessariamente seguiram a ordem proposta no roteiro, mas mantiveram uma ordem lógica de raciocínio, conforme as respostas dadas pelo entrevistado e sua relação com os objetivos da pesquisa.

A escolha por entrevistar artistas locais que parecem utilizar as belezas naturais e elementos da natureza locais como inspiração para expressar sua arte vem do fato deles possuírem a habilidade de transformar sua experiência estética em material artístico, sendo nas diferentes formas de arte, as criações são representações de suas percepções do ambiente e experiências estéticas da natureza. Artistas tem a aptidão para desenvolver suas percepções sobre determinado aspecto do seu meio e expressá-las, utilizando diferentes técnicas para produzir uma impressão da realidade vivenciada.

Os artistas selecionados para a presente pesquisa foram sugeridos pelos membros da banca avaliadora do projeto de qualificação, assim como pela orientadora deste projeto e também, por alguns dos artistas entrevistados primeiramente. A única inclusão feita pela pesquisadora foi de uma das artistas plásticas/visuais entrevistadas, Raquel Ferri, que é irmã da pesquisadora e sua entrevista serviu como entrevista piloto desta pesquisa, tendo sido utilizados os seus relatos pela consistência com os objetivos da pesquisa. Nenhum dos entrevistados foi previamente abordado pela pesquisadora no sentido de influenciar os relatos, o primeiro contato com os entrevistados foi o convite de participação na pesquisa, realizado por telefone (mensagens por aplicativo), e nele foi apenas relatado sobre qual tema

a pesquisa se tratava. Todos os entrevistados aceitaram por meio de mensagens de texto participar da pesquisa e ter seus relatos registrados e divulgados.

Foram selecionados dez artistas, de diferentes formas de expressões artísticas (visando uma apreensão mais ampla da compreensão da arte e diferentes processos criativos), sendo os artistas escolhidos das áreas das artes plásticas/visuais, da literatura e da música. No total, foram entrevistados três artistas da área da literatura (poesias), três da área da música e quatro na área das artes plásticas/visuais.

Abaixo um quadro (Quadro II) demonstrando o número de artistas, suas expressões artísticas e seu nicho de arte.

Quadro II: Seleção de artes e nichos artísticos escolhidos para a pesquisa.

ÁREA ARTÍSTICA	TIPO DE ARTE	NICHO
Música	Músico instrumentista/compositor	Tradicionalismo/Regionalismo
Música	Músico instrumentista/compositor	Maçambiqueiro
Música	Multi-instrumentista	Diversos
Literatura	Poeta/romancista	Poesias
Literatura	Poeta/historiadora	Poesias
Literatura	Poeta/romancista	Poesias
Artes Plásticas	Artista plástica/ceramista/artista criativa	Impressões botânicas/ tingimento natural
Artes Plásticas	Artista plástica	Ceramista
Artes Plásticas	Artista visual e plástica	Pinturas em tela/instalações artísticas
Artes Plásticas	Artista visual e plástica	Ceramista

Quadro elaborado pela autora deste documento.

As entrevistas foram realizadas durante o mês de setembro de 2022, de forma individual, na residência dos artistas, com sua prévia autorização. Durante as entrevistas, foi possível realizar a observação do local onde os artistas trabalham, produzem suas obras artísticas, assim como conhecer melhor suas obras, através de relatos pessoais nos quais eles descreveram seus processos criativos e puderam demonstrar seu espaço e a dinâmica envolvida na sua relação com este espaço e suas criações.

As gravações das entrevistas, realizadas com autorização dos entrevistados, tiveram um tempo de variação entre trinta (30) minutos a uma hora, não excedendo muito este intervalo de tempo. A visitação nas residências teve um período mais longo, principalmente, entre os artistas que convivem mais com suas criações e assim puderam demonstrá-las e contar sua experiência de produção.

A ordem desenvolvida na escrita desta dissertação é a seguinte:

No primeiro capítulo, apresentação e discussão de alguns conceitos utilizados durante a pesquisa, como, natureza e ambiente, buscando alinhar a compreensão da pesquisadora

com a do leitor; trazendo na sequência uma análise sobre a Educação Ambiental, os principais debates sobre o tema em nível global; a inserção da Educação Ambiental no Brasil; algumas de suas vertentes e trazer algumas características da vertente da Ecopedagogia, escolhida nesta pesquisa como orientadora dos meios de pesquisa por suas principais particularidades. Em seguida algumas considerações sobre a Ética Ambiental tornando possível ao longo da pesquisa analisar os aspectos subjetivos e constituintes das percepções de mundo, trazendo o contexto da individualidade do ser humano em sociedade.

No segundo capítulo, a pesquisa fala sobre a Percepção Ambiental, partindo da percepção em geral, necessária para a compreensão da existência até a percepção ambiental, com uma breve análise das principais relações do ser humano com o meio em que vive. Na sequência a pesquisa fala sobre a estética, trazendo conceituações do belo e do sublime de acordo com as teorias kantianas e relacionando estes conceitos com a Experiência Estética, no que se relaciona ao artista, suas percepções de mundo e a natureza envolvida nos processos criativos. Trazendo também as conceituações de artista reveladas através da perspectiva kantiana.

No terceiro capítulo, são abordados os relatos obtidos nas entrevistas, iniciando por uma breve apresentação dos artistas entrevistados. Seguindo com a análise das entrevistas realizadas e demonstrações das obras produzidas pelos artistas entrevistados que foram mencionadas por eles como tendo sido inspiradas pelas belezas naturais de Osório e os relatos dados pelos artistas sobre a produção dessas obras.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Os conceitos utilizados ao longo de uma pesquisa são relacionados, em geral, a formação acadêmica do pesquisador. Este fato, por si só, não parece algo que possa gerar equívocos na compreensão do tema de pesquisa, mas alguns conceitos diferem em suas interpretações, variando de acordo com a área de conhecimento. Assim, uma estratégia para evitar ambiguidades e alinhar o pensamento do pesquisador com o leitor é utilizar-se, em um primeiro momento da escrita do documento referente à pesquisa, de uma conceitualização, geralmente, relacionada ao embasamento teórico da pesquisa, ou referenciando materiais literários produzidos que relatam pesquisas relacionadas ao tema proposto pelo pesquisador.

Na presente pesquisa os conceitos de Ambiente e Natureza aparecem recorrentemente, e para que haja um alinhamento da compreensão da autora desta dissertação com o leitor, a seguir serão descritos os supracitados conceitos. Na sequência deste capítulo, falaremos, brevemente, sobre os históricos da Educação Ambiental, sobre a Ecopedagogia, a Ética Ambiental e a Ecologia Profunda, elementos que compõem a pesquisa e que tornam possível compreender as relações humanas com o ambiente e a natureza, tanto no que se refere a sociedade como nos aspectos subjetivos.

No processo de elaboração da pesquisa não foram encontrados materiais científicos produzidos por pesquisas semelhantes, relacionadas ao tema proposto, pois estudos sobre a percepção ambiental e experiência estética não foram encontrados quando a análise se relacionava a artistas, de diferentes áreas das artes, em um contexto em que o fator principal analisado fosse a relação do objeto de pesquisa com as belezas naturais e elementos de natureza de um determinado município nas suas produções artísticas.

2.1 Ambiente e Natureza

As questões ambientais são temas relevantes para diferentes áreas do conhecimento nos debates que buscam solucionar, mitigar ou evitar problemas envolvendo recursos de natureza ou ecossistemas. Eventos internacionais relatam o cenário da sociedade sobre as questões ambientais desde os anos de 1960, trazendo para debates internacionais os pontos relevantes para uma conservação da biodiversidade e um desenvolvimento sustentável.

Nessa busca por compreender o panorama mundial, no que tange às questões ambientais, as diferentes áreas do conhecimento foram alinhando a conceituação de alguns termos relacionados ao tema. Alguns deles tinham, inicialmente sentidos diversos quando expostos por diferentes estudiosos. Atualmente busca-se sincronizar os discursos, facilitando a compreensão das questões debatidas na esfera ambiental.

Alguns dos termos utilizados no debate das questões ambientais são: ambiente, natureza, meio ambiente, paisagem, recursos de natureza, entre outros. Buscando uma

melhor compreensão da relação destes termos com a presente pesquisa nos próximos parágrafos estão descritos, sucintamente, alguns desses conceitos, que permeiam a pesquisa, baseados em autores que estão em sintonia com as concepções trabalhadas nesta pesquisa.

Começando com a conceituação de Ambiente, este pode ser considerado, de acordo com Santos (1996, p. 22) em sua análise dos estudos de Gilberto C. Gallopín sobre a sustentabilidade, presente no livro “Desenvolvimento sustentável, Teorias, Debates, Aplicabilidades”, organizado por Rodrigues e publicado em 1996, como “o resultado de uma divisão do mundo em objetos e nas condições que possibilitam sua existência, ou seja, seu ambiente.”, revelando uma visão que tem foco na sobrevivência do ser, ou seja, no ambiente que dê conta de suas necessidades. Nesse sentido, o conceito de Ambiente de acordo com o apresentado por Gallopín (1986, p. 152) “[...] é um construto intelectual, não necessariamente uma propriedade básica da natureza; um construto, além disso, destacando mais as diferenças do que a unidade e realidade básica relacional da Natureza”, complementando que

[...] o ambiente de um sistema humano pode então ser visto como um conjunto de fatores ou variáveis que não pertencem ao sistema, mas estão diretamente conectados a elementos ou sistemas do sistema em consideração. (GALLOPÍN, *in* LEFF, 1986, p. 152)

Ambiente, portanto, no contexto da presente pesquisa, refere-se à Natureza pensada ou representada pela mente humana, isto é, à realidade apreendida, àquilo a que estamos conscientes através da percepção. Podendo ser compreendido também como o que da Natureza é conhecido pelo social, o que está presente nas formas perceptíveis ao humano. Uma construção humana influenciada por sua história. Faz referência à reunião dos Meios Ambientes conhecidos pelo homem e que é formado por fenômenos que podemos representar e que são capazes de entrar em reação com um organismo, mas que ainda não foram chamados a fazer.

Ainda na visão de Leff (2001) sobre a composição do conceito de Ambiente, considerando os fatores humanos como parte da equação e trazendo um complexo entendimento das relações envolvidas no processo de análise do ambiente, o autor nos relata que:

O ambiente é integrado por processos, tanto de ordem física como social, dominados e excluídos pela racionalidade econômica: a natureza superexplorada e a degradação socioambiental, a perda de diversidade biológica e cultural, a pobreza associada à destruição do patrimônio de recursos dos povos e a dissolução de suas identidades étnicas, a desigual distribuição dos custos ecológicos do crescimento e a deterioração da qualidade de vida. Ao mesmo tempo, o ambiente surge como um novo potencial produtivo, resultado da articulação de processos de ordem natural

e social que mobiliza a produtividade ecológica, a inovação tecnológica e a organização cultural (LEFF, 2001, p. 224)

Trazendo a visão de integração dos processos que constituem o ser e seu entorno, buscando relacionar as ações humanas com as questões ambientais no âmbito sociológico, como uma análise da composição atual da sociedade e como o modelo atual de produção e consumo alteram o equilíbrio ecológico. Ainda segundo o autor ao trazer uma definição de Ambiente Leff (2009) fala que

O ambiente é concebido como um sistema complexo que articula os diferentes processos de ordem física, biológica, cultural, ideológica, política e econômica, os quais confluem e definem um potencial produtivo para um desenvolvimento sustentável, e um novo conceito que gera uma nova racionalidade social: uma racionalidade ambiental. (LEFF, 2009, p. 329)

Leff (2009) traz uma relação direta de sua conceituação de Ambiente com os discursos ambientais, no que se refere ao sistema integrado de fatores que compõem o Ambiente e sua relação com o ser humano. Tim Ingold (2011) nos traz a reflexão sobre uma possível compreensão distorcida sobre ambiente e busca reconhecer que vivemos o nosso meio ambiente, sendo assim, somos parte dele. As teorias de Ingold sobre o ambiente é, em partes, complementada na obra de Enrique Leff, pois, segundo o economista, o ambiente não é ecologia, mas a complexidade do mundo, constituída por um saber sobre as formas de apropriação deste e da natureza, através de relações de poder que se inscreveram nas formas dominantes do conhecimento.

Já Meio Ambiente é algo que envolve ou cerca um indivíduo em particular, necessita da percepção de alguém, é subjetivo, e é, segundo Lewontin (2002, p. 54), “a penumbra das condições externas que para ele são relevantes em face das interações efetivas que mantêm com aqueles aspectos do mundo exterior”, em outras palavras, condições externas estas que podem variar dependendo do que é relevante para um determinado organismo ou espécie. Sendo assim, compreender estas relações entre organismo e Meio Ambiente é, segundo o filósofo Heredia (2011, p. 75), “reconhecer os signos que a espécie é capaz de perceber, é relacioná-los com suas ações, é definir seu círculo funcional e, portanto, seu ambiente operacional”. Ainda segundo o filósofo:

Meio ambiente corresponde à relação específica que os seres constroem e mantêm com o mundo. Um animal, por exemplo, só percebe o que “deve perceber”, leva em conta seus signos e ignora o resto. Isso ocorre devido a seus diferentes receptores e efetores, também denominados de órgãos perceptivos e operacionais, respectivamente”, revelando a subjetividade do conceito de Meio Ambiente e sua intrínseca relação com cada espécie existente em um determinado Ambiente. (HEREDIA, 2011, p. 70 – tradução própria)

Heredia debate na citação acima questões que permeiam a percepção do ser, revelando a importância dos signos dados as coisas como as percebemos. O autor defende

a ideia de um Meio Ambiente que está atrelado a relação de um ser com determinado Ambiente.

Na conjuntura das sociedades humanas percebemos o meio ambiente não como a soma de tudo que existe, como anteriormente citado, mas sim, como um lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em influência mútua. De acordo com Reigota (1998, p.14) tais interações “resultam na criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído”. O meio ambiente humano, como alguns autores se referem considerando a interação do ser humano com o ambiente para compor o meio ambiente, é determinado temporalmente e percebido em função de representações particulares; “está em relação dinâmica no sentido de que é permanentemente construído e, portanto, estabelecido e caracterizado por diferentes culturas em espaços específicos”, ainda de acordo com as conceituações de Reigota (1998; 2009). Essas relações e percepções do ambiente relacionam o meio ambiente, diretamente, com o contexto presente, pois são mutantes por serem projeções da vida humana, assim quando tratamos de questões ambientais, geralmente, refere-se ao meio ambiente humano, ou seja, a relação do ser humano com o ambiente no contexto presente.

Sendo assim, Meio Ambiente, no contexto da presente pesquisa, parece dar conta dos elementos que envolvem ou cercam uma espécie ou indivíduo em particular e que são relevantes para o mesmo e entram em interação efetiva. Distingue-se por ser um espaço delineado pelas atividades do próprio ser; determinado em função de particularidades inerentes aos seres vivos. Refere-se, então, aos fenômenos que entram efetivamente em relação com um organismo particular, que são imediatos, operacionalmente diretos e significativos.

Sobre o conceito de Natureza, Morin traz uma visão mais próxima da realidade atual dos debates sobre as questões ambientais quando coloca o ser humano de volta no conjunto de componentes da Natureza e não acima e nem destacado desta. Na visão de Lenoble (2002), a Natureza que o homem conhece é sempre pensada, não sendo necessariamente um objeto real, mas sim uma criação humana e, portanto, uma abstração. Gerando uma imagem debatida pela Filosofia, de relação do mundo material e das ideias, trazendo a abstração como criação de um objeto real, ou uma série deles.

Portanto, no que se refere ao conceito de Natureza, se é que se admite que ela exista, independentemente da existência e/ou conhecimento da espécie humana, então ela engloba não só o que o ser humano não conhece, mas também o que conhece, pode perceber/conhecer, inclusive quanto à sua própria espécie e as inter-relações dinâmicas que nela ocorrem. Considerando que os elementos da Natureza, que são relevantes para a existência e a sobrevivência humana (o Meio Ambiente humano), diferem daqueles

necessários à sobrevivência das demais espécies vegetais e animais, pois cada uma possui seu Meio Ambiente.

Diante das análises feitas aqui sobre o vocábulo Ambiente podemos concluir que se distancia do termo Natureza no que se refere à percepção do homem interagindo com esse espaço natural. Porém, os termos se aproximam quando esta referência acontece em relação aos impactos ambientais debatidos atualmente.

2.2 Um breve histórico da Educação Ambiental

Os primeiros registros da utilização do termo “Educação Ambiental” datam do ano de 1948, tendo sido citado em um encontro da União Internacional para a Conservação da Natureza¹, ocorrido em Paris. Porém, as diretrizes da Educação Ambiental começaram a serem definidas a partir da Conferência Mundial de Meio Ambiente Humano de Estocolmo². Este foi o primeiro evento realizado pela Organização das Nações Unidas (ONU) para debater a preservação ambiental, no ano de 1972, na qual foi atribuída a inserção da temática da Educação Ambiental na agenda internacional. Já em 1975, foi apresentado em Belgrado, na antiga Iugoslávia, o Programa Internacional de Educação Ambiental, em que foram definidos os princípios e orientações para o futuro no tema.

Cinco anos após a Conferência de Estocolmo, em 1977, aconteceu em Tbilisi, na Geórgia, antiga União Soviética, a Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, cuja organização ocorreu a partir de uma parceria entre a UNESCO e o então recente Programa de Meio Ambiente da ONU (PNUMA). Foi deste encontro, do qual o Brasil participou, que saíram as definições, objetivos, princípios e estratégias para a Educação Ambiental a nível mundial. Outro documento internacional de relevância sobre o tema é o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (MEC, 1992) elaborado pela sociedade civil planetária em 1992 no Fórum Global, durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, conhecida como Rio 92. Neste documento ficam estabelecidos os princípios fundamentais da educação para sociedades sustentáveis, destacando a necessidade da formação de um pensamento crítico, coletivo e solidário, de interdisciplinaridade, de multiplicidade e diversidade. Este estabelece ainda uma relação entre as políticas públicas de Educação Ambiental e sustentabilidade, apontando princípios e um plano de ação para educadores ambientais. Trazendo os

¹ Teve seu início logo após a Segunda Guerra Mundial, tendo como objetivo influenciar, encorajar e dar assistência a sociedades que tenham interesse na conservação da natureza, tendo sido proposta antes mesmo da criação das Nações Unidas.

² A Conferência de Estocolmo contou com representantes de 113 países, entre eles o Brasil, e de 400 organizações governamentais e não-governamentais. Houve duas posições antagônicas nesta conferência: os países desenvolvidos que defendiam o preservacionismo e os países em desenvolvimento, que alegavam a utilização dos recursos naturais para sua promoção econômica.

processos participativos voltados para a recuperação, conservação e melhoria do meio ambiente e da qualidade de vida.

O Tratado tem certa relevância por ter sido elaborado no âmbito da sociedade civil e por reconhecer a Educação Ambiental como um processo político dinâmico, em permanente construção, orientado por valores baseados na transformação social. Outro documento, também concebido e aprovado pelos governos durante a conferência Rio 92, a denominada Agenda 21 (MMA, 1992), é um plano de ação adotado globalmente por organizações participantes do sistema das Nações Unidas, governos e pela sociedade civil.

Já no século XXI, no ano de 2002, foi realizada em Johannesburgo, África do Sul, a Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, que ficou conhecida como Rio +10, por ter sido realizada dez anos depois da Conferência de 1992 no Rio de Janeiro. Seu objetivo era avaliar as aplicações, o progresso das diretrizes estipuladas na Conferência Rio 92 (DIAS, 2000). Na elaboração da Agenda 21 (MMA, 1992), o conceito de Educação Ambiental foi renomeado de Educação para o Desenvolvimento Sustentável, apesar de muitos autores no Brasil ainda utilizarem o termo Educação Ambiental.

No Brasil, a Educação Ambiental teve sua primeira menção na Lei Federal Nº 6938, de 1981, que institui a Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), tendo sido apontada a necessidade da Educação Ambiental em todos os níveis escolares. No ano de 1996 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei Nº 9394, define que “a mesma não deve constituir disciplina específica, devendo ser trabalhada como questão de desenvolvimento de hábitos saudáveis e atitudes em prol da conservação ambiental e respeito à natureza”. Já em 1999, a Lei Federal Nº 9.795, institui a Política Nacional de Educação Ambiental – PNEA, em que são definidos os princípios da Educação Ambiental no país em todos os níveis escolares, visando uma interação desta com todos os ambientes acadêmicos como tema transversal. Atualmente no Brasil a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017, traz como incumbência das redes e sistemas de ensino a abordagem de temas atuais que interferem na vida humana na escala, global, regional e local, incluindo entre estes temas a Educação Ambiental, sendo essa a orientação para as escolas nos diferentes níveis escolares. Nas palavras da BNCC:

Cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. Entre esses temas, destacam-se: direitos da criança e do adolescente (Lei nº 8.069/199016), educação para o trânsito (Lei nº 9.503/199717), educação ambiental (Lei nº 9.795/1999, Parecer CNE/CP nº 14/2012 e Resolução CNE/CP nº 2/201218), educação alimentar e nutricional (Lei nº 11.947/200919), processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso (Lei nº 10.741/200320), educação em direitos humanos (Decreto nº 7.037/2009, Parecer CNE/CP nº 8/2012 e Resolução CNE/CP nº

1/201221), educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena (Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008, Parecer CNE/CP nº 3/2004 e Resolução CNE/CP nº 1/200422), bem como saúde, vida familiar e social, educação para o consumo, educação financeira e fiscal, trabalho, ciência e tecnologia e diversidade cultural (Parecer CNE/CEB nº 11/2010 e Resolução CNE/CEB nº 7/201023). Na BNCC, essas temáticas são contempladas em habilidades dos componentes curriculares, cabendo aos sistemas de ensino e escolas, de acordo com suas especificidades, tratá-las de forma contextualizada. (BNCC, 2017, p. 19)

Partindo da análise dos parâmetros estabelecidos pela BNCC diversos autores brasileiros, especialistas em educação se debruçaram sobre o assunto, gerando assim algumas correntes na Educação Ambiental, conforme seus ideais para a mesma contemplando não apenas o ambiente escolar em suas proposições.

Segundo Sauv  (2005), o processo analítico identificou Educa es Ambientais com várias denomina es: Humanista, Conservacionista, Sist mica, Problematizadora, Naturalista, Científica, Moral, Biorregionalista, da Sustentabilidade, Crítica, Etnográfica, Feminista, entre outras possibilidades nos contextos nacionais e internacionais. Identificou-se, inicialmente por Sorrentino (1995), a existência de quatro vertentes: conservacionista, ao ar livre, relacionadas   gestão ambiental e   economia ecológica, sendo ampliado o campo de discussão às vertentes internacionais atuais. Enquanto alguns dos principais teóricos da Educa o Ambiental brasileira temos Isabel Cristina de Moura Carvalho e Mauro Guimarães que debatem a Educa o Ambiental Crítica, Maria Rita Avanzi e Aloísio Ruscheinsky como autores sobre a Ecopedagogia, Gustavo Ferreira de Costa Lima debatendo propostas da pedagogia para a Educa o Ambiental, Carlos Frederico B. Loureiro como autor sobre a Educa o Ambiental Transformadora e Marcos Sorrentino que discute as vertentes Educa o Ambiental, para citarmos somente alguns.

Loureiro (2004, p. 66), nos fala que a Educa o Ambiental “  uma perspectiva que se inscreve e se dinamiza na própria educa o, formada nas rela es estabelecidas entre as múltiplas tendências pedagógicas e do ambientalismo, que têm no “ambiente” e na “natureza” categorias centrais e identitárias”. Neste contexto, segundo Reigota (1998), a Educa o Ambiental aponta para propostas pedagógicas centradas na conscientiza o, mudança de comportamento, desenvolvimento de competências, capacidade de avalia o e participa o dos educandos. Para Pádua e Tabanez (1998), a Educa o Ambiental propicia um aumento de conhecimentos, mudança de valores e aperfei amento de habilidades, condi es básicas para estimular maior integra o e harmonia dos indivíduos com o meio ambiente.

O termo Educa o ambiental ainda   amplamente utilizado no Brasil, a fim de descrever as a es, atividades e iniciativas que contemplem um desenvolvimento sustentável. Em outros países já se discute o termo Educa o para o Desenvolvimento Sustentável.

Segundo a UNESCO, Educação Ambiental e Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2004) diferem nos seguintes termos:

A educação para o desenvolvimento sustentável não deve ser equiparada à educação ambiental. Esta última é uma disciplina bem estabelecida, que se concentra na relação da humanidade com o ambiente natural e nas maneiras de conservá-lo e preservá-lo e administrar adequadamente seus recursos. O desenvolvimento sustentável engloba, (...), a educação ambiental, enquadrando-a no contexto mais amplo dos fatores socioculturais e das questões sociopolíticas de equidade, pobreza, democracia e qualidade de vida. A perspectiva do desenvolvimento – a da mudança social e das circunstâncias em evolução – também é central para qualquer tratamento do desenvolvimento sustentável. O conjunto de objetivos de aprendizagem do desenvolvimento sustentável é, portanto, amplo. O desenvolvimento sustentável deve ser integrado a outras disciplinas e não pode, por sua abrangência, ser ensinado como uma disciplina discreta. (UNESCO, 2004, p. 17. Tradução própria)

Tendo em vista que as propostas de Educação Ambiental não contemplam apenas o espaço escolar, ou não se restringem a pequenas ações de conscientização, mas vão muito além disso, as questões discutidas pela Educação para o Desenvolvimento Sustentável, de acordo com a UNESCO, refletem sobre a agenda ambiental quanto aos múltiplos aspectos que a influenciam, trazem dessa maneira uma abordagem multidisciplinar e que pode ser utilizada não apenas no ambiente escolar, mas também em ações, programas, campanhas e práticas que contemplem toda a sociedade.

2.3 Ecopedagogia como forma de debate sobre questões ambientais

Quanto à vertente escolhida nesta dissertação, como forma de debater a Educação Ambiental, em sua forma mais ampla e não restrita a ao ambiente escolar, serão utilizados os conceitos da Ecopedagogia, devido ao foco desta vertente em debater as questões ambientais no âmbito das relações e valores da sociedade. Sobre esta caracterização da Ecopedagogia, a autora Maria Rita Avanzi destaca, em seu texto intitulado Ecopedagogia, presente na publicação “Identidades da Educação ambiental Brasileira”, de 2004, que:

Situando o *locus* da mediação pedagógica como sendo a vida cotidiana, a Ecopedagogia enfatiza as interconexões entre os seres humanos, os fenômenos naturais e os sociais. Se o que se busca é uma profunda mudança de valores, relações, significações, entende-se que o processo pedagógico deve desenvolver atitudes de abertura, interação solidária, subjetividade coletiva, sensibilidade, afetividade e espiritualidade. (AVANZI, 2004, p. 45)

Sendo assim a Ecopedagogia vem discutir as questões sociais envolvidas na Educação Ambiental, de modo amplo e que considera os fatores naturais e sociais. Compreendendo que, o que se procura na Ecopedagogia é uma mudança de paradigma da sociedade que reestabeleça as relações em comunidade e ressignifique as relações humanas e sua compreensão do mundo.

Já o autor Aloísio Ruscheinsky, em seu capítulo no livro supramencionado, intitulado “Atores Sociais e Meio Ambiente: A mediação da Ecopedagogia”, complementa esta ideia quando nos revela que a Ecopedagogia propõe-se a ultrapassar o limite de ações pontuais no cotidiano, a inserir a crítica à sociedade atual em diversos aspectos, a projetar uma nova relação com a natureza fundamentada numa outra relação entre os seres humanos, trazendo a visão de que a crítica à sociedade contemporânea é uma das principais questões da Ecopedagogia. Ainda segundo o autor, o contexto de emergência da vertente da Ecopedagogia se deu no início dos anos 90, durante a elaboração da Carta da Terra³, apresentada na Conferência Eco-92, e a constituição da Agenda 21. Apresentando-se como movimento e se consolidando como um processo pedagógico com o intuito de permear todas as veias e redes sociais, torna-se visível mundialmente que estão abertas as múltiplas vias de aproximação ao envolvimento com a mesma.

Segundo Ruscheinsky, o meio mais favorável para o envolvimento com a vertente abordada se dá através do movimento ambientalista, das múltiplas experiências de Educação Ambiental, dos eventos sobre a temática ambiental, da educação popular, bem como de outros movimentos sensíveis à causa ambiental. Assim, a Educação Ambiental e suas vertentes focam em relacionar a estrutura atual de sociedade e o estilo de vida moderno às questões ambientais encaradas atualmente. Estas questões trazem um debate sobre as formas de desenvolvimento possíveis em um cenário que busca por uma sustentabilidade no estilo de vida atual.

Diversos eventos foram realizados sobre formas de desenvolvimento após a Conferência de Estocolmo em uma busca pelo “Desenvolvimento Sustentável”, sendo seu discurso modificado após estudiosos demonstrarem a incapacidade de haver tal modalidade de desenvolvimento, pois o modelo de desenvolvimento foi o fator principal que levou às questões ambientais enfrentadas atualmente (DIAS, 2000). A partir disto, passam a se discutir vários meios para reduzir os impactos causados pela exploração da natureza, como o Decrescimento, o Bem Viver, entre outros.

As questões ambientais estão cada vez mais prementes, em função do agravamento causado pelo modelo atual de desenvolvimento, e trazem uma urgência na discussão e proposição de novas políticas que contemplem o meio ambiente e que visem sua preservação. Mas, para além disso, a Ecopedagogia propõe-se a discutir as relações sociais e novos modelos de civilização que projetem o meio ambiente como parte vital da existência humana. Quanto a esta questão Gadotti (2001) reflete que:

A ecopedagogia não pode mais ser considerada como uma pedagogia entre tantas pedagogias que podemos e devemos construir. Ela só tem sentido

³ Também conhecida como Declaração do Rio de Janeiro.

como projeto alternativo global no qual a preocupação não está apenas na preservação da natureza (ecologia natural) ou no impacto das sociedades humanas sobre os ambientes naturais (ecologia social), mas num novo modelo de civilização sustentável, do ponto de vista ecológico (ecologia integral) que implica em uma mudança nas estruturas econômicas, sociais e culturais. Ela está ligada, portanto, a um projeto utópico: mudar as relações humanas, sociais e ambientais que temos hoje. A ecopedagogia amplia o nosso ponto de vista para uma consciência planetária, para uma prática de cidadania planetária e para uma referência ética, estética, ecológica e social: a civilização planetária. Como pedagogia holística, a ecopedagogia não está voltada para a “formação do homem” – a *“paideia”*, como diziam os gregos. Ela concebe o ser humano em sua diversidade e em relação com a complexidade da natureza. A Terra passa a ser considerada também como ser vivo, como gaia. Por isso, seria melhor chamar a ecopedagogia de Pedagogia da Terra. (GADOTTI, 2001, p. 30).

Essa visão de novas composições de sociedade, trazidas pelas discussões da Ecopedagogia, fazem com que essa possa ser compreendida como um movimento social e político, que está em movimento e em constante evolução e que pode tomar diferentes direções de acordo com o cenário analisados.

Enquanto a Educação Ambiental, ou Educação para o Desenvolvimento Sustentável⁴, debate os objetivos para uma sensibilização ecológica no âmbito social, com ações na esfera coletiva, a Ética Ambiental surge como meio de debater as questões éticas envolvidas na relação do ser humano com a natureza. Ela traz uma gama de problemáticas a serem compreendidas sobre o comportamento humano em relação ao meio.

Na década de 1960, o conceito filosófico de Ética Ambiental começou a ser discutido, levando em consideração a relevância dos temas ambientais debatidos na época, através das ponderações sobre Educação Ambiental, e redirecionando o “olhar” da Filosofia de temas referentes à forma de agir do homem em seu meio social, passando a analisar a sua relação com a natureza. A Educação Ambiental pode ser complementada com a Ética Ambiental, enriquecendo as possibilidades de construção de uma visão voltada ao ambiente pela sociedade e seu desenvolvimento.

2.4 Ética Ambiental

A Ética Ambiental é uma corrente da Ética ou Filosofia Moral, ou seja, uma área ou campo da Filosofia que se refere a como o ser humano se relaciona com o seu meio social e com a natureza que o cerca. Surgiu, enquanto corrente, propriamente quando as discussões sobre o desenvolvimento e as consequências da exploração dos recursos naturais para o desenvolvimento das nações, passaram a ser uma preocupação global, sendo pauta de órgãos internacionais, em busca de um “Desenvolvimento Sustentável”.

⁴ Também chamada assim por alguns especialistas, termo não tão comumente utilizado por autores brasileiros.

O conceito da Ética Ambiental abarca a compreensão de que a conservação da vida humana está intrinsecamente ligada à conservação da natureza e se opõe ao paradigma antropocêntrico, ou seja, à doutrina em que o ser humano interage com a natureza em uma relação de submissão desta pela humanidade. Em várias correntes da Ética Ambiental, entende-se que todos os seres são iguais e que o homem não é soberano em relação à natureza, sendo parte dela, e não sendo servido por ela de alguma maneira. A respeito desta perspectiva, Gomes e Felipe (2014) nos trazem a reflexão de que:

Ao invés do ser humano, ao se diferenciar socioeconômico e culturalmente de outras espécies biológicas, construindo a sua própria história, negar as diferenças entre os seres humanos e as outras espécies biológicas existentes ou desmerecer outras espécies pelo simples mérito de ser humano, deveria postular que o bem-estar dos seres humanos depende da solidez ecológica e da saúde de muitas comunidades de plantas e animais. (GOMES; FELIPE, 2014, p. 217)

Em seu artigo, intitulado “Uma Ética Ambiental: a partir da natureza como um movimento vital”, Gomes e Felipe (2014) nos trazem esta fala, baseando-se nos estudos filosóficos dos autores Paul Taylor e Tom Regan, que relembram a base antropocêntrica adotada pela sociedade moderna, em que nos julgamos “donos” da natureza, supondo que ela exista apenas para nos servir. As questões éticas levantadas a respeito do ambiente giram no entorno deste desequilíbrio, causado pelas atitudes a respeito da natureza, realizadas pela sociedade moderna. Em debate sobre essa relação do homem com a natureza e seu modelo atual de desenvolvimento, Santos (2012) versa que:

Este favorecimento do artificial relativamente ao natural, que representa igualmente um favorecimento do espírito e do homem relativamente à natureza, é solidário do processo histórico da produção industrial em que o mundo físico recua cada vez mais face ao avanço massivo dos artefatos industriais. A natureza é apenas um reservatório de matérias primas para qualquer produção possível que se pretenda. A estética contemporânea, nos seus principais movimentos, herdou aquela decisão especulativa de Hegel e, embora possa ser interpretada como contraponto da visão técnico-científica de domínio da natureza, na verdade e no fundo, ela fala a mesma língua da revolução científica e industrial e com esta se uniu de fato no efetivo desprezo pela natureza enquanto algo digno de respeito por si mesmo, considerando-a apenas enquanto objeto possível de arbitrarias manipulações. (SANTOS, 2012, p. 353)

Restaurar esta relação do ser humano com a sua natureza parece ser essencial para que possamos buscar um futuro sustentável, um modo de vida mais consciente, em que possamos fazer um uso racional dos recursos naturais e buscar um equilíbrio com o meio ambiente, compreendendo que este não está subordinado a nós.

Nesta dissertação, alguns conceitos de Ética Ambiental serão desenvolvidos, a fim de debater para uma melhor compreensão do que estuda esta disciplina da Filosofia, que tem se tornado assunto de interesse cada vez maior, devido ao atual cenário de desenvolvimento da

sociedade, na busca pela compreensão da relação do ser humano com o meio em que vive e como se dão suas percepções da natureza ao seu redor.

A Ética Ambiental levanta questões sobre como o ser humano percebe suas relações nas esferas social e ambiental, quais valores este tem em relação ao ambiente em que está inserido e como lida com seu contexto ambiental. Este conceito começa a ser discutido em meio ao chamado “Antropoceno⁵”, que é o termo usado pelas ciências sociais para descrever o atual cenário em que a humanidade vive. Neste conceito, o ser humano é colocado em primeiro lugar em relação aos seres naturais, subjugando outros seres vivos e explorando os recursos naturais do planeta ao seu bel prazer. Do que então derivou uma ideia de afastamento ou ruptura do ser humano com as outras formas de vida de nosso planeta, levando-nos ao pensamento de que somos “melhores” do que as demais espécies presentes no planeta, devido ao modelo complexo de sociedade em que vivemos.

A Ética Ambiental compreende que o ser humano é parte de um sistema complexo da natureza, mas não coloca uns seres acima de outros, todas as partes deste sistema têm um valor similar, pois se trata de um sistema fechado e interdependente. A partir desta conceituação o ser humano deixa de “possuir” a natureza e passa a voltar a fazer parte dela. Marcos (1999) define a Ética, e na sequência a Ética Ambiental, trazendo o fato de que a primeira analisa sentimentos e racionalidades, buscando compreender, refletir e investigar, o comportamento humano, como indivíduo, projetando-o em sociedade.

A Ética é uma parte da filosofia que trata do bem e do mal. Não uma mera descrição do que cada um em cada sociedade considera bem ou mal, isto é sociologia. A ética tem a ver com os sentimentos, mas não se reduz a isso, tem também uma base racional. Se pode falar sobre o bem e o mal de nossas ações, inclusive sobre nossos critérios morais, que podem estar certos ou errados. [...] A ética ambiental trata do ponto de vista racional das questões morais relacionadas ao meio ambiente. (MARCOS, 1999, p. 33)

Este complexo diálogo com a sociedade atual fez com que a Ética Ambiental se desdobrasse em várias vertentes, que se dispõem a refletir, a partir de diferentes perspectivas, sobre as questões humanas atuais relacionadas ao ambiente. Podemos atualmente identificar vários movimentos derivados da Ética Ambiental, tais como:

- Deep Ecology ou Ecologia Profunda: que argumenta que o mundo natural é complexo, com relações interdependentes entre os seres, acreditando que toda vida deve ser respeitada e ser sujeito de direitos. O termo foi inicialmente cunhado por Arne Næss,

⁵ O conceito "antropoceno" — do grego *anthropos*, que significa humano, e *kainos*, que significa novo — foi popularizado em 2000 pelo químico holandês Paul Crutzen, vencedor do Prêmio Nobel de Química em 1995, para designar uma nova época geológica caracterizada pelo impacto do homem na Terra.

em 1973, inspirado por ecologistas que estudavam ecossistemas e suas complexidades. (NÆSS, 1973)

- Land Ethic ou ética da comunidade biótica (Ética da Terra): termo cunhado por Aldo Leopold, em 1949, na qual ele define que é uma "ética que lida com a relação do homem com a terra e com os animais e plantas que nela crescem". (LEOPOLD, 1989)
- Ecologia Social: é uma teoria formulada por Murray Bookchin juntamente com a ideia de planejamento urbano, utilizando-se de um pensamento anarquista e ecológico, sendo essa uma abordagem chamada por ele de "anarcoecológica". (BIEHL e BOOKCHIN, 2009)
- O Ecofeminismo: é um movimento filosófico que liga o feminismo à ecologia. O termo introduzido por Françoise d'Eaubonne em seu livro "*Le féminisme ou la mort*" (O feminismo ou a morte) de 1974. O Ecofeminismo é uma cosmovisão que reconhece que os seres humanos são parte da natureza, não uma entidade separada dela. Pela noção de interconexão através da vida, a natureza e as mulheres são seres vivos e autônomos, não objetos inertes passivos, explorados e violados pelo poder masculino, de acordo com a filósofa e ativista ambiental Vandana Shiva (1993). (MIES E SHIVA, 1993)
- A Bioética é definida, segundo a Sociedade Brasileira de Bioética (1995), como a área de estudo da ética que discute como tratar a vida animal de forma ética e digna em situações polêmicas, como manipulação da vida (eutanásia, aborto, engenharia genética, entre outros). Devido ao desenvolvimento científico atingido pela sociedade, se faz necessário a discussão a partir de perspectivas da bioética, por isso esta área é interdisciplinar, perpassando as áreas das ciências humanas, ética e direito, pela necessidade de discussão de temas atuais que surgem com nossa evolução científica. (SBB, 1995)

Diversas temáticas discutidas no campo da Ética Ambiental são diretamente influenciadas pelo modelo atual de sociedade. As temáticas se formam no desenvolver da vida moderna, gerando a necessidade de novas áreas da Ética, que as discutam de maneira a compreendermos o comportamento humano e para que possamos refletir sobre esse.

2.5 Ecologia Profunda

Considerando nossa relação com a natureza e nossa integração com a natureza trataremos uma análise do atual cenário e de como ele afeta nossa vivência em relação ao meio, a partir dos principais conceitos da Ecologia Profunda, uma vertente da Ética Ambiental, que se propõe a analisar as intrincadas relações da natureza, prezando pela harmonia da sociedade com o ambiente natural.

A Ecologia Profunda (*Deep Ecology*) é uma vertente da Ética Ambiental, conceito cunhado pelo filósofo Arne Næss em 1973. A Ecologia Profunda defende que, independentemente do valor de uso dado pelo ser humano à natureza, esta possui um valor intrínseco. A premissa desta filosofia é que o foco deixe de ser o paradigma antropocêntrico e passe a ser o paradigma biocêntrico, tornando assim, novamente, o ser humano parte da natureza e não algo superior a ela. Næss classifica duas correntes ambientais, os ditos movimentos ecológicos/ambientalistas superficiais, *Shallow Ecology*, que possuem tendências egocêntricas e antropocêntricas, e os movimentos profundos, tido como ecocêntricos, defendendo os direitos de toda a comunidade biótica, a *Deep Ecology*. Fritjof Capra (1997) em seu livro “A teia da vida” define a Ecologia Rasa e a Ecologia Profunda como:

A ecologia rasa é antropocêntrica, ou centralizada no ser humano. Ela vê os seres humanos como situados acima ou fora da natureza, como a fonte de todos os valores, e atribui apenas um valor instrumental, ou de "uso", à natureza. A ecologia profunda não separa seres humanos — ou qualquer outra coisa — do meio ambiente natural. Vê o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida. (CAPRA, 1997, p. 17).

Capra (1997) se refere à Ecologia Profunda como algo interconectado e interdependente, ressaltando os principais aspectos desenvolvidos por Næss em suas conceituações sobre a filosofia de sua vertente da Ética relacionada às questões ambientais. Arne Næss, juntamente com George Sessions, elaboraram oito princípios da Ecologia Profunda, tidos atualmente como “princípios para mudar o mundo” por estudiosos do tema. Os oito princípios são:

1. O bem-estar e o florescimento da vida humana e da não-humana sobre a terra têm valor em si próprios (valor intrínseco, valor inerente). Esses valores são independentes da utilidade do mundo não-humano para os propósitos humanos.
2. A riqueza e a diversidade das formas de vida contribuem para a realização desses valores e são valores em si mesmos.
3. Os seres humanos não têm nenhum direito de reduzir essa riqueza e diversidade exceto para satisfazer necessidades humanas vitais.
4. A prosperidade da vida humana e das suas culturas é compatível com um substancial decréscimo da população humana. O florescimento da vida não-humana exige essa diminuição.
5. A atual interferência humana no mundo não-humano é excessiva e a situação está piorando aceleradamente.
6. Em conformidade com os princípios anteriores, as políticas precisam ser mudadas. As mudanças políticas afetam as estruturas básicas da economia, da tecnologia e da ideologia. A situação que resultará desta alteração será profundamente diferente da atual.
7. A mudança ideológica ocorrerá, sobretudo, no apreciar da qualidade de vida (manter-se em situações de valor intrínseco), em vez da adesão a padrões de vida mais elevados. Haverá uma consciência profunda da diferença entre o grande (quantidade) e o importante (qualidade).

8. Aqueles que subscrevem os princípios precedentes têm a obrigação de tentar efetuar, direta ou indiretamente, as mudanças necessárias. (NÆSS e SESSIONS, 1984, p. 29, tradução própria)

No primeiro princípio, Næss explica que o sentido do termo “vida” não se restringe ao sentido biológico, se referindo também as coisas consideradas não-vivas até então por alguns autores do tema, como rios e ecossistemas, sendo assim, se utiliza do termo Ecosfera ao invés de Biosfera, termo utilizado por outros autores. Næss argumenta sobre os direitos humanos autoproclamados, que o autor considera irresponsáveis pois, segundo o autor, devemos discutir sobre o que não temos direito. Outro conceito criticado pelo autor é o de “qualidade de vida” que, segundo Næss é um termo vago e que considera apenas a natureza não-quantificável da expressão, sendo “qualidade de vida” algo que não pode ser quantificado. “A concepção de qualidade de vida está mais interessada em questões abstratas, como o que é significativo ou valioso para um estilo de vida justificável eticamente” (NÆSS, 1998, p. 30).

Os princípios da Ecologia Profunda são ambiciosos e, de certa forma, distantes da realidade atual considerando o modelo de desenvolvimento presente, modos de produção e estilo de vida da sociedade moderna, mas que trazem uma perspectiva de mudanças de atitudes coletivas que dialogam com os princípios trabalhados pela Ecopedagogia, vertentes escolhidas como base para a pesquisa proposta nesta dissertação, por refletirem sobre as mudanças necessárias à sociedade para um futuro ecológico e consciente e que buscam um resgate do ser humano ao sentimento de pertencimento com a natureza.

3. PERCEPÇÃO AMBIENTAL E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

3.1 Percepção Ambiental e sua interação com o indivíduo e sociedade

Os estudos no campo de pesquisa da Percepção Ambiental se originaram na psicologia e atualmente se encontram em diferentes áreas do conhecimento, tais como a psicologia ambiental, arquitetura e urbanismo, geografia e na filosofia. Quanto à etimologia e definição do termo percepção Marin (2008) revela que:

O termo **percepção**, derivado do latim *perception*, é definido nos dicionários da língua portuguesa como: ato ou efeito de perceber; combinação dos sentidos no reconhecimento de um objeto; recepção de um estímulo; faculdade de conhecer independentemente dos sentidos; sensação; intuição; ideia; imagem; representação intelectual. Essa complexidade do termo reflete uma nebulosidade também no entendimento do fenômeno, responsável por uma insistência permanente na busca por elucidações em toda a história do pensamento humano, cuja expressão primeira é a existência de distintas teorias, como os idealismos, os empirismos, o realismo e o materialismo. (MARIN, 2008, p. 206)

Marin (2008) nos traz uma definição etimológica do termo e na sequência nos revela que a amplitude da descrição do conceito gera diversas interpretações possíveis, passível de ser utilizada em diferentes entendimentos, mas que compreende a busca pela elucidação da história do pensamento humano como ponto focal em diferentes vertentes teóricas. Uma das áreas do conhecimento contempladas pelas elucidações da percepção humana é a Percepção Ambiental, uma tomada de consciência do ser humano sobre seu meio, que pode gerar uma sensibilização sobre o equilíbrio de sistemas e cadeias que o cercam. A Educação Ambiental, em um sentido subjetivo, se dá por meio da Percepção Ambiental do sujeito e geram interações sociais capazes de reeducar o ser humano em uma reintegração com seu meio.

Estudos sobre a Percepção Ambiental são práticas relativamente novas e têm sido cada vez mais trabalhados com o intuito de possibilitar o entendimento das diversas formas de concepção de meio ambiente, possibilitando um diagnóstico sobre a Educação Ambiental em determinadas comunidades. Esta modalidade de estudos pode possibilitar ações que visam uma maior interação da comunidade com o meio ambiente, já que parte das percepções ambientais do sujeito, que geram a Educação Ambiental no mesmo, algo que se reflete em suas interações com a sociedade. Esta modalidade pode se tornar importante ferramenta para a Educação Ambiental e servir para a elaboração de ações e políticas públicas que visem à agenda ambiental em sintonia com as demandas da sociedade em constante desenvolvimento em que vivemos e em uma busca por um desenvolvimento visando a preservação ambiental/ecológica.

Por ser uma área de pesquisa relativamente recente, ainda possui um vasto campo de estudo, podendo ser trabalhada em espaços escolares, empresas e indústrias e até mesmo

por organizações ambientais em busca de um panorama da atual do cenário ambiental. Segundo Zanini et al. (2021),

A percepção consiste na aquisição, interpretação, seleção e organização das informações obtidas pelos sentidos. Assim, por meio da percepção, um indivíduo é capaz de interpretar e organizar o significado que o ambiente lhe estabelece. Por isso, os estudos de percepção ambiental destacam-se como importante estratégia para conhecer a relação entre ser humano e natureza, a fim de oportunizar ao sujeito o estudo reflexivo das questões ambientais. (ZANINI et al., 2021, p. 2)

Deste modo podemos perceber, reagir e responder de maneiras diferentes frente às ações sobre o meio. As sensações é que determinam a qualidade, as impressões, os significados e os valores atribuídos ao meio por cada indivíduo e por isso, o estudo da percepção se torna complexo, pois cada indivíduo atribui valores distintos ao meio, sejam eles ecológicos, econômicos ou simplesmente estéticos (MELAZO, 2005).

Segundo Ribeiro (2003), as formas de construção da percepção ambiental podem ocorrer de três maneiras:

- Pelo acesso lento: normalmente pertence às culturas que valorizam a meditação, contemplação, devaneio, etc.;
- Pela Modalidade "D" (ou raciocínio lógico): predomina na Ciência, forma mecanizada de pensar, acredita que as coisas são como tal acontecem sem possibilidade de erros e diferentes concepções;
- Por meio Ultrarrápido (raciocínio rápido típico das situações de risco e perigo): Ocorre em situações de intensa pressão, quando os pensamentos e atitudes estão sob a influência da adrenalina.

A compreensão das formas de construção da percepção é vital para que medidas como projetos que visam à agenda ambiental tenham eficácia, considerando que a percepção ocorre de várias formas. As pessoas que constroem a percepção através do acesso lento, por exemplo, valorizam a contemplação e a meditação o que pode ser antagônico à modalidade "D", ou seja, possuem formas distintas de entender o ambiente que os cercam (RIBEIRO, 2003).

Segundo Hoeffel & Fadini (2007, p. 255), a "percepção pode ser caracterizada como um processo, uma atividade que envolve organismo e ambiente sendo influenciada pelos sentidos", ou seja, a percepção por sensação e por concepções mentais, a "percepção como cognição". Referente a tal complexidade Merleau-Ponty (1999) descreve que:

A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. A

verdade não "habita" apenas o "homem interior", ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece. Quando volto a mim a partir do dogmatismo do senso comum ou do dogmatismo da ciência, encontro, não um foco de verdade intrínseca, mas um sujeito consagrado ao mundo. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 6)

Merleau-Ponty fala sobre o quanto temos uma concepção de que somos “donos” deste mundo e que julgamos inferiores quaisquer formas de vida que se diferenciem de nós, trazendo a relação atual do ser humano com o mundo, considerando este como um objeto e não algo natural e que possui um valor semelhante ao seu em uma relação que é interdependente e complexa pois o homem está no mundo, não podendo assim, o mundo lhe pertencer.

Temos uma certa obsessão por classificar objetos e seres, organizar o mundo para que ele pareça menos selvagem e mais ordenado. Distanciamos-nos do ser humano propriamente para nos tornarmos tão racionais quanto julgamos possível, subjugamos a natureza, e nessa busca por racionalidade não tivemos a percepção de que o afastamento que geramos entre nossa espécie e a natureza causou uma ruptura com nosso ser natural. Nossa vivência de mundo desorientou-se de maneira a perdermos a empatia pelos seres vivos não-humanos (talvez mesmo pelos seres humanos também).

Já para Morin (2000, p. 20), “todas as percepções são, ao mesmo tempo, traduções e reconstruções cerebrais com base em estímulos ou sinais captados e codificados pelos sentidos”. Sendo assim, o nosso sentido considerado o mais confiável, a visão, torna possível os vários desvios da percepção. A respeito disso Ferreira (1997) pondera que existem dois tipos de percepção: a percepção visual, que são as atitudes que não consideram as consequências, e a percepção informacional, que são as ações refletidas. Partindo assim de duas diferentes fontes de estímulo para a captura da percepção ambiental, que se utiliza da visão e das informações recebidas para construir uma conceituação em relação ao objeto de contemplação.

O ser humano tem por necessidade a experiência com a natureza, a percepção visual pode formar nossa concepção do ambiente, fazendo parte de nossa formação como sujeitos ecológicos, baseando nossos valores em relação ao ambiente. Segundo Marin e Oliveira (2005), a vivência estética é o estado da existência humana em que a fluidez do fenômeno perceptivo se revela. É nessa dimensão que se torna clara a riqueza e a completude do percebido, amplidão por vezes ofuscada na sistematização conceitual. Ainda no artigo de Marin e Oliveira (2005), os autores relatam que:

Não obstante, o ser humano impregnou, ao longo de sua história, essa necessidade estética na construção dos seus lugares, nas expressões de seus anseios e na criação de novos campos de entendimento da sua relação com a natureza e a cultura. Por vezes, essas zonas de entendimento configuraram dimensões clandestinas, marginais, mas nunca ocultas. A

percepção estética do mundo extravasa na arte, na arquitetura, no imaginário, nos mitos e, despercebidamente, cria horizontes para a reconfiguração da cultura e da ética. (MARIN; OLIVEIRA, 2005, p. 208)

Os autores buscam compreender nossa relação com a natureza, concebendo-a como algo que não pode ser divisível e sim parte de nossa composição como ser vivo, somos um com o planeta e esta relação pode ser percebida na maneira como construímos o mundo ao nosso redor nas mais diversas áreas, como, na arte, arquitetura, literatura, entre outros, e isto por consequência se reflete na cultura e na ética das sociedades. As discussões da Percepção Ambiental buscam reencontrar a conexão do ser humano como parte constituinte da natureza, analisam nossas ações e buscam compreender os meios para que possamos lembrar algo que certamente está dentro de cada um, em uma dormência latente, que deve ser despertada, para nosso bem comum e em busca de uma sociedade igualitária e harmoniosa.

Para Tim Ingold (2011. p. 05), antropólogo que se dedica ao estudo da Percepção Ambiental, essa se dá através das experiências que geram habilidades que acredita “que sejam nem inatas nem adquiridas, pois são cultivadas, incorporadas ao organismo humano por meio da prática e do treinamento em um ambiente”. O autor destaca que precisamos entender o contexto ambiental do indivíduo, ou sociedade, para entender a dinâmica do seu desenvolvimento. Considerando estes aspectos podemos analisar a relevância do meio em que vivemos com as experiências que presenciamos, e como tais estímulos geram nossa Percepção Ambiental.

A percepção, conforme vimos anteriormente com Rezende (2009) não está vinculada somente aos “órgãos dos sentidos”, pois inclui conhecimentos adquiridos, bem como, a cognição e motivação de cada um, é um ato complexo e, assim, o ambiente é visto e representado de inúmeras formas, cujo olhar do observador é direcionado pela cultura, e subjetividade inerentes a cada pessoa, é mutante e indefinida, já que novos estímulos e novas experiências geram um novo olhar sobre um mesmo meio.

Partindo deste princípio, propõe-se a analisar as questões que tangem à Percepção Ambiental, considerando as apreensões feitas pelo sujeito do meio quanto às belezas naturais. Trazendo um olhar inovador no campo de pesquisa através da Percepção Ambiental e Experiência Estética de artistas locais que se utilizam das belezas naturais do município de Osório como inspiração para sua arte, contemplando um público inovador sobre suas compreensões como sujeito ecológico do meio. Esta utilização por parte dos artistas na criação de suas obras inspiradas nas belezas naturais decorre da Experiência Estética que eles apreenderam/perceberam do meio, trazendo a visão subjetiva captada pelo objeto de observação composta pelas percepções e experiências prévias do sujeito em questão em relação ao ambiente no qual está inserido.

3.2 Estética e Experiência Estética

Neste capítulo serão apresentados, brevemente, alguns conceitos relacionados à Experiência Estética, iniciando nas origens do conceito de estética e experiência estética, trazendo na sequência algumas conceituações sobre o belo natural e o sublime, baseados nas teorias kantianas.

O vocábulo “estética” é discutido pela filosofia desde sua origem na Grécia Antiga. O termo original, *aisthétikós*, significa a capacidade de sentir, invocando assim sua relação com a percepção/experiência.

O termo, “Estética” designa uma disciplina filosófica e, como tal, pode indicar um conjunto de ideias filosóficas com as quais se realiza uma análise, investigação ou especulação a respeito da arte e da beleza. Segundo Duarte Junior (1991, p. 08) “Estética é a área da filosofia dedicada a buscar sentidos e significados para aquela dimensão da vida na qual o homem experiencia a beleza. Estética é a ciência da beleza”. Na relação do sujeito-observador e do objeto-observado é quando se forma a Experiência Estética vivenciada, algo pode ser belo para um e não ser para outro, tal a subjetividade do conceito.

As questões sobre a estética passaram a ser mais debatidas como disciplina a partir do ano de 1750, com Alexandre Baumgarten, filósofo alemão. Em relação a sistematização da abordagem das questões estéticas pela filosofia Santos (2012) nos revela que:

Coube ao filósofo alemão Alexandre Baumgarten [...] o mérito de sistematizar a abordagem das questões estéticas numa nova disciplina filosófica a que chamou precisamente *Aesthetica*, cujo 1º volume foi publicado em 1750 [...] Os assuntos estéticos até então ou eram tratados à mistura com considerações de natureza moral e psicológica (a propósito dos sentimentos), ou envolvidos em considerações metafísicas (a ideia de beleza convocava as — ou era convocada pelas — de perfeição, de harmonia, de ordem, de simetria, de regularidade), ou, pelo que respeitava aos aspectos expressivos, eram tópicos dos Tratados de Poética e de Retórica, que haviam conhecido grande proliferação no período do Barroco. (SANTOS, 2012, p. 303)

O autor revela a sistematização das questões estéticas realizadas por Baumgarten na busca pela diferenciação do conceito das conjecturas sobre natureza moral e psicológica. A sistematização proposta por Baumgarten trouxe uma delimitação para o campo da análise das questões estéticas, gerando uma nova disciplina filosófica. Ainda segundo Santos (2012, p. 310), quando discute sobre o adjetivo “estético” o autor diz que este “não indica aqui qualidade nenhuma no objeto, mas um modo de o sujeito ser afetado quando representa ou contempla um objeto”. “‘Estético’ designa uma determinação do sujeito, um modo de ele ser afetado, e não uma determinação do objeto”. Ainda o mesmo autor, conceituando Estética, na mesma obra, nos traz que:

Um dos aspectos significativos que se pode colher das reflexões sobre a Estética das últimas décadas é a importância que nelas se volta a atribuir ao

tópico da natureza como objeto estético, quer no sentido mais pregnante de uma “estética da natureza”, quer no sentido mais particular de uma “estética da paisagem”, ou mesmo de uma “estética do ambiente.” (SANTOS, 2012, p. 350)

A Experiência Estética pode ser uma sensação subjetiva que revela diferentes perspectivas da realidade. Influenciado pelo sujeito de observação, a estética, seja da beleza natural, ou de um objeto estético criado, se vale de um juízo analítico do grau de prazer estético percebido, sobre isso Santos (2012) nos traz, através de sua análise sobre a crítica do juízo estético de Kant, que:

Contraopondo-se a uma teoria normativa do gosto, a crítica do juízo estético explicita-se antes como uma analítica do mesmo, visando surpreender a sua especificidade e características (o que o distingue seja da simples sensação de agrado sensível, seja de outros tipos de juízos: lógico-cognitivos, morais), a sua tipologia (sentimento do belo e sentimento do sublime), a faculdade do espírito a cuja competência pertence, o princípio que invoca, que o legitima ou o fundamenta; enfim, aquilo a que na linguagem kantiana se chama os seus pressupostos transcendentais. (SANTOS, 2012, p. 302)

Revelando através de sua análise o que Kant chamou de pressupostos transcendentais, em que a sensibilidade é constituída pela capacidade de “receber representações através do modo como somos afetados por objetos.” (Santos, 2012, p. 313). Na proposição de compreender a Experiência Estética devemos considerar os fatores da subjetividade desta. De acordo com Santos (2012), Kant em sua “Crítica do Juízo”, publicada em 1790, quando fala sobre a crítica do juízo estético:

“[...] considera que a vivência estética é propriamente a vivência de um indivíduo, é uma vivência radicalmente subjetiva e isto quer dizer que nela não se tem em vista nada que contribua para o conhecimento do objeto enquanto tal.” (SANTOS, 2012, p. 310)

Sobre tal questão, o autor ainda revela que a sua ideia era mostrar que a sensibilidade tem uma lógica autônoma e se regula por princípios próprios, os quais não devem ser extraídos da lógica, do entendimento ou da razão, mas sim da fantasia ou imaginação; trazendo a perspectiva de que a contemplação do belo nada tem a ver com o conhecimento do objeto contemplado, mas sim com a sensibilidade de quem o contempla. Complementando sua análise com a compreensão de que “o adjetivo ‘estético’ não indica aqui qualidade nenhuma no objeto, mas um modo de o sujeito ser afetado quando representa ou contempla um objeto” de acordo com Santos (2012, p. 310), “‘Estético’ designa uma determinação do sujeito (um modo de ele ser afetado) e não uma determinação do objeto”.

Quanto à comunicabilidade dos juízos estéticos, Santos (2012) analisa a perspectiva kantiana de que estes podem conter a possibilidade de universalizar do belo, mas que tal não deve ser imposta de um sujeito observador para o outro, apenas comunicada.

Segundo o filósofo, a comunicabilidade dos juízos estéticos e a universalidade que lhes é peculiar e que nós com direito presumimos, funda-se num “sentido comum” que existe em todos os seres humanos e que Kant interpreta não como um vago senso comum, mas como sendo propriamente um *sensus communis aestheticus*, que se identifica com o próprio gosto (*Geschmack*) e que define como “o poder de apreciação daquilo que, numa dada representação e sem mediação de um conceito, o nosso sentimento torna universalmente comunicável.” (SANTOS, 2012, p. 330)

Sobre a definição do termo *sensus communis*, utilizada por Kant na compreensão do juízo estético da natureza, Kalsing (2012) nos traz uma análise do sentido dado pelo autor, buscando uma compreensão que considera as possíveis abordagens do termo e distinções com termos relacionados. Na seguinte passagem de seu artigo, intitulado “Sobre o Conceito de *Sensus Communis* em Kant” destaca que,

Senso comum significa um sentido como outros sentidos humanos. E Kant, ao utilizar o termo latino, isto é, *sensus communis* quis designar, conforme Arendt, uma capacidade extra do entendimento humano, que nos ajusta a uma comunidade. Ela vai além: esse sentido seria, inclusive, o que distingue os seres humanos dos animais e dos deuses. A própria humanidade do ser humano se manifestaria nesse sentido. Em outras palavras, o *sensus communis* não seria um simples sentido, um sentido como outros que os seres humanos possuem. Seria um sentido extra. Como uma capacidade extra do entendimento humano. Seria a própria capacidade que nos adapta a uma comunidade. Que faz o ser humano se afinar a uma comunidade. (KALSING, 2012, p. 63)

Segundo Santos (2012), ao debater sobre a relação entre o juízo estético da natureza e a arte, objetos de interesse desta dissertação, o autor revela sua complexidade quando relata que:

Por certo, no juízo estético sobre a natureza esta é apreciada por analogia com a arte. Mas só pode sê-lo como se se tratasse de uma arte ou de uma técnica não intencional e sobre-humana. Inversamente, também a arte só é verdadeiramente bela para um juízo estético quando se revela como natureza, isto é, como espontânea e não artificiosa. E assim se pode dizer que o juízo apreciativo a respeito da beleza artística deve ser considerado como uma simples consequência resultante dos mesmos princípios que estão na base do juízo que se emite acerca da beleza da natureza. (SANTOS, 2012, p. 356)

O autor traz a perspectiva sobre a relação da experiência estética da natureza com a arte, trazendo a complexidade do processo de “experienciar” a natureza e o desprendimento necessário a quem se submete a Experiência Estética da Natureza quando traz a seguinte conceituação:

A experiência estética da natureza expõe o homem e o artista na impossibilidade de uma autocomplacência antropocêntrica, impõe-lhe o descentramento e liberta-o da imanência para a transcendência, mesmo que esta seja pensada apenas sob o modo estético, expõe-no na sua fragilidade essencial, mas também na disponibilidade para o dom, tanto da natureza como da arte. (SANTOS, 2012, p. 377)

Nesse sentido, Santos (2012) reflete sobre a relação humana com a natureza na expressão através da contemplação do belo natural, trazendo a transcendência da experiência estética e o quanto isso se deve ao fato de nos desprendermos de pré-conceitos e apreciar as belezas naturais no seu sentido mais puro. Mas, por senso comum, as sensações provocadas pelo objeto observado e as noções prévias que carregamos influenciam em nossa percepção, gerando diferentes estímulos de um mesmo objeto observado por diferentes sujeitos.

De acordo com as teorias kantianas, o belo é o efeito da aquiescência harmônica entre uma forma sensível imaginada que expressa um conceito, e um conceito imaginado para ser expresso por uma forma. Um objeto considerado belo não é composto de maneira afetada, mas sim uma disposição de partes engenhosamente medida visando um fim diverso de si próprio. Sendo assim, de acordo com Kant, um desígnio sem fim, livre e aberto, expandindo-se sem propósitos específicos. O belo, de acordo com Kant, está relacionado ao objeto sensível, enquanto o sublime é análogo à razão.

De acordo com Jimenez (1999, p. 136), “o sublime distingue-se do belo pelo fato de provocar perturbações filosóficas ligadas a uma mistura de dor e prazer”. Conceituação que remete aos sentimentos vivenciados na contemplação do sublime, que geram um estranhamento que não ocorre na contemplação do belo, mas que parte de uma percepção do o sujeito observador relativa e subjetiva, estando relacionado a maneira de pensar. Sobre essa característica do sublime Jimenez (1999), analisa Kant e relata que

As experiências que o sublime nos traz são mais perturbadoras, já o belo representa-nos apenas a imagem do bem. O sublime nos traz a ideia de infinito e também a de liberdade e esta tem que ser total. “O belo está ligado à concordância de nossas faculdades, o sublime a seu conflito. O belo é harmonia, o sublime pode ser disforme, informe, caótico. Prazer para um, dor e prazer para o outro.” (JIMENEZ, 1999, p. 144).

Refletindo sobre os mesmos conceitos, de belo e sublime, Santos (2012), revela as conceituações de Kant, relatando quanto a isso sobre a lógica dos processos de contemplação do belo e do sublime, quando diz que:

O belo, diz Kant, “prepara-nos para amar qualquer coisa, mesmo a natureza, de um modo desinteressado; o sublime prepara-nos para estimar altamente, mesmo contra nosso interesse (sensível)”. Na vivência do sublime, para aquele que é emocionado pela sua grandeza ou pelo seu poder, a natureza torna-se objeto de “uma espécie de respeito”, um sentimento análogo daquele que, no contexto da ética kantiana, se reserva exclusivamente para as pessoas ou para seres capazes de moralidade. (SANTOS, 2012, p. 160)

Trazendo aqui uma complementação das exposições de Jimenez quanto aos conceitos do belo e do sublime teorizados por Kant, em que podemos perceber a lógica envolvida nas contemplações de ambos, suas diferenciações e a compreensão de que as percepções do sujeito e suas experiências dão margem à diferentes contemplações de um

mesmo objeto. Em poucas palavras, pode-se relatar que o belo nos encanta, enquanto o sublime nos comove.

Podemos, em um certo sentido, relacionar então a Percepção Ambiental e Experiência Estética no que se refere ao fator da subjetividade de ambas, também podemos, de certa maneira, refletir sobre a relação direta com o sujeito-observador e sensações necessárias à formação das impressões/percepções de algo, seja uma beleza natural ou um objeto criado (Arte). Relacionando as percepções e experiências prévias do sujeito a suas construções de mundo.

Quanto à inspiração dos artistas, para tornar suas percepções do ambiente em material artístico, na presente pesquisa, retomaremos o conceito trazido por Kant sobre esta capacidade, a saber, o conceito de gênio. A respeito de tal conceito, Santos (2012), analisando Kant, nos revela que:

Segundo Kant, o gênio consiste [...] nesse poder de “descobrir relações felizes entre as coisas, de, para um dado conceito, inventar ideias e para estas encontrar a expressão mediante a qual o estado de espírito subjectivo por ela produzido pode ser comunicado a outros.” (KANT *apud* SANTOS, 2012, p. 255)

Ainda revelando o sentido dado ao conceito de gênio desenvolvido por Kant, o autor complementa a ideia acima quando nos revela as raízes do termo e sua relevância na compreensão da subjetividade criadora dos artistas na seguinte sentença:

A noção de gênio desenvolveu-se ao longo do século XVIII, vindo a tornar-se uma categoria essencial da Estética do Romantismo e do Idealismo e, por vezes, até a absolutizar-se, entendida como uma figura superlativa da subjectividade criadora que nos artistas se exprime. (SANTOS, 2012, p. 336)

Segundo o conceito kantiano, “o gênio é alguém dotado de imaginação, a qual permite criar, através de suas percepções e experiências estéticas, obras cheias de significados e inspiradoras para outros” (SANTOS, 2012, p. 336). Nesse sentido, podemos associar a ideia do gênio com o de um artista, e assim, quem sabe, relacionarmos com artistas da atualidade, objetos da presente pesquisa, que revelam suas experiências estéticas através da sua arte. Pois Santos (2012) concebe a relação entre o gênio e o artista, quando analisa a visão de Kant, e exprime que:

Na estética de Kant, muito embora se tivesse consagrado e até radicalizado a subjectivização da vivência e do juízo estéticos, mantém-se ainda viva a tensão entre o espírito e a matéria da sua criação, entre a bela arte e a natureza bela ou sublime, e afirma-se mesmo o primado da natureza sobre a arte, da beleza natural sobre a beleza artística. O próprio gênio, expressão máxima da energia criadora artística, é concebido como uma manifestação da natureza, como “dom natural de um sujeito no uso livre das suas faculdades de conhecimento”. (SANTOS, 2012, p. 353)

Santos (2012) enquanto analisa os conceitos trazidos por Kant a respeito do juízo estético da natureza, busca compreender os fatores que compõem o belo e como se dão as experiências estéticas da natureza, versando também sobre como se dá a relação de experiência a estética da natureza com a arte. Em sua análise o autor nos revela que:

Por certo, no juízo estético sobre a natureza esta é apreciada por analogia com a arte. Mas só pode sê-lo como se se tratasse de uma arte ou de uma técnica não intencional e sobrehumana. Inversamente, também a arte só é verdadeiramente bela para um juízo estético quando se revela como natureza, isto é, como espontânea e não artificiosa. E, assim, se pode dizer que o juízo apreciativo a respeito da beleza artística deve ser considerado como uma simples consequência resultante dos mesmos princípios que estão na base do juízo que se emite acerca da beleza da natureza. (SANTOS, 2012, p. 356)

Santos (2012) fala acima sobre a natureza da arte e a arte como natureza. Revelando que a arte dever ser espontânea e que somente assim pode ser considerada verdadeiramente bela, se assim for, naturalmente estará relacionada à natureza. Quando Marin e Oliveira (2005) analisam os conceitos trabalhados por Dufrenne, filósofo e esteta francês, quando estudou as bases fenomenológicas da Experiência Estética, nos revelam a definição do autor sobre essa, que parece trazer uma perspectiva semelhante à de Kant quanto à subjetividade e complexidade de tal experiência:

Dufrenne fala da experiência estética como o momento de libertação do pensamento para além do intelecto para encontrar a figura em contemplação. Nesse momento, a imaginação está fora do controle do intelecto, mas a percepção estética solicita as potências reflexivas da consciência. A leitura que o ser humano faz do mundo é a leitura dos sistemas simbólicos do objeto estético, o que pressupõe um encontro profundo com sua intimidade, o que gera a necessidade de transposição do intelecto. Na captura do mundo pelas vias intelectivas, o sujeito acaba por tomar distância em relação ao objeto que acaba por ser reduzido a algo em seu aspecto conceitual e pensável. (MARIN E OLIVEIRA, 2005, p. 198)

Destacando a visão de Dufrenne, segundo os autores citados, sobre a contemplação, que leva a percepção estética de modo fluído, pois, como relatam os autores, quando se utiliza do intelecto para uma leitura do mundo o sujeito acaba por distanciar-se do objeto contemplado e o reduz aos aspectos conceituais, podendo ter suas percepções influenciadas por pré-conceitos. O que parece aproximar o pensamento de Dufrenne do de Kant quanto ao fato de artistas - o gênio, terem a habilidade de conectarem suas contemplações ao ato de inspirar-se através das experiências estéticas. Ainda sobre este aspecto, Santos (2010) relata, através de análise das obras de Schopenhauer sobre a Estética, quando observa a compreensão do filósofo sobre o aspecto do distanciamento do gênio quanto às observações desse sobre a estética que:

Desprendendo-se da vontade de conhecimento, aquela relacionada com a doutrina do entendimento, e assumindo uma nova postura, neutro com relação ao princípio de razão, ou seja, assumindo uma atitude contemplativa e desinteressada ante os fenômenos, o gênio haure a Ideia a partir da efetividade, expondo-a na obra de arte e, assim, comunicando-a a outros, isto é, possibilitando-lhes um acesso facilitado. (SANTOS, 2010, p. 45)

Nos trazendo à luz mais um aspecto de como ocorre o processo de inspiração em seus aspectos subjetivo e irracional e relacionando o distanciamento do gênio das questões que se relacionam com a razão e aos conhecimentos como forma de doutrina. Nesse âmbito, Kant e Schopenhauer parecem se relacionar em suas compreensões do processo de experimentação estética do gênio – artista e Dufrenne parece vir ao encontro da mesma compreensão dos processos, considerando as citações anteriormente analisadas.

Quanto à visão kantiana da subjetividade e complexidade da Experiência Estética, Santos (2012) destaca que:

Para Kant, o juízo estético, além de ser desinteressado, é meramente subjectivo, na medida em que é uma vivência do sujeito a qual consiste na mera apreensão da forma do objecto, abstraindo não só do que o objecto é em si mesmo como até da sua própria existência, que nos é, enquanto tal, indiferente. Ora, na experiência estética da natureza essa abstracção e indiferença são impossíveis. É como se a dimensão meramente subjectiva do juízo estético ganhasse aqui uma dimensão objectiva, graças à qual o nosso interesse intelectual pela bela natureza nos leva não só a admirar, a respeitar e a amar a natureza, que é objecto da nossa contemplação, mas também a querer que dela nada se perca, a deixá-la na sua existência e autonomia. (SANTOS, 2012, p. 398)

Santos (2012) revela que, na visão de Kant, o juízo estético é subjetivo e desinteressado, trazendo o fator da abstracção como sendo necessário ao gênio, trazendo ainda fatores como a admiração e respeito à natureza como componentes da contemplação. Analisando a relação do artista com a natureza, no texto de Marin e Oliveira (2005, p. 199) sobre a Experiência Estética na visão de Dufrenne, os autores revelam que o papel do artista se define como o “de mobilizar sua imaginação para se colocar em harmonia com os objetos estéticos, com a natureza”, sugerindo assim que o artista “participa da potência criadora do mundo, na medida em que liberta sua imaginação para se comunicar primariamente com o mundo”.

Os autores podem trazer em sua análise sobre Dufrenne e suas proposições sobre a Experiência Estética uma visão em favor da utilização da arte como meio de sensibilização da sociedade quanto às questões ambientais e sua relevância como instrumento de mudança de vivência do mundo; podendo trazer a Educação Ambiental e a Ética como ferramentas para uma construção de um futuro mais voltado às questões ecológicas e que questionem a sociedade de consumo atual.

Nesse sentido, os novos posicionamentos éticos que precisamos gerar através da educação ambiental podem ser estimulados pelo atendimento às necessidades estéticas do humano. Mais que isso, o belo da necessidade do ser humano vivenciá-la continuamente é argumento muito mais forte que o apelo pelas gerações futuras, tão presente no discurso ambientalista. A arte funda novos valores. Ela abre perspectivas autônomas e pode levar o ser humano a se emancipar daqueles valores que, pela razão ou pela heteronomia de um imaginário social, são-lhe incutidos como necessidades. Quem vivencia o fenômeno da experiência estética tem diante de si um mundo muito mais amplo e flexível que aquele desenhado pelas sociedades de consumo. (MARIN E OLIVEIRA, 2005 pp. 208-209)

Este raciocínio nos apresenta a intrincada relação que pode haver entre a Educação Ambiental, Ética Ambiental e a Experiência Estética. Pois somos influenciados por nossas vivências e estímulos recebidos, que formam nossa Percepção Ambiental. A necessidade do belo em nosso cotidiano é visível, não somente por nossa busca por lugares que sejam belos, mas igualmente pela nossa apreciação pelas artes. Um resgate da relevância da natureza em nossas vidas eleva o sentido de busca por um futuro sustentável e ecológico, trazendo assim a urgência da reconexão do ser humano com a natureza e a visão de que vivemos em um sistema fechado no modelo econômico atual.

Nesse sentido, buscar artistas de diferentes expressões artísticas possibilita que a pesquisa contemple diferentes perspectivas sobre a Experiência Estética das belezas naturais – caso a natureza seja fonte de inspiração para aqueles; buscando assim, um entendimento do tema que considere a uma compreensão mais ampla dessa, trazendo a particularidade das diversas áreas de expressão artística existentes no município de Osório que parecem se inspirar nas belezas naturais locais. As expressões de literatos (em seus textos), poetas (em suas poesias), músicos (em suas letras e composições), artistas plásticos (em suas obras), definidos como de interesse nessa pesquisa, visam contemplar a amplitude dessa experiência de vivenciar o meio em que se vive, tornando sua contemplação do belo natural em material artístico.

4. A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DE ARTISTAS LOCAIS DE OSÓRIO (ANÁLISE DAS ENTREVISTAS)

Como visto anteriormente, o município de Osório está localizado em meio a diversas belezas naturais e conta com várias programações culturais de cunho artístico. Tais fatores, talvez, influenciem os artistas a inspirarem suas obras nas belezas naturais locais. Neste sentido, essa pesquisa buscou localizar tais artistas, considerando as diversas expressões artísticas produzidas no município, analisando as experiências estéticas dos artistas entrevistados em relação às belezas naturais locais, assim como, registrar (quando permitido pelo artista) suas obras, trazendo a perspectiva dos artistas locais sobre como a natureza pode influenciar a arte, como essa relação se dá e quais os materiais culturais são produzidos a partir da Experiência Estética vivenciada pelos artistas.

Nesse momento, serão analisadas as entrevistas realizadas na presente pesquisa, que visam contemplar os objetivos propostos pela mesma, de compreender as percepções dos artistas do município de Osório em relação às belezas naturais locais, entender seus processos criativos e relacionar suas obras com a inspiração obtida através de suas experiências estéticas do belo natural.

As entrevistas foram divididas em três momentos distintos, no primeiro momento foram realizadas perguntas introdutórias sobre a experiência de conceder entrevistas, no momento seguinte foram realizadas questões ligadas à compreensão da arte e, no terceiro momento, as questões foram direcionadas à compreensão da experiência estética da natureza. Trazendo ao final da análise dos relatos obtidos nas entrevistas demonstrações das obras dos artistas entrevistados e seus relatos sobre as mesmas.

4.1 Perfil dos entrevistados

No primeiro momento, traremos um perfil dos artistas entrevistados, visando uma melhor compreensão de seus universos. Foi solicitado aos artistas entrevistados que escrevessem um breve perfil de si, para revelar ao leitor desta pesquisa as personalidades de cada um, aproximando o leitor com os artistas entrevistados, visando tornar a compreensão de suas apreensões de mundo mais conexa. Os perfis descritos a seguir foram elaborados ou disponibilizados pelos entrevistados.

Betina Gamba Boeira

Me chamo Betina Gamba Boeira, venho de uma família de maioria mulheres, minha avó materna determinava tarefas a todos, pois passávamos muito tempo com ela na infância, assim nasceu meu lado de artista, fazíamos tricô, crochê, biscoitos, bordados...

Sou professora de formação, amo trocar experiências com pessoas, misturo técnicas de artes para instigar a criatividade dos meus alunos, proporcionando um olhar de alegrias e felicidade que vem do exercício interno, individual. Hoje, minhas experiências vêm do tingimento natural, através dos pigmentos e plantas que a natureza nos oferece.

Cristina Maria de Oliveira

Cristina Maria de Oliveira, eu concebo a poesia como parte do meu cotidiano: um ingrediente que dá sabor às vivências, sejam elas suaves, intensas, insípidas, picantes, amargas... enfim, a Vida tem inúmeros sabores! Aprendi, no decorrer de quase sete décadas nesta estrada, que os saberes artísticos também temperam e realçam os sabores. Nesta caminhada, ler e escrever poemas tem sido, pois, uma atitude consciente na busca constante do bem-estar. E acredita, Leitor, é muito gratificante... também é árduo..., mas é possível! Sou escritora, poeta, pesquisadora (temática Terno de Reis); membro correspondente da ALPAS 21/Cruz Alta-RS; membro efetiva da AELN/RS; membro da AILB – Focus Brasil NY; membro da Irmandade de Santos Reis/RJ; cadastrada na IOV Brasil. Publicações: livros de Poemas: (Des)construção – reflexões e significações (2022); Poet(r)izar (co-autoria), (1ª ed. 2021), (2ª ed. 2022); Poéticas Cotidianas (2020); Palavras, encantos e encontros (2019); livros de narrativas históricas: Terno de Reis em (dis)curso: Vozes da Tradição (co-autoria), (2018); Terno de Reis – Patrimônio Histórico Cultural de Osório (2020); participações livros Antologias e Coletâneas (+ de 40). Professora aposentada; inúmeros artigos em Periódicos Acadêmicos;

Cristina Tricot

Sou uruguaia. Desde criança estive vinculada a arte através do desenho e da pintura, frequentando diferentes cursos e escolas. Mas foi só em junho de 2017 que me aproximei da cerâmica, me presenteando com três aulas em um ateliê de Montevideú. Fiquei encantada com as possibilidades criativas do barro e a partir desse momento percorri o caminho da cerâmica autodidática. Comecei a trabalhar em um quarto de apartamento, e essas condições limitantes determinaram o estilo do meu trabalho, engobes e esgrafiados. Hoje meu trabalho está focado em esculturas que representam pessoas, anjos e santos. Peças que para mim tem uma história pra contar.

Delalves Costa

Delalves Costa é poeta, escritor e professor. Publicações recentes: extemporâneo (Coralina, 2019), Apanhador de estrelas (Class, 2020), Midiaserável (Patuá, 2020), Ininterruptos, choremos ruas dentro dos ossos (Class/Bestiário, 2020 – Finalista do prêmio Academia Rio-Grandense de Letras, 2021), de poesia; e Óculos de princesa (Papo Abissal, 2020, infantil), de prosa. Tem publicado poesias em coletâneas impressas e em diversas plataformas digitais

líteroculturais no Brasil, Portugal e Moçambique. Academicamente, tem participação em livros com capítulos e/ou artigos científicos, os quais também publicados em revistas. Esporadicamente, escreve ensaios para a revista Conhecimento Prático Língua Portuguesa/Literatura. Além de destacado pesquisador, é palestrante nas áreas de literatura (direito à literatura e à leitura, literatura contemporânea, literatura locus-regional, diálogos entre literatura, história e culturas locus-regionais) e de educação (diretos humanos e fundamentais e decolonialidade, currículo intercultural, protagonismos educativos). Mestre em Educação (Uergs), professor licenciado em Letras (Unicnec), atuando profissionalmente na rede pública de ensino. É sócio fundador e membro honorário da Academia dos Escritores do Litoral Norte (AELN/RS) e sócio da Associação Gaúcha de Escritores (AGES).

Giselle Frufrek

Giselle Frufrek é uma artista múltipla e iridescente. Cantora, compositora, atriz, dançarina, escritora e arteeducadora. Diversa e plural, farejadora de espaços de liberdade, mora em Osório, Litoral do Rio Grande do Sul. Após 15 anos de bailes da vida, palcos e rodas, pelos muitos Brasis, outras Américas e Áfricas, constrói suas canções autorais contando suas pegadas e voos em entrelaces de culturas. Do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, vai cantando histórias dos jeitos de viver e da geografia das gentes.

Lilian Maus

Lilian Maus (1983) é artista multimídia e professora do Instituto de Artes/UFRGS. Nasceu em Salvador/BA, e vive entre as cidades de Porto Alegre e Osório/RS. É Doutora em Poéticas Visuais e Mestre em História, Teoria e Crítica da Arte – PPGAV/Instituto de Artes da UFRGS. Graduou-se no Bacharelado em Artes Plásticas e na Licenciatura em Artes Visuais pelo mesmo instituto. Foi gestora cultural do espaço artístico e associação cultural Atelier Subterrânea (Porto Alegre, 2006-2015). Vem ministrando palestras e expondo seu trabalho em âmbito nacional e internacional desde 2004. Apresentou seus trabalhos em pintura, instalação e vídeo em diversos estados brasileiros como Rio Grande do Sul, São Paulo, Pernambuco e Rio de Janeiro, bem como em outros países como EUA, Canadá, Portugal, Alemanha, Rússia, Espanha, Colômbia, Chile, Uruguai, Argentina e Japão. Possui obras em acervos privados e públicos como MACRS, MARGS, IEAVI(RS), Pinacoteca Barão de Santo Ângelo (UFRGS/RS), Pinacoteca Ado Locatelli (RS), Instituto Figueiredo Ferraz (SP), Museu do Trabalho (RS).

Sobre o trabalho artístico:

“Interesso-me por projetos multi e transdisciplinares que criem redes de conexão entre grupos sociais diversos e busquem preservar artesanias tradicionais sem perder de vista o potencial inovador das novas tecnologias. Gosto de brincar que sou artista para poder viver ‘várias

vidas' em uma só, pela própria característica multifacetada da arte contemporânea. Por meio de ações coletivas que unem arte, ciência e educação busco sensibilizar o público participante para a valorização do patrimônio cultural e paisagístico em risco de desaparecimento. Venho me dedicando especialmente à paisagem litorânea do Rio Grande do Sul, extremo sul do Brasil, onde resido. Procuo levar para pintura, para o vídeo e as minhas instalações todas essas experiências sensíveis relacionadas à paisagem e o contato com os seus elementos naturais primordiais, como a terra, o fogo, a água e o ar dentro de situações e projetos que me inserem em grupos sociais diversificados e me oportunizam condições para ampliar minha visão de mundo.” Lilian Maus

Márcio dos Santos Colombo

Márcio dos Santos Colombo é um admirador de artes múltiplas. Ourives, artesão e restaurador; alquimista de sonhos, que através de suas mãos se transformam em realidade. Costuma dizer que o que escreve e compõe “são apenas terapia para si mesmo”. Nasceu e mora na cidade de Osório, Rio Grande do Sul. Tem publicado poesias, mini contos, crônicas em publicações impressas, como no projeto Travessia, e em algumas plataformas digitais. Apoiador e incentivador de diversos projetos nas áreas da saúde, esportes, artes e cultura, entende que estes sejam os caminhos para a educação, respeito às diferenças, tolerância e o reconhecimento da palavra liberdade.

Paulinho Dicasa

Paulo Jesus Alves de Lima, conhecido no meio musical como Paulinho Dicasa, é um cantor e compositor popular brasileiro, com áreas de atuação em diferentes segmentos musicais, em especial, samba, maçambique e música popular brasileira (MPB). Desenvolve suas atividades profissionais tanto com apresentações individuais, como com o acompanhamento de sua banda, a Tribo Maçambiqueira. Tem músicas já registradas em importantes festivais musicais tradicionais do Rio Grande do Sul, entre eles a Tafona da Canção, Moenda da Canção, Musicanto e Coruja da Canção.

Pedro Guerra Pimentel

Pedro Guerra Pimentel, nome artístico de Pedro Leandro Scarparo Silveira, Mestre em Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS Litoral Norte. É músico, compositor, arranjador e intérprete. Construiu sua carreira musical nos festivais do Rio Grande do Sul e Brasil, explorando as diversas influências culturais da formação riograndense e conquistando vários prêmios nos festivais de música nativista do estado.

Raquel Ferri

Raquel Ferri é natural de Osório, professora de Educação Infantil por formação, mas ligada a arte e ao manual desde sempre. Já se aventurou por diferentes técnicas das artes plásticas, dentre elas, papel machê (ganhando o concurso Mãos Criativas em Natal/RN), trabalhos com materiais reciclados e/ou reutilizados entre outras técnicas de artes plásticas. Hoje é ceramista e estudante de Artes Visuais. Prefere trabalhar com materiais orgânicos, nos quais o contato seja manual e tem por grande inspiração a natureza e seus detalhes, trazendo algo deste pensar e desta temática para suas artes. Suas viagens pelo mundo e o contato com a natureza e culturas de vários lugares mostram o belo e isso inspira suas artes.

4.2 A experiência de conceder entrevistas

Na presente pesquisa foram entrevistados dez (10) artistas locais, de diferentes formas de expressão artística, que foram indagados sobre suas experiências e percepções sobre as belezas naturais do município de Osório, em uma tentativa de compreender como ocorre o processo criativo desses artistas, quais as fontes de inspiração em suas obras e se as belezas naturais locais influenciam em seu processo de criação.

Nessa busca, foi determinado que o método utilizado para as entrevistas seria o de um roteiro semiestruturado⁶, em que as perguntas seguem uma ordem lógica de compreensão, mas podem ser alteradas conforme a conversa se desenvolve com o entrevistado, desde que os pontos relevantes para a análise da pesquisa não sejam comprometidos por omissões de questionamentos previstos no roteiro.

Foram entrevistados musicistas, escritores e artistas plásticos, de diferentes nichos em suas respectivas artes, totalizando, como acima referido, dez (10) artistas entrevistados. As entrevistas foram realizadas durante o mês de setembro de 2022 e de forma individual. Todas as entrevistas foram documentadas por áudio, registros fotográficos e posterior transcrição em documento eletrônico para análise.

As entrevistas foram realizadas no local de trabalho e/ou residência dos entrevistados, com sua prévia autorização. Todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido⁷ (TCLE), tendo sido uma cópia do termo concedida aos entrevistados, assinada pela pesquisadora com as informações relevantes sobre a pesquisa, assim como o contato da pesquisadora e sua orientadora para possíveis esclarecimentos. Abaixo, um quadro ilustrando as diferentes expressões artísticas dos entrevistados e seus respectivos nichos.

Quadro III: Relação de expressões artísticas dos entrevistados.

⁶ Presente no apêndice deste documento.

⁷ Foi utilizado modelo disponibilizado pelo PGDREDES.

ARTE	NICHO
Artes Plásticas	
Betina Gamba Boeira	Artista plástica/estampista botânica
Cristina Tricot	Artista plástica/ceramista
Lilian Maus	Artista plástica/visual
Raquel Ferri	Artista plástica/visual
Musicista	
Giselle Frufrek	Musicista multi-instrumentista/ Dandô
Paulinho Dicasa	Musicista maçambiqueiro
Pedro Guerra Pimentel	Musicista regionalista/tradicionalista
Literatura	
Anderson Delalves	Poeta/Romancista
Cristina Maria de Oliveira	Poeta/Pesquisadora literária
Márcio dos Santos Colombo	Poeta/Romancista

Quadro elaborado pela autora deste documento.

Nas entrevistas, o roteiro desenvolvido utilizava-se de uma conversa inicial sobre a experiência dos entrevistados em conceder entrevistas. Nesse momento, a pesquisadora pôde conhecer melhor seu entrevistado e iniciar uma contextualização do tema de sua pesquisa, tornando assim, para o entrevistado, um momento de compreender melhor qual será o tema da entrevista, direcionando o foco de suas respostas para o tema proposto pelo pesquisador.

No primeiro momento, quando feita a pergunta inicial, questionando os entrevistados se já haviam participado de pesquisa/estudo anteriormente, relatou-se que apenas os entrevistados com envolvimento no meio acadêmico já haviam participado, respondendo a entrevistas ou sendo parte de algum estudo. Sendo apenas três dos entrevistados ativos no meio acadêmico, isso pode indicar que as pesquisas acadêmicas atinjam um público um tanto específico e que, como acontecem dentro dos meios acadêmicos, podem, talvez, acabar tendendo a se restringir a eles.

A pergunta seguinte questionou sobre como os pesquisados se sentiram ao serem convidados a participar da pesquisa. Este questionamento é relevante para perceber a compreensão do entrevistado sobre a pesquisa com a qual está prestes a colaborar. Tornou-se possível também inferir sobre o sentimento de cada entrevistado em relação à possibilidade de colaborar em um projeto, envolver-se em algo fora de seu cotidiano e sua capacidade de cooperar. Nesse momento, as respostas foram unânimes em relatar a sua empolgação por participar de uma pesquisa/estudo, tendo tido falas como:

Achei bacana por que eu gosto muito de conversar. Mas eu acho que é importante, porque como eu venho também da área da pesquisa. (Anderson Delalves)

Achei superinteressante. (Betina Gamba Boeira)

Eu me senti honrada, quer dizer que alguém tem esse olhar, achei bem legal e bem importante esse assunto que está abordando, porque a gente está vivendo tão loucamente que ninguém está olhando para mais nada, então quando alguém une a natureza ou a biologia ao nosso espaço e consegue ver que isso tem arte, que isso tem a ver, que todo mundo está envolvido com isso é bem legal, é muito bom falar disso também. (Raquel Ferri)

Eu gostei muito, porque quem já passou por isso, né? Por que a gente que já tem uma carreira acadêmica ou que estuda e pesquisa sabe a importância disso e o quão desafiador é. Por que eu posso achar que a minha informação, que eu não tenho nada a contribuir, porém, não existe este nada, cada pessoa tem uma percepção que é única. As histórias de vida das pessoas são valorosas independente de que carga de conhecimento ou de que tipo de conhecimento tem. Eu acho que se tu me convidaste, no mínimo, por respeito a tua pessoa, a tua história e o quanto eu acredito que as pesquisas fazem diferença no mundo. E eu realmente acredito, acredito que isto tem bastante impacto. (Giselle Frufrek)

As respostas obtidas neste questionamento revelaram que os participantes envolvidos com os meios acadêmicos e os que trabalham com educação em algum nível, se mostraram bem receptivos e gratos em poder contribuir para algo relacionado à pesquisa científica/acadêmica, por compreenderem a relevância desse tipo de estudo para a educação como um todo.

Na sequência, foram introduzidas questões sobre as percepções dos entrevistados quanto a pesquisas que se dispõem a debater questões ambientais e sobre qual o entendimento de cada entrevistado quanto às questões ambientais relativas ao município de Osório, buscando entender qual a compreensão que cada um dos entrevistados tem de seu meio e se tendem a relacionar questões sociais e políticas com as questões ambientais locais. Essa pergunta se relaciona à percepção de educação ambiental dos entrevistados, no sentido de compreender suas impressões sobre o ambiente em que vivem e da sua relação com a natureza.

Em relação à suas ideias a respeito das pesquisas voltadas às questões ambientais, os entrevistados se mostraram preocupados com a situação atual no cenário das políticas públicas que debatem a respeito do meio ambiente, levantando temas como desenvolvimento, sustentabilidade e uso de recursos naturais como pontos de preocupação em relação aos moldes da sociedade atual. Algumas das respostas obtidas foram:

Se tiver um mapeamento local das produções e isso gerar reflexão acadêmica, eu acho que é um passo à frente para a gente poder pensar também propostas de ampliação e até de uma sustentabilidade maior do campo da cultura e em cidades pequenas, cidades de interior que existem

mais dificuldades, de fazer circular, então acho que é um começo de reflexão sobre o campo que é importante ser feito. (Lilian Maus)

A artista plástica demonstrou uma preocupação em relação às produções acadêmicas sobre a região e ao quanto estas são eficientes na busca pelo desenvolvimento de ações e políticas públicas locais. Considerando relevante a produção acadêmica, mas revelando que essa deve ter uma continuidade para que seja efetivamente produtiva.

São de extrema importância. Ainda mais no período que a gente está vivendo de degradação do meio ambiente. Essas pesquisas são fundamentais. Fundamentais para que se tenha uma consciência a respeito da importância que tem para a vida o meio ambiente e também no sentido de busca de saber que o ser humano é natureza. (Giselle Frufrek)

A musicista relacionou a relevância das pesquisas acadêmicas nas áreas que envolvem questões ambientais à conscientização em relação ao meio ambiente e como fator de reconexão do homem com a natureza, pontos debatidos no Capítulo 3 dessa dissertação quando, ao relacionar a educação ambiental não apenas ao ambiente escolar, mas sim como forma de repensarmos a relação que temos com o planeta, como forma de nos relacionarmos de maneira harmônica com a natureza.

Eu penso que para poder ter políticas públicas, tem que saber onde é que está parado, então com certeza a pesquisa, seja em qualquer área, ela é necessária para entender a situação. É o único jeito de entender para poder programar uma coisa ou entender e organizar uma sociedade. (Cristina Tricot)

A artista plástica ressalta o fato de que, para que sejam elaboradas políticas públicas, em qualquer área, devem ser realizadas pesquisas para compreender a situação. Expondo um olhar de preocupação em relação a essa temática por parte da entrevistada. Ainda nesse aspecto temos uma outra fala relacionada:

São muito sérias. Existe uma “cegueira” geral. As pessoas não estão levando muito a sério as questões do ambiente. As pessoas estão fazendo uso do mundo de uma maneira como se nada, nada se acaba. E ainda estamos vivendo uma situação política em que há uma negação muito grande das coisas e as pessoas fazem o que querem na verdade. Então essa questão que divide pesquisa nessa área é importante para começar, principalmente alertar essa nova geração de que nós podemos ser os extintos. Questão socioambiental é um tema muito pertinente. (Anderson Delalves)

O escritor demonstrou uma preocupação com as questões ambientais não apenas em âmbito local, mas mundial, no sentido de que percebe uma falta de seriedade em relação ao comportamento das sociedades quanto às questões ambientais. Revelando uma necessidade de atenção em relação às questões socioambientais, como forma de começar a mudar os aspectos da sociedade em relação ao meio ambiente.

Os artistas se mostraram cientes e sensíveis de que existem demandas a serem desenvolvidas pelo poder público no âmbito das questões ambientais, de que estamos vivendo um período de negação da existência de questões relacionadas ao meio ambiente e conservação da natureza. E ressaltaram que as pesquisas a respeito das questões ambientais são relevantes para que haja uma análise da situação ambiental, para que assim possam ser desenvolvidas políticas públicas e ações voltadas à preservação ambiental.

Já a respeito de sua compreensão sobre as questões ambientais do município de Osório, os entrevistados consideraram diversos pontos, como a existência da APA Morro de Osório como alternativa de proteção da Mata Atlântica, cuidado com as águas em relação às lagoas do município, demonstraram ter uma compreensão da biodiversidade e da geografia única da região, onde o município está localizado, e consideraram alguns pontos da gestão pública deficientes em relação às questões ambientais. Algumas das respostas obtidas foram:

A gente tem, evidentemente, uma natureza muito especial aqui, que corresponde a toda essa APA do Morro da Borussia, da Mata Atlântica, que está em discussão esse plano de manejo, então eu acho que a gente tem um tesouro aqui, não só em relação à floresta, mas em relação às águas e a costa marítima, enfim, e se valoriza muito pouco. [...] Eu vejo que há também uma cisão entre o pensamento de quem mora nas zonas rurais e de quem mora no perímetro urbano, que faz com que um não olhe para o outro, eu acho que tem um "gap" entre esses diferentes olhares. [...] Eu acho que Osório tem uma riqueza em todos esses âmbitos pouco valorizada, poucos foram os gestores públicos que fizeram um plano de tratamento das águas eficaz, se começou isso, mas ainda está longe de recuperar as lagoas. Tem uma questão dos condomínios forte aqui, porque a gente está numa zona que é a que mais cresce no estado, que é o litoral, o maior crescimento populacional e urbano é aqui, então há um movimento todo "especulatório" que se reflete nessas lógicas de condomínio fechado, para poucos, em que se fecha uma lagoa só para aqueles privilegiados poderem acessar e o restante toda a população nem percebe que existem tantas lagoas na cidade. (Lilian Maus)

A artista revelou ter uma certa compreensão sobre as questões ambientais da região, atentando para questões que envolvem o plano de manejo da APA Morro de Osório e ligadas ao saneamento básico no município que passa por uma transição de local da estação de tratamento de efluentes, que foi realizada sem estudos prévios de impacto ambiental e, em seguida, teve sua obra embargada. Observou também a questão dos condomínios fechados do município, que se instalam nas orlas das lagoas e impedem o acesso livre por parte da população desses lugares, que é uma crescente observada no município e na região do Litoral Norte do Rio Grande do Sul.

Nós temos uma Geografia lindíssima aqui na região. Nós temos um dos lugares no mundo único. Nós temos o número de lagoas que a gente tem, em pouco espaço a gente une mar, planície, banhados, morros, tanto que a gente se refere ao litoral como "Serra e Mar". É uma região rica, do ponto de vista

da Geografia, do ponto de vista da biodiversidade e ainda assim as pessoas, os moradores daqui, não tem essa consciência do quanto isso daqui é tão importante quanto a Amazônia. Então nós temos tantas possibilidades de fazer uso dessa nossa biodiversidade. Pelos pequenos produtores, em termos de turismo rural, turismo ecológico, que poderia ser feito. Ou seja, o turismo ecológico, não só do ponto de vista econômico, mas também do ponto de vista de ter um olhar de futuro. Então eu acho que, para a preservação ambiental, pessoas precisam conhecer, saber o que é, qual a importância que tem aquele animal, importância que tem a água... (Anderson Delalves)

O escritor demonstrou ter conhecimento da biodiversidade e da geografia singular da região em que o município de Osório está localizado e da importância de preservar estes aspectos. Relatou também a possibilidade de utilizar o turismo ecológico e rural como alternativas de incentivo à preservação da natureza, pois estimula a economia no município sem causar grandes impactos à natureza.

Olha, aqui, quando se fala em desenvolvimento há várias discussões sobre o que é desenvolvimento, né? Eu entendo que desenvolvimento tem que entender o homem como inferior a natureza, começa daí. Porque se, por exemplo, se colocar aqui uma indústria que degrade a natureza, para uns vai ser desenvolvimento. Para alguns, vai ser desenvolvimento do capitalismo, econômico. Vai trazer divisas, vai criar empregos e etcetera, mas se degrada o ambiente, vai sobrar o quê, para nós, como sociedade, para sobrevivência. [...] Então eu penso que tem que ser muito preocupado, qualquer pensamento sobre o desenvolvimento, tem que ser muito preocupado com o ambiente. (Pedro Guerra Pimentel)

O músico demonstrou uma preocupação com as questões do desenvolvimento da região do Litoral Norte do Rio Grande do Sul como um todo, ressaltando que a relação do homem com a natureza está em um desequilíbrio e deve ser reajustada antes de se pensar em desenvolvimento da sociedade nos moldes atuais. O entrevistado trouxe o aspecto da degradação da natureza para o desenvolvimento econômico, como causa do desequilíbrio na natureza.

Na verdade, politicamente eu não entendo nada, mas eu sei que a gente tem um potencial bem legal natural na nossa região e que existem alguns projetos com um olhar para a natureza, mas eu não sei se isso está indo à frente e nem quem cuida desses assuntos. Deveria, talvez, até estar mais envolvida com isso, mas eu não tenho esse conhecimento, só sei que tem sim olhares até políticos com relação às belezas e ao que a gente tem aqui, até para ter um ganho de dinheiro, economicamente, para um benefício econômico da cidade e da região. (Raquel Ferri)

A artista plástica assumiu não ter envolvimento com as questões ambientais locais, tendo pouco conhecimento do cenário atual do município no que se refere a isso. Revelou ter conhecimento de um potencial da região, por sua biodiversidade e geografia, e relatou saber de ações e propostas da administração pública local nesse sentido, mas visando ganhos econômicos.

Eu percebo que tem um envolvimento significativo, tem uma caminhada em Osório a respeito disso, porém, grande parte são de pessoas que vieram de fora. Acho que o impacto da universidade teve muita diferença, a vinda da universidade para o litoral, especificamente a UFRGS e o Instituto Federal. Tem um impacto significativo em relação à educação ambiental aqui na região, mas ainda é muito pequeno. (Giselle Frufrek)

A musicista revelou ter o conhecimento da biodiversidade local e da geografia peculiar da região, mas relatou também que propostas voltadas às questões ambientais na região começaram a ser incentivadas e desenvolvidas com a vinda da UFRGS e do IF para a região, que isso trouxe benefícios à educação ambiental e à sensibilização da população local.

É possível validar as falas dos entrevistados quanto à biodiversidade e geografia particular do município através da fala de Rufino (2007), quando a autora expõe, em seu livro intitulado “Osório: de Estância da Serra à Terra dos Bons Ventos”, detalhes da geografia local.

No município de Osório, encontra-se uma grande diversidade de lagoas, algumas delas interligadas, e ainda um cenário de planície, na parte do território mais em direção ao mar, mas com boa parte ocupada por morros, onde se inicia a Serra do Mar. É, assim, um local de aspectos naturais que configuram um ambiente diversificado, com variadas formações geográficas compartilhando o seu território (RUFINO, 2007, p.17)

Já Silva (2014), nos traz informações históricas sobre a região, em seu livro “Navegação Lacustre Osório – Torres”, em que a autora ressalta a riqueza de aspectos naturais e das paisagens no município, trazendo o aspecto do uso dessas áreas para a agropecuária, que nos faz refletir sobre os aspectos relatados pelos entrevistados, em relação ao modelo de desenvolvimento historicamente implantado no município. Em suas palavras,

[...] o município de Osório está localizado em uma região geográfica rica em paisagens e aspectos naturais que proporcionam ambientes variados. Desde sua formação, o município utiliza boa parte dessas áreas para a agropecuária, especialmente o entorno das lagoas, na parte de planície, bem como a encosta e o alto da serra. Vale destacar, que as suas lagoas sempre tiveram papel importante nas atividades econômicas do município, seja pelos caminhos que se formaram ao seu redor, ou pelo uso para transporte de cargas, a partir de 1840, além da exploração pela pesca artesanal e pelo turismo, mesmo que singelamente. (SILVA, 2014, p. 27)

Esse primeiro momento das entrevistas revelou algumas das preocupações dos artistas locais com a preservação da natureza no município de Osório. Alguns não tem um envolvimento ativo com as questões ambientais do município, mas a tendência foi de que eles possuem uma consciência de seu entorno e da relevância da preservação da biodiversidade local. Apresentando falas que demonstram um interesse dos artistas nas questões sociais e políticas locais. Estes relatos revelaram aspectos da educação ambiental e ética ambiental dos entrevistados, podendo demonstrar preocupação e sensibilização dos artistas quanto às questões ambientais.

4.3 Compreensão da arte

Em um segundo momento, as questões elaboradas têm o propósito de compreender a arte de cada um dos entrevistados e como acontecem seus processos criativos, analisar quais fatores inspiram o processo criativo de cada artista, se as belezas naturais do município de Osório são uma fonte de inspiração para suas obras e, se sim, como isso acontece. Este momento foi elaborado com os questionamentos acima citados, com o intuito de conhecer a arte e seus processos e determinar se há uma relação dos artistas locais com as belezas naturais locais, visando alcançar o objetivo da pesquisa de compreender a perspectiva dos artistas locais do município de Osório sobre suas experiências estéticas do belo natural.

Esse momento será analisado, considerando as diferentes expressões artísticas aqui apresentadas, em separado, de modo a analisar se as percepções ocorrem de maneira diversa entre as diferentes artes e se há similaridades entre os artistas de uma mesma arte em suas percepções e em seu processo criativo.

Abaixo, em quadros, separados pelas diferentes áreas da arte, relataremos as respostas dos entrevistados separando-os pelas diferentes expressões artísticas, sendo elas, na sequência apresentadas: Musicistas, Escritores e Artistas Plásticos.

Quadro IV: Respostas dos musicistas referentes ao segundo momento da entrevista sobre compreensão da arte.

Perguntas	Arte: Musicistas		
	Giselle Frufrek	Paulinho Dicasa	Pedro Guerra Pimentel
Qual a sua arte?	“Eu trabalhei em bar, na noite, de tocar MPB, mais de 15 anos. De uns 5 anos para cá eu faço parte de um projeto que se chama Circuito de Música Dandô, vai fazer 10 anos que existe o projeto e eu faço parte há 9. E é um projeto de música autoral, então, eu sempre interpretei canções em festival, Moenda, Tafona, e recentemente trabalhos autorais.”	“Sou músico, me dedico a isso. E às vezes minhas músicas falam da natureza, outras vezes falam do social. Mas sempre relacionado ao maçambique, ao ritmo maçambique.”	“Eu sou é músico desde que nasci. Mas comecei em festivais em 1980. A partir de 1983, comecei a participar como compositor também. Eu participava no começo com músicas do meu pai. Com 17-18 anos, comecei a compor. Começaram a me dar letras. Eu me dediquei muito a compor, arranjar, a ser músico de festival.”
Como funciona a criação das tuas obras?	“Quando eu canto, eu uso este corpo, que veio da dança e que está no palco do teatro. Quando	“Depende muito. Tem vezes que eu paro quase um ano sem fazer música e depois outras vezes vem	“Então no começo, tu vais tentando, no violão, tentando criar uma melodia. Eu comecei

	<p>eu estou na palestra falando no Congresso, dificilmente eu não estou com algum elemento cultural. Eu sempre trabalho com palestras ou estou com algum elemento de origem africana ou indígena, que são duas origens mais fortes da minha família. E as questões da cultura europeia, que também veio com meu sobrenome, também permeia isso, então eu tento sempre com melodias, com poesia, com canções, costurando esses conceitos teóricos que eu trabalho. Então, o processo de criação acaba também se costurando no meio de tudo isso. É o poema que vira canção, é o texto, na minha dissertação toda a cada início de capítulo tem um trecho de uma música, eu não consigo separar as coisas, para mim, tudo está interligado, assim são só diversas formas da natureza se manifestar.”</p>	<p>inspiração e eu crio duas ou três músicas. E às vezes minhas músicas falam da natureza e outras vezes falam do social. Mas sempre relacionado ao maçambique, ao ritmo maçambique. Agora, inclusive, eu estou sem escrever faz tempo. Mas de uma hora para outra surgem as ideias aí eu vou para o caderno, começo a anotar e crio minhas músicas, faço letra e melodia, as vezes surge uma primeira que a outra. Depende muito. Geralmente eu tenho que estar com o violão na mão, com o violão surgindo as coisas. Eu crio primeiro, às vezes, a música. Às vezes a gente levanta com a letra, um verso e aí vai buscar as outras coisas.”</p>	<p>principalmente a fazer música em cima da letra. É uma relação muito interessante que eu tive desde o começo, porque como eu já vinha trabalhando com música desde 1980, foi vindo espontaneamente para mim. O que acontece? Se eu não tiver prática disso, eu posso estar fazendo uma melodia que já existe. Aí seria um plágio. Então eu aprendi a fazer em cima da letra com a sílaba tônica da letra. Então, isso já me dá a melodia na medida em que eu estou lendo vai me dando melodia, é incrível, fica mais personalizado é tipo, como o declamador, declama, eu coloco melodia na minha declamação e isso dá uma melodia e dá um andamento e à medida que eu vou fazendo eu tento já ir gravando. Por quê? Se tu não gravas, perde aquela melodia. A mente da gente é muito acelerada. A gente tem muitas coisas na cabeça, né? E se tu não gravares ali, tu perdes aquela.”</p>
<p>No seu processo criativo quais fatores mais te inspiram?</p>	<p>“Acho que eu sou bem sensorial, na questão da atmosfera do lugar, me impacta muito. A natureza em si do ambiente, a relação desse ambiente com a questão humana, eu acho que tem um impacto bem forte. Porque a natureza está ali se manifestando.</p>	<p>“Depende, depende. Todas as tendências de escrita, elas dependem muito do momento que a gente está. Eu agora estou muito voltado para a família. De repente surge algum processo que desencadeia, vem um verso, vem outro. Traz muito do que a gente vive no dia a dia. Às vezes é de</p>	<p>“O sentir-se bem. Tem a ver com isso. Por exemplo, eu olho essa natureza que tu estás vendo aqui, (vista da lagoa), como é que não vai te inspirar. Eu já fiz umas músicas para cá, assim, sentado aqui na sala. Então, sem dúvida, que essas questões me inspiram. É como tu</p>

	<p>Então acho que isso tem reflexos bem significativos no processo de criação o tempo todo. Até porque a criação ela acontece na relação com o ambiente. Então você está num lugar, às vezes, acontece um movimento, isso vai te inspirar, isso vai te provocar de alguma forma, ficar reverberando. Cria um sentido, onde você fica se questionando sobre coisas e daí entra num processo de criação. Em função disso também acho que muito para tentar compreender, para tentar explicar para si mesmo, encontrar novas perguntas. Dentro do processo criativo eu acho que tem muito isso.”</p>	<p>saudade de algum tempo. A gente não tem uma formula para escrever. De repente está no meio da alegria e escreve sobre tristeza.”</p>	<p>estás te sentindo, se tu te sentires bem com isso, eu pego, me sento ali no meu escritório e produzo também música, “Vou fazer música agora”, sem estar na natureza, necessariamente na “natureza natural”, vamos dizer assim. Não na natureza transformada que é o escritório, transformado em mesa e etcetera. É sentir-se bem. Então por isso que a natureza, tu estando num ambiente natural, te inspira, certamente.”</p>
<p>Você considera as belezas naturais de Osório como fonte de inspiração?</p>	<p>“Com certeza. Eu acho que sim, não só para inspiração da beleza em si.... Eu não falo nem só da beleza natural, mas eu falo do porquê beleza. O que é beleza, afinal de contas, o que é que você acha belo. O ambiente tem um impacto nas criações, ele inspira porque ele faz a gente pensar, faz a gente refletir. E o belo está nisso, nesse convite que há de se pensar. Dessas belezas, que são naturais, mas que têm intervenção o tempo todo, mas tem muita inspiração, bastante mesmo.”</p>	<p>“São, e isso para várias pessoas, eu vejo várias letras de amigos, que escrevem sobre a natureza de Osório. Todas elas num ângulo diferente de olhar. Mas que resulta falando sempre das mesmas naturezas. Falando da lagoa, falando do mar, falando do morro, falando do Morro Alto, vem muita coisa de lá para quem escreve o maçambique. As pessoas falam daquilo que elas vivem. Se tu vives num momento em que há depredação tu vais falar daquilo. Se tu olhas em volta, tu vês a beleza tu te inspiras a falar de beleza, depende do lugar em que tu está, a tua letra sai melancólica ou não. Depende.”</p>	<p>“Pelo amor de Deus, isso aqui é muito lindo. É muito lindo quando a gente vai a Porto Alegre, na volta e já começa ali na Freeway, aqueles morros e aquelas lagoas ali e depois ainda a gente passando na BR-101, se estendendo lá, Terra de Areia. Muito lindo, indo para Florianópolis, essa nossa “serra” inicial aqui, o túnel ali em Três Cachoeiras, é tudo muito lindo. Isso tem que ser preservado, cuidado e sem contar o mar, as lagoas, tudo isso inspira a gente sim.”</p>

<p>Se sim, como você expressa esta inspiração em sua profissão?</p>	<p>“Eu acho que a questão dos espaços naturais aqui em Osório, eles para mim, são mais espaços de conexão do que de lazer. Raramente eu vou para a beira da lagoa, por exemplo, para fazer um churrasco. Eu vou ficar sozinha, para ouvir o barulho da água, e isso sim, tem impacto direto na inspiração. Por que ali é um espaço de dialogar e de pensar, de estar, eu já busco nesse sentido de contemplar e de me inspirar.”</p>	<p>“Geralmente é pelo violão, vai desenrolando algumas coisas com mais facilidade, outras trancam no meio do caminho, fica um tempo ali parado, que não vem mais ideias. Às vezes tu está olhando para o morro e vem outra ideia, essa ideia completamente diferente. Depende muito. Às vezes faz uma pesquisa sobre o morro custa muito a vir a maneira de escrever sobre aquilo, não é para todos. É muito poucas pessoas que têm “a vou escrever tal coisa” e a pessoa já escreve. Mas é difícil, por que tem uma maneira de escrever a música, que a música não é tirar uma poesia ali e vai ser uma música. Ela tem a maneira de ser música e a maneira de ser poema, de coisas que vais escrevendo para um livro. Então conforme tem que encaixar tuas ideias em vez de dizer três palavras para te entender tem que ser uma só. Tem que dar a entender o que tu queres dizer em poucas frases, para caber dentro da temática. É um pouco difícil de escrever a música. Às vezes tu tem e não encaixa as palavras.”</p>	<p>“Eu consigo com a melodia que aparece assim, com aquela inspiração. Porque não é só inspiração, mas a inspiração, ela é uma acelerador do sentimento. Porque se tu te inspiras e sente bem contigo, aí eu consigo retratar com a melodia que eu vou fazer dentro da letra, por exemplo, tem letras de paisagens, que me inspiram. A letra me dá imagens, então, por exemplo, está falando de uma imagem de movimento, a minha música vai ter movimento. Uma imagem parada, doce, calma, eu vou colocar uma melodia calma. Então, se a letra fala das lagoas, do morro ou fala, por exemplo, do Morro Alto, da escravidão que teve lá, teve um Quilombo, vai me inspirar para uma coisa mais acirrada, mas aguerrida. Eu tenho músicas assim. E é assim que é a composição. Conforme o que diz, conforme o que tu sentes, conforme o que tu imaginas, por exemplo, a letra de lagoa, tu imaginas aquilo “Vou me imaginar ali” Tu te transportas para o cenário e te inspira. Não tem como não acontecer isso? É isso que acontece.”</p>
----------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Quadro elaborado pela autora deste documento.

No que se refere ao processo criativo, os músicos tiveram uma certa dificuldade de relatar como funciona, deixando a impressão de que o processo ocorre de maneira tão fluida

e inconsciente que se torna difícil relacionar o processo criativo a uma determinada ordem lógica e racional de processos desenvolvidos.

Quanto aos fatores que mais inspiram os músicos nas suas obras, foram relatados aspectos como: sensorial; família; saudades; e sentir-se bem, como sendo os fatores de inspiração mais perceptíveis pelos músicos. Já em relação a se consideram as belezas naturais de Osório uma inspiração para suas criações os três músicos entrevistados foram unânimes em responder que sim. Relatando a diversidade das belezas naturais locais, assim como, questionando o que se considera belo e como a percepção de cada indivíduo é diferenciada em relação a uma mesma paisagem/lugar/espço de acordo com suas experiências prévias de vida.

Em relação a como expressam essa inspiração nas suas criações os músicos não foram capazes de determinar um mecanismo para essa expressão. O processo de transferir uma inspiração, ativada pela contemplação da natureza, não pôde ser descrito por eles com uma precisão de método. Aparentemente, os processos criativos se dão de maneira tão espontânea e inconsciente que a inspiração se transmuta em material artístico de uma maneira imperceptível, a princípio, ao artista. Revelando que possa acontecer no processo criativo um afastamento dos conceitos prévios do artista e das realidades conhecidas, para que haja um contato genuíno com a arte, como debatido no item anterior deste capítulo.

Quadro V: Respostas dos escritores referentes ao segundo momento da entrevista sobre compreensão da arte.

Perguntas	Arte: Escritores		
	Anderson Delalves	Cristina Maria de Oliveira	Márcio dos Santos Colombo
Qual a sua arte?	“A produção de literatura é algo importante para mim, mas é algo mais importante ainda para a humanidade. Para mim, um dos primeiros aspectos que a literatura tem é humanizar as pessoas. Precisamos muito nos humanizar. E as histórias, elas servem de ponto de partida para começar a reflexionar o ser humano. “	“Na produção dos poemas, eu já escrevo desde a minha época escolar, de aluno e tal, mas daí essa vontade, esse gosto de escrever é aquela situação, tu escreves um bilhete, escreve num caderninho e vai largando nas gavetas e um dia tu resolve olhar para aquilo. Porque a palavra que tu lanças dentro de um verso e que compõem no conjunto de palavras um poema, ela	“Sou profissionalmente ourives, mas a escrita é minha paixão, tenho alguns poemas publicados, mais de 200 escritos e estou trabalhando no meu primeiro romance.”

		tem uma parte viva. Que cada vez que seja o próprio produtor, o próprio escritor ou o leitor pega e lê um poema tu ativas diferentes significações.”	
Como funciona a criação das tuas obras?	<p>“Eu quero trazer, o que eu quero mostrar para o mundo que eu moro num lugar, que esse lugar existe, que esse lugar é importante, que esse lugar tem que ter o seu espaço no mundo. Osório, talvez muita gente não conheça, quando conhece é porque tem muito vento. Depois disso muita gente veio para cá pelo parque eólico, conhecer o parque eólico. As pessoas sempre me perguntam, por eu escrever, sobre a região da lenda da noiva, então o Rio Grande do Sul todinho conhece a lenda. As necessidades do meu lugar vão me trazendo elementos narrativos. Então eu sempre penso que eu tenho que falar do meu lugar para depois ser universal. O meu olhar é pra minha região e o que da minha região tem na literatura, sejam elas paisagens naturais, questões culturais, patrimoniais, preciso ver que vão estar na minha literatura, muito da minha poesia tem a ver com a questão ambiental.”</p>	<p>“Diariamente, quando e nesse ambiente que eu moro, eu estou muito integrada à natureza, então quando amanhece que tu vês como está a coloração do céu, tem essa possibilidade, como está o movimento das folhas, as flores que despontam naquele dia, tudo isso vai adquirindo novos significados, porque com o passar do tempo tu vais juntando a tua vivência anterior, a tua história de vida. Então, por exemplo, se eu faço um poema hoje, que eu estou com quase 70 anos, que envolva uma flor, pode ser a mesma flor que eu fiz um poema 10 anos atrás, mas isso é muito diferente, porque o meu jeito, a minha história de vida, a minha significação, para eu falar, seja, sei lá que dia é hoje é muito diferente do que eu falava há 10 anos atrás. Então o que tu reúnes, tu te decides, naquele momento ou durante a construção tu vais lapidando, o que tu escreves. Tu vais escolher o estilo, o número de versos, dentro dos versos como tu vai fazendo a rima ou não rima, porque hoje o verso é livre, se tu vais fazê-lo numa estrofe só ou em várias partes, distribuindo.”</p>	<p>“Meu processo é cansativo, geralmente, eu escrevo a noite, o tema é o tema que eu penso durante o dia, às vezes eu trabalhando, tu me conheces sabe que o meu trabalho é um trabalho silencioso, e ali eu estou pensando e, às vezes, dos meus pensamentos eu já gravo alguma coisa no celular, chego à noite e coloco na página em branco, tem o processo de gravar, se não gravar se perde, eu perco as melhores ideias. Às vezes, tu vais deitar e está com um pensamento se não escrever na hora perde. Os grandes poetas tinham uma caderneta do lado da cama que é onde as melhores ideias não se perdiam durante a noite.”</p>

<p>No seu processo criativo quais fatores te inspiram mais?</p>	<p>“Talvez quem mais fale de vento na literatura da região seja eu, falo muito do vento. Ele é um elemento muito característico da nossa região, muito importante, não só economicamente, mas para a questão natural. Mas muito mais que isso, o vento, ele é uma identidade nossa, onde tu fores em Osório tem o vento. Muitos olham para Osório e pensam nos cata-ventos. Falo sobre os ventos, sobre infância, sobre o Rio Maquiné, de todas as identidades. Nossas paisagens aqui da região estão representadas na minha poesia.”</p>	<p>“Isto é variável, depende do que tu estás escrevendo naquele momento. Porque, por exemplo, quanto lês, depois tu vais ver que ressaltam, as palavras tudo envolvem cores. Tu consegues visualizar mentalmente que eles estão coloridos. No outro momento não tem referência a cores, mas só a sentimentos, sentimentos bem íntimos, e envolve alegria ou tristeza, mas não foi usado ali naquele momento, palavras que envolvessem. Vai depender do dia, do momento, da época que constrói. Eu busco sempre essa arte não fixa, de um jeito só. Vai depender da época e da seleção que tu fazes. E essa seleção é segundo o teu contexto de vida.”</p>	<p>“Amor, eu gosto de falar sobre amor, sobre as pessoas, acho interessante, é o que me comove mais, me cativa.”</p>
<p>Você considera as belezas naturais de Osório como fonte de inspiração?</p>	<p>“Sim, eu sempre olho as coisas com um olhar diferente, porque é pelo olhar da sensibilidade, pelo olhar da alma, pelo olhar de poeta, que eu preciso enxergar as coisas que os outros não enxergam.”</p>	<p>“Também, porque eu não nasci aqui, eu estou aqui a 20 anos, eu fui superfavorecida por este espaço, mas eu vou saindo, vou andando, vou enxergando também essa percepção em outros lugares.”</p>	<p>“São, Osório é muito lindo, tem a praça das carretas aqui, eu fiz um poema outro dia sobre isso, sobre a praça das carretas, eu achei encantadora, falando sobre criança até porque eu tenho filhos, é um espaço agradável para ir com as crianças, as famílias vão bastante.”</p>
<p>Se sim, como você expressa esta inspiração em sua profissão?</p>	<p>“A paisagem ela entra realmente para marcar o território da nativa, agora, na poesia, no verso, ela entra como um elemento sugestivo, ela entra como um elemento para dar beleza. Quando eu falo</p>	<p>“Às vezes eu escrevo um poema com um cunho um pouco mais descritivo, mas tem que ser com palavras que evoquem um sentimento, que dê uma outra configuração que não a definição de dicionário, senão não vira</p>	<p>“O ar já é uma inspiração, nosso ar da cidade aqui é diferente de uma cidade grande, então isso já basta para te inspirar e estar bem, chegar em casa, descansar e poder escrever alguma coisa.</p>

	<p>de vento, por exemplo, eu não quero simplesmente falar sobre o vento aqui de Osório, é mais do que isso, é falar da relação desse vento com o outro, a relação desse vento com o lugar que nós temos aqui e o vento ali não é o principal.”</p>	<p>poema, enfim, às vezes de um afazer, de um encontro de pessoas, da observação da realidade social. Então meus assuntos têm temáticas variadas. Depende do dia, do momento que eu escrevo, da hora. Normalmente eu faço assim, da tarde para a noite, mas às vezes também, pego o papel um pouquinho de manhã, às vezes escrevo direto no computador, às vezes faço alguns dados primeiro, isolado e depois monto o restante no computador. O estilo, tem verso livre, tem poemas com rimas.”</p>	<p>Assim de cabeça, eu me lembro desse poema que fala da praça das carretas, mas tem outros, que eu não lembro agora. Tenho algumas músicas escritas também.”</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Quadro elaborado pela autora deste documento.

Os escritores entrevistados relataram seus processos criativos de diferentes maneiras, relatando que dependem de suas rotinas, alguns procuram escrever com horários determinados, mas, no geral os entrevistados relataram uma certa dificuldade de manter um período específico de escrita, devido às demais tarefas desenvolvidas em suas rotinas. Não foi possível relatar um processo determinado de criação, que siga uma lógica ou etapas pré-estabelecidas.

Em relação aos fatores que mais inspiram suas criações, os escritores foram mais abrangentes e relacionaram suas escritas com o momento que estão vivendo. Citaram também o contato com a natureza que os cerca e elementos de natureza presentes na região, como os ventos, o frio, como fatores relacionados à natureza. E citaram também fatores sociais como as pessoas e com contato humano e o amor como inspirações. Quanto ao fato de inspirar-se nas belezas naturais de Osório para suas criações, todos os entrevistados relataram que sim, as belezas naturais locais, são uma fonte de inspiração. Até mesmo em um aspecto indireto, como fonte de contemplação, relaxamento e lazer.

No que se refere a como os escritores relatam essas inspirações em suas criações, foram relacionadas diferentes maneiras. Um se utiliza dessas inspirações para descrever melhor os aspectos locais, como elementos componentes da paisagem ou elementos que situem o leitor do cenário do texto em questão. Outro relatou que algumas vezes se utiliza de maneira direta e descritiva, mas outras vezes de maneira figurada, na utilização de suas percepções do momento contemplado.

Quadro VI: Respostas dos artistas plásticas/visuais referentes ao segundo momento da entrevista sobre compreensão da arte.

Perguntas		Arte: Artes plásticas			
	Betina Gamba Boeira	Cristina Tricot	Lilian Maus	Raquel Ferri	
Qual a sua arte?	“Eu sou artista. Na minha formação eu sou professora. Mas eu hoje me denomino uma artista. Sou uma artista e trabalho com tingimento e estamperia botânica.”	“Eu parei de trabalhar e vim morar no Brasil e aqui começam a aparecer outras oportunidades, outros interesses. E aí foi que eu comecei a trabalhar em cerâmica. Não tenho formação.”	“O que é permanente na minha produção é a pintura, mas eu trabalho também com fotografia, com instalação, filmes, trabalho com uma diversidade de meios que não são restritos a pintura, embora tenha interferência da pintura em todos eles, porque quando eu enquadro eu estou pensando no plano pictórico, tenho uma base.”	“Atualmente eu sou artista visual e ceramista.”	
Como funciona a criação das tuas obras?	“Existem plantas que são tintórias (<i>sic</i>), como a catinga de mulata, o eucalipto, a aroeira, a mamona, o caroço de abacate, então tem coisas que não tingem. Geralmente, tem que ser no tecido de algodão ou fibra natural, linho. Mas o melhor é o algodão puro, porque o linho já altera a cor, feito isso, separei as	“Eu comecei a trabalhar com engobes que é só argila e gostei dessa questão de só trabalhar com argila e esse simbolismo de que significa um trabalho totalmente orgânico, natural. Isso é uma coisa que é um barro colorido, com óxidos. E também é uma questão que tem muito a ver com	“Eu me inspiro bastante na natureza, sempre, mas na minha produção toda sempre foi sobre paisagem, gosto muito desse tema. Acho que eu me estimo por elementos da paisagem, então às vezes eu estou mais focada nas águas, às vezes	“O meu processo criativo acontece no dia a dia, eu não me preparo para que ele aconteça, não tenho um ritual, mas eu acabo que no dia a dia mesmo a gente sai de casa e acaba se deparando com uma árvore de flor, ou olhando com mais atenção para o morro, que no corre-corre a gente acaba esquecendo	

	<p>plantas, botei o tecido, sempre o tecido claro ou branco. Porque a tintura da planta é muito sutil, não é uma coisa que vai soltar uma tinta. Tu vais colocar no pano, organiza. E aí tu podes usar como eu usei de tinta o colorau, açafraão. Feito isso, boto na panela uma água para ferver, mais uma tintura e mais um mordente, e deixo no mínimo 1 hora fervendo. Antes disso, tem a questão do ferro, eu enrolo num ferro, tem gente que enrola num plástico. A gente não tem como controlar o resultado, é sempre inusitado, nunca sabe como é que vai sair e tu sabes que a planta vai sair impressa, agora, que posição vai ficar, de que jeito vai ficar.”</p>	<p>o trabalho que era feito pelos indígenas da América, que eles trabalhavam com óxidos coloridos. Então o trabalho foi, mais ou menos, se encaminhando para esse lado, em função de que para mim era confortável levar uma peça com o engobe, o engobe não cai, então é muito mais fácil. E foi assim que eu escolhi. Depois eu vi que também há uma técnica na qual, tu fazes todo o trabalho enquanto a peça está crua, quero dizer, “tu entregas tudo ali” e o forno é o juiz. Então depois do forno, se tu fizeste tudo certinho, aquilo vai dar certo.”</p>	<p>eu estou mais focada no ar, nos céus, às vezes estou focada mais na Terra, no cultivo, nos plantios. Às vezes eu estou focada mais em elementos como fogo, incêndio e tal, então eu vou migrando por esses elementos e isso vai assumindo meios diversos.”</p>	<p>de ver ou não vendo e não fixando, lembrando que a gente tem e muitas outras cidades não tem isso, essa beleza, neste sentido.”</p>
<p>No seu processo criativo quais fatores te inspiram mais?</p>	<p>“Eu acho a conexão com a natureza. Isso me dá uma sensação de integração, sabe? Essa coisa para mim não tem outra... é a conexão. Tu vês Deus nisso. Tu te preenches, é assim que eu me sinto. É uma coisa bem emocionante para mim.”</p>	<p>“A inspiração é uma coisa que não é muito mental, digamos. Eu vi no meu processo de criação, eu vejo que meu inconsciente ele tem muito a ver, meu estado emocional. Tem momentos que eu percebi claramente quando estava fazendo terapia e falando de um</p>	<p>“Eu adoro texturas, adoro cores, formas também, tudo. É um conjunto, porque que tem uma coisa que eu descobri aqui, que foi certo exercício de um olhar endêmico, eu gosto deste termo porque eu acho que tem</p>	<p>“Eu tenho bastante inspiração em rostos e gosto muito de flores, folhas esses dois tem bastante presença no que eu faço. Folhas, flores, eu acho que é isto.”</p>

		assunto familiar e começaram a nascerem anjos. No meu trabalho, então, eu comecei a perceber a conexão que tem o inconsciente com a criação.”	paisagens que desenvolvem o teu olhar para um determinado repertório. E eu acho que isso aconteceu aqui, de ter assim esse interesse maior pela botânica, por exemplo, e por outras áreas que faz com que tu olhes, olhe de novo, olhe o padrão, olhe de uma forma mais distanciada, olhe visando a identificação, então é um outro tipo de olhar, mais analítico sobre as coisas.”	
Você considera as belezas naturais de Osório como fonte de inspiração?	Sim, sim. Osório é uma cidade muito inspiradora, apesar das pessoas, eu digo a natureza mesmo, o morro, porque as pessoas em Osório, eu acho que é pouco cultural a nossa cidade, sabe, as pessoas não se conectam com isso.”	Eu acho que as belezas naturais, para começar, elas estão em todos os lugares. E sim, com certeza para mim, Osório, eu gosto muito do morro. E claramente o morro foi um lugar que para mim era muito inspirador. E aqui, obviamente, essa lagoa é maravilhosa.”	Ah, com certeza. As belezas naturais, as histórias, as pessoas, os encontros com seres muito especiais daqui. Eu amo o vento daqui, adoro vento. A primavera daqui eu acho muito especial, porque tem aquele sol quente, mas sempre tem essa brisa.”	Sim, sim, com certeza é uma fonte de inspiração, se a gente está meio sem inspiração ou até triste, sei lá, no dia a dia, tu dar uma volta na lagoa e já acaba respirando e tendo esse contato com a natureza, isso faz a gente ter uma inspiração, se sentir melhor/inspirado. Se tu deres uma volta na cidade, é uma cidade muito arborizada, aqui a gente tem praças que tem árvores, tem grama, tem esse contato que a gente precisa com a natureza, não só para ter inspiração.”

<p>Se sim, como você expressa esta inspiração em sua profissão?</p>	<p>Com essa tranquilidade total. Se tu não conseguir fazer eu vou eu vou fazer para tu ver como dá certo. Tem confiança, confio naquilo que eu faço. Muita confiança é tanta autoconfiança, no meu trabalho, eu até tento buscar para a vida, porque muitas vezes tu não consegues na vida fazer assim, né? Porque tem todo outro olhar.”</p>	<p>Eu acho que a natureza, ela eleva a tua frequência de vibração. Tu vais sentar aqui e olhar o pôr do sol e não tem como tu não subir a tua frequência, entende? Porque é tão bonito, tão bonito que não tem como. Então, isso já faz com que tu morando aqui, o que eu vi é totalmente diferente de morar num lugar onde tu acordas, estão buzinando e está escutando o vizinho gritar e todo esse barulho da cidade. Eu estou aqui, tu acordas de manhã, abre a janela, vai olhar, isso é absolutamente bonito. O dia começa diferente, eu tomo café da manhã olhando a lagoa, é outra coisa. E com certeza, isso no teu trabalho vai atingir. O meu trabalho, eu acho que ele ficou muito mais amoroso com este olhar, entendes.”</p>	<p>Isso eu vou inventando. Para inserir esses personagens eu inventei o filme. O filme era sobre esses três personagens construindo a jangada, por que eu queria fazer uma cena em referência a lenda do navio iluminado que aparece nas lagoas, então eu inventei uma história, em que o roteiro era o seguinte: um dia de construção da jangada e aí essa jangada ela sofreu um incêndio e tem essa cena dela navegando em chamas, ela ia ser removida das águas se ia ser alocada num carro de boi para contar um pouquinho da história também das carretas da região.”</p>	<p>Eu acho que através das peças mesmo, meu trabalho tem a presença da natureza e presença da natureza aqui de Osório, por exemplo, já fiz uma peça que chamava o “anjo do vento”, porque Osório tem bastante vento, e já fiz algumas coisas com relação às flores, com arabescos, não é uma coisa pensada, mas acaba que a natureza inspira a gente, realmente a gente a transporta para o trabalho, a transporta para a obra.”</p>
----------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Quadro elaborado pela autora desse documento.

As artistas plásticas/visuais entrevistadas relataram em seus processos criativos métodos mais determinados por etapas, técnicas e uma certa ordem para que se realize. Os materiais com que o artista lida determinam estas ações, por consequência, o processo criativo se limita a determinados fatores da produção artística, já que devem se seguir processos iguais para diferentes peças/produtos. Tendo a criatividade como fator relevante

na produção das peças apenas em seu fator estético, já que os processos envolvidos na produção são determinados pela técnica utilizada.

Quanto aos fatores que mais inspiram as artistas plásticas em suas obras, foram relatados: a conexão com a natureza, fator inconsciente (não-mental), texturas, formas, cores, flores, folhas, rostos, demonstrando uma gama maior de fatores considerados pelos artistas como inspiradores e um número maior de fatores relacionados à natureza e elementos de natureza. As quatro artistas plásticas/visuais entrevistadas trabalham com diferentes esferas das artes plásticas/visuais, e todas transitam ou já transitaram por mais de um tipo de arte plástica/visual, tendo uma visão mais abrangente das artes do que artistas que sempre tiveram uma mesma técnica ou um mesmo foco nas artes, talvez isso seja um fator para que ocorra inspiração através de diversos fatores por parte das artistas entrevistadas.

Em relação a se as artistas plásticas/visuais consideram as belezas naturais de Osório uma fonte de inspiração para suas criações, as entrevistadas relataram que sim. Trouxeram também o fator humano nessa relação, relatando que não apenas as relações vividas por elas aqui no município, mas a história local e suas rotinas em Osório são fonte de inspiração. Todas as artistas plásticas/visuais entrevistadas relataram relacionar-se diariamente com locais/espacos de belezas naturais do município, assim como buscar ter um olhar mais voltado à contemplação da natureza local, como forma de inspirar-se para suas criações.

A maneira como expressam a inspiração resultante da inspiração nas belezas naturais locais foi relatado de diferentes modos, sendo mais abstrato para algumas e mais perceptível para outras. Assim como se diferenciam com o momento em que o artista vivencia a contemplação da natureza e como ele se sente naquele momento em sua vida. Essa variação de momento e inspiração foi relatada pelas quatro entrevistadas e parece ser fator comum com os outros artistas de diferentes nichos aqui relacionados.

Analisando os relatos acima e a breve análise feita a respeito, que transcrevem as respostas dos artistas sobre o segundo momento da entrevista, que visa compreender suas artes e seus processos criativos, podemos perceber semelhanças e diferenças entre os aspectos considerados relevantes por cada um em relação a estes fatores. Nos aspectos que relatam uma compreensão de que a arte possui um aspecto de coletividade, apesar de ser produzida por apenas uma pessoa, por se tratar de algo a ser apreciado pela coletividade e receber diferentes representações, que diferem com a subjetividade do observador.

Sobre esses aspectos Fischer (1987, p. 13) destaca que a arte nunca foi uma produção de origem individual, mas sim, coletiva, se originando de uma necessidade coletiva. Seguindo a ideia de que as representações sociais vêm sendo produzidas através da arte desde os

primórdios da humanidade quando nos diz que “o ser humano se utiliza da arte para dialogar com o meio em que vive, a arte somente tem sentido quando sua representação for uma representação social”. Assim, podemos perceber que os artistas entrevistados possuem a compreensão do aspecto de coletividade e representação social de suas obras.

Fischer (1987, pp. 51-52) nos traz uma compreensão de que os artistas se revelam grandes representantes das mudanças na sociedade, trazendo, através de diferentes formas artísticas, as principais características de um determinado período da humanidade. Segundo o autor “o ofício do artista está na exposição do seu empenho ao público, com a necessidade de estabelecer relações essenciais entre o indivíduo e a natureza na sociedade, alimentando o seu nível de compreensão e discernimento”.

Já segundo Coli (1989, p. 27), “assim, um mesmo criador pode desenvolver em sua produção tendências diferentes, que se sucedem no tempo, constituem as “fases” distintas do artista”. Ou seja, o mesmo artista pode viver em diversas fases; isso devido à rápida transformação pela qual a sociedade passa, considerando o acelerado crescimento tecnológico e as transformações sociais, que se relacionam com a percepção dos artistas em constante mutação e em acompanhamento das mudanças da sociedade. Ainda segundo Fischer (1987, p. 236), “o homem comum é uma criação de condições sociais primitivas que produzem obras de arte compostas de institutos e instituição.”. Assim espera-se dos artistas que produzam suas obras no individual, mas sempre com o propósito de atingir a coletividade.

Quanto à criação de suas obras, os músicos revelaram aspectos de um processo criativo que não pode ser determinado por um horário específico para ser realizado. O processo criativo dos músicos depende da inspiração, tendo eles relatado momentos em que o processo transcorre naturalmente e outros em que isso não ocorre. Os escritores também revelaram que há momentos em que a inspiração ocorre em diferentes períodos do dia, que ideias aparecem, às vezes, sem um esforço específico para criar e que o processo de criação se revela mutante, se desenvolve juntamente com o artista. Já nas artes plásticas/visuais os processos de criação são mais pontuais, no sentido de possuírem uma ordem lógica de ações para que determinada obra seja realizada, mas enquanto processo criativo se dá de maneira fluida com declarada inspiração na natureza.

Quanto aos fatores que são considerados inspiradores para os artistas, os músicos relataram fatores como: o sensorial (atmosfera dos lugares, natureza do ambiente), as relações humanas, família, saudades (de um lugar, de um tempo), o sentir-se bem (relacionado ao contato com a natureza), citando os três em comum algum fator relacionado a natureza e elementos que a compõem. Já os escritores citaram fatores como o vento, as cores, sentimentos, o amor e as pessoas. As artistas plásticas/visuais citaram como fatores que inspiram, a conexão com a natureza, o estado emocional, texturas, formas, cores, flores,

folhas, paisagens, como o morro e a lagoa. Relacionando o fato de suas obras buscarem elementos na natureza.

Quando perguntados se consideram as belezas naturais do município de Osório como inspiração em seus processos criativos, os entrevistados foram unânimes em responder que sim, consideram as belezas naturais de Osório como uma fonte de inspiração para suas obras. Serão relatadas algumas das criações que tiveram esta inspiração nas belezas naturais do município no item 5.4 desta dissertação.

Já quando perguntados como expressam essa inspiração em suas obras os artistas, relataram as mais diferentes maneiras de realizar tal ato, referindo-se, em sua maioria, a inspirações que transcendem os processos de criação. A maneira como os artistas transformam suas impressões e contemplações da natureza, e se utilizam de suas experiências estéticas nas suas obras tem uma fluidez e um fator inconsciente, aparentemente determinantes, mas que se revelam indescritíveis devido a tais características.

4.4 Compreensão da Experiência Estética

Neste terceiro momento das entrevistas, as perguntas foram direcionadas à compreensão da Experiência Estética dos artistas; questionando sobre a relevância dada por eles à suas experiências para a produção artística; se eles acreditam que esta percepção se dá em decorrência do lugar onde moram/vivem; como eles se sentem em relação às belezas naturais de Osório; se eles convivem com os espaços de beleza natural do município e se estes espaços são inspiradores para suas criações e, por fim, se eles se inspiram nesses espaços de beleza natural e como ocorre essa inspiração nas suas criações.

Segundo a teoria do conhecimento kantiana sobre a experiência, os mesmos objetos do mundo podem ser considerados sob dois pontos de vista diferentes: como a coisa-em-si; ou como aparência (ou fenômeno). O mundo das aparências consiste nas coisas tais como se conhece pelas experiências dos sentidos e da investigação científica, ou seja, o mundo empírico.

As coisas apresentadas às pessoas são fenômenos que compõem o mundo. Ao se referir a coisa-em-si, o filósofo traz o questionamento de se o mundo consiste apenas nesses fenômenos, imaginando uma realidade independente dos objetos dados a experimentar. Kant postula a ideia de uma realidade além das aparências, mas admite que o conhecimento é limitado, ou seja, nunca poderá saber como é o mundo em si, mas somente tal como ele pode se apresentar aos seres humanos. A respeito disso, podemos analisar a seguinte ideia trazida pelo filósofo:

Há uma observação que se pode fazer sem necessidade de qualquer sutil reflexão e que se pode supor ao alcance do entendimento mais vulgar, ainda que à sua maneira, por meio de uma obscura distinção da faculdade de julgar, a que ele chama sentimento: e é que todas as representações que nos vêm sem intervenção do nosso arbítrio (como as dos sentidos) nos dão a conhecer os objetos de modo não diferente daquele como nos afetam, ficando-nos assim desconhecido o que eles em si mesmos possam ser, e não podendo nós chegar, por conseguinte, pelo que respeita a esta espécie de representações, ainda com o maior esforço de atenção e clareza que o entendimento possa acrescentar, senão somente ao conhecimento dos fenômenos, nunca ao das coisas em si mesmas. (KANT, 1980, p. 152)

Já Schopenhauer, que foi, em certa medida, influenciado pela filosofia kantiana sobre a experiência estética, em especial, equipara a experiência estética a uma atitude desinteressada com respeito ao seu objeto. A premissa do filósofo revela que, “para experimentar esteticamente alguma coisa deve-se suspender ou desmobilizar todo e qualquer desejo com relação a essa coisa” (SANTOS, 2010, p. 45), atentando não para alguma consideração sobre quais fins, necessidades ou interesses a coisa pode atender, e sim, para a maneira como ela se apresenta à percepção.

Quanto à experiência estética, o gênio, suas percepções e a contemplação do belo, Schopenhauer revela que toda experiência não é duradoura, mas é por um curto período. Apesar de que a noção de tempo não se aplica, pois na contemplação estética não há tempo. Não existe um tempo limite para as emoções sentidas pelo artista ou contemplador. O fator relevante é que, na ação de contemplar, o sujeito adquire uma consciência de si e do mundo que o permite *a posteriori* fazer uma escolha. Segundo o filósofo, essa escolha não é possível no momento imediato da contemplação, pelo fato de o sujeito ainda estar em processo de tomada consciência. Gerando uma questão em relação ao tratamento das questões estéticas, tal como diferenciar os âmbitos sensível e inteligível do sujeito que contempla.

Segundo Santos (2010), as questões estéticas são tratadas por Kant através de uma abordagem fenomenológica - para Kant, fenomenologia é o nome da ciência que estuda a matéria enquanto objeto possível da experiência. Kant postula, ainda, a necessidade de uma *phenomenologia generalis*, que trace a distinção entre os âmbitos sensível e inteligível - partindo da análise da experiência estética, tentando compreender os elementos envolvidos. Santos (2010) aborda essa reflexão da seguinte maneira:

A estratégia seguida por Kant, no tratamento das questões estéticas, não visa propor uma filosofia do belo ou uma teoria das belas artes, nem fornecer uma descrição das obras de arte e das suas qualidades estéticas. O que ele faz é verdadeiramente o que se poderia chamar uma abordagem fenomenológica, dada sob a forma de uma análise da experiência estética - do juízo estético ou juízo de gosto - no intuito de captar, interpretar e compreender o que nela está envolvido. (SANTOS, 2010, p. 36)

A partir do que acabamos de ver, a respeito da experiência estética, analisaremos os questionamentos acerca das experiências estéticas dos artistas entrevistados, buscando compreender a relação deles com as belezas naturais do município de Osório e como influenciam em suas criações através de suas experiências estéticas, utilizando uma abordagem fenomenológica.

Quando questionados, quanto à relevância de suas experiências estéticas na produção de suas obras, os artistas foram unânimes em considerá-las parte importante do processo criativo. Revelando que suas experiências prévias, de contemplar e observar o belo, se tornam fundamentais no processo de inspiração, mas revelaram que, algumas vezes, este processo se dá com fluidez e não desponta em uma criação específica sobre o momento vivido e, em outros momentos, ocorrem inspirações diretas na forma como a obra foi criada.

Percebeu-se também o caráter subjetivo das experiências estéticas, por serem impressões e vivências das pessoas, que não podem ser transmitidas ou impostas a terceiros. O que torna uma obra artística algo que, a partir do momento em que outro a observa, já não possui mais o mesmo sentido e já não pertence mais ao autor da obra.

Revelaram as seguintes impressões sobre suas experiências:

Com certeza, porque o que me faz, às vezes, parar para observar algo é (*sic*) vem dessas experiências que saem dessa relação da estética. É algo que até no meu trabalho como educadora eu levo muito isso, a questão das histórias dos objetos. De, por exemplo, de (*sic*) você conhecer uma Ora-pro-nóbis e saber que ela tem espinho, mas o quanto de potência aquela planta tem, o quanto aquilo contribui. Uma ora-pro-nóbis não vai mais ser só uma planta com espinho, vai ter todo um outro, um outro olhar, né? Então eu acho que se conhecimento liberta muito e aproxima e cria uma ponte de conhecimento. (Gisele Frufrek)

A musicista entrevistada relatou que suas experiências, não apenas de contemplar, mas de questionar o mundo, a fazem perceber aspectos que costumam passar despercebidos no dia-a-dia das pessoas. Associando sua relação com as artes, em especial a música, para possuir este olhar mais sensível aos aspectos da natureza que a cerca.

Experiência estética, eu acho que é qualquer coisa que tu vás ter oportunidade de ter a tua impressão sobre aquilo, sabe, pode ser uma visita a uma mostra de arte e pode ser também uma trilha no morro, que não deixa de ser uma experiência estética, é onde tu fazes a tua interpretação, que cada um vai ter a sua, por isso que muitas vezes alguém acha uma obra bonita e outra acha horrível, porque a sua interpretação daquilo, é a sua interpretação daquela estética. Eu acho que sim, acaba sendo um feedback sobre o que tu fazes, o que tu pretendes fazer de obra. No meu trabalho, por exemplo, é planejar o que eu vou fazer, entender como as pessoas estão lendo, algumas de uma maneira, outras de outra maneira e também entender como eu estou vendo a minha arte, a arte dos outros e até a inspiração que eu uso, que a natureza. (Raquel Ferri)

A artista plástica expôs em sua resposta o fator de que diferentes experiências são contempladas por cada indivíduo de maneiras diferentes. Revelando um fator anteriormente debatido nesta pesquisa, de que o artista se utiliza de suas experiências prévias como fonte de inspiração, transforma suas inspirações em material artístico, mas, a partir do momento em que a obra é apreciada por terceiros, gera novas compreensões, impressões e sentimentos, diferentes do que o artista havia conceitualizado inicialmente. E isso se dá, pois, as experiências dos artistas diferem das do espectador, gerando assim diferentes impressões de uma mesma fonte de estímulo.

Outros artistas relataram razões que corroboram os fatores anteriormente debatidos, quanto revelam que experiência estética se trata do “olhar” e da “visão” de cada um. E que as experiências prévias são determinantes no processo criativo pois trazem aspectos pessoais, de compreensão do mundo. As seguintes falaram revelaram esses aspectos:

Experiência Estética é sobre o olhar, sobre a visão, sobre as coisas, eu acho que uma experiência estética é o que te faz bem aos olhos, te cativa num primeiro olhar, um lugar que gostaria de voltar, de retornar ou de falar para alguém disso. (Márcio dos Santos Colombo)

Eu acho que a experiência estética é bem ampla, se tu estás falando de arte, porque pode ser dentro do campo da filosofia daí é um pouco diferente, mas dentro do campo da arte eu entendo experiência estética num nível bem amplo mesmo, pode ser desde um epifania que tenha diretamente com um espaço, com um grupo de pessoas, com a natureza, até a obra de arte. (Lilian Maus)

Quanto aos entrevistados terem a consciência de que sua percepção artística decorre do local onde moram/vivem, as respostas obtidas variam em termos de como os artistas percebem seu meio, revelando a relação das diferentes artes pesquisadas com a concepção de cada um sobre como percebe o lugar onde vive/mora.

Algumas das respostas que demonstram o aspecto da relação do artista com sua arte e como ela é relevante para a compreensão do seu entorno foram:

Eu saí de um lugar no interior do estado de São Paulo, depois fui para Bahia, Paraná. Aqui no Rio Grande do Sul eu morei em Caxias, colonização italiana e morei em Taquara, colonização alemã, aí depois vim para o litoral que tem outra relação de cultura também. Então aqui (no litoral do RS), eu morei em vários lugares com vertentes diferentes, então isso sempre me motivou, sempre me convidou... e transitar em muitos lugares me fez me apaixonar pelas histórias dos lugares. Eu descobri muito cedo que o que eu tenho para carregar são as histórias, porque saía de um lugar tinha que ir para o outro, então não é a casa, não é a roupa, não é o que você adquiriu e sim esse aprendizado que ninguém te tira. Que acontece para mim através das trocas do jeito de viver das pessoas nos lugares. (Giselle Frufrek)

A musicista, que não é natural do município, revelou ter escolhido morar em Osório por considerar as belezas naturais locais inspiradoras. E revelou também o fator pessoal, de como percebe o mundo como sendo determinante para as escolhas que faz de onde morar/viver, já que revelou ter morando em diversos municípios de diferentes estados do país. Demonstrou também considerar suas experiências e histórias vividas tão importantes quanto o local em si.

Sim. Totalmente. Tem muita gente que manda a letra para mim, para eu botar música. Eu tenho muitas músicas prontas já, melodias prontas, esperando letra. Tem letras interessantes que vem que eu não, que eu não gosto, que não fala, não busca aquilo que eu penso dentro daquela música. E outras vem como se já fosse para aquela música, então, tem muito essa percepção também. (Paulinho Dicasa)

O musicista revelou observar que ocorrem inspirações em suas composições que são ocasionadas pelo seu contato com as belezas naturais locais. Relatou também ser, por diversas vezes, procurado por outros músicos para colocar letra em melodias, que falem das paisagens, histórias e culturas locais. Sendo seu foco nas canções que falam da cultura local,

como músico maçambiqueiro, suas canções, em geral, exploram contextos históricos, mas revelam as características da natureza local, falando do mar, das lagoas, do morro entre outros aspectos naturais como o vento, para citar algum.

Também, porque eu não nasci aqui, eu estou aqui há 20 anos, nossa eu fui super favorecida por este espaço, mas eu vou saindo, vou andando, vou enxergando também essa percepção em outros lugares. Até a tua memória vai fazendo esse comparativo. (Cristina Maria de Oliveira)

A escritora, que não é natural do município, revelou ter escolhido morar em Osório, e em uma área rural com muito contato com a natureza, por ter essa percepção de que o ambiente em que vive influencia suas criações, assim como seu modo de vida. E tem o entendimento de que, por ter vivido e viajado à vários lugares, suas percepções se modificaram.

Exatamente, eu sou um cara que tem muito orgulho do lugar de onde vim, embora pareça que nos meios onde a gente convive, assim, de amigos, parece que sou só eu que gosto tanto. Quando eu saio, saímos, a gente sai bastante da cidade, para Porto Alegre, eu vou muito em função de trabalho, às vezes as pessoas perguntam de onde a gente é, “ah conheço a cidade porque passo para ir para a praia” “eu passo para ir pra Santa Catarina” e aí eu faço um enredo dizendo que a cidade é linda, que o lugar é lindo e muita gente vem em função disso. (Márcio dos Santos Colombo)

O escritor revelou ter a percepção de que as belezas naturais locais o inspiram nas suas criações. Relatou ter orgulho de ser natural do município por seus aspectos naturais, fazendo relatos às pessoas que ele conhece, que dizem já ter passado pelo município, mas não o conhecem das belezas naturais daqui, em uma tentativa de divulgar mais a biodiversidade local e também como forma de demonstrar seu apreço pelo local em que vive/mora.

As artistas plásticas entrevistadas relataram perceber que o local onde vivem/moram as influenciam em suas percepções e inspiram suas artes. Relatando que no município é mais fácil perceber a natureza e que esse contato mais próximo com a natureza modifica suas percepções e gera modificações na maneira de perceber o mundo E que se reflete em suas obras. Tais impressões foram relatadas nas seguintes falas:

Pode ser sim, com certeza. Aqui é mais fácil da gente ver que existe beleza na natureza, mais fácil aqui do que se a gente estivesse talvez em outro lugar que fosse meio “selva de pedras”. (Raquel Ferri)

Sim, sim, com certeza sim. Mudou, mudou bastante o meu trabalho aqui e ele também ficou um pouco mais livre, eu me permitir ser menos estruturada, se ficou torto, ficou torto, não tem problema, uma coisa mais leve, até essa compreensão de que na natureza também não tem essa simetria tão perfeita que o ser humano busca assim. (Cristina Tricot)

Na sequência das entrevistas, os artistas foram questionados sobre como se sentem em relação às belezas naturais do município de Osório, demonstrando ter uma relação com a natureza presente no município, percebendo questões políticas envolvidas na preservação ambiental e conscientes da biodiversidade local e da importância da preservação destas para o município. Abaixo algumas das respostas que revelam esses aspectos:

A sensação, eu acho, que tem diversas formas. Tem a busca da relação com esses ambientes para relaxamento, para conexão, para lazer, para plantar, para colher, mas também tem um envolvimento político. Aliás, esses atos também são políticos. Tem um envolvimento político da questão da preservação do lugar, o que está acontecendo. Eu costumo me envolver tanto quanto possível, não o suficiente, nunca é o suficiente. Mas tanto quanto possível, venho buscando encontrar esses espaços de coletivo para fortalecimento de preservação desse lugar que a gente mora. Porque eu entendo que cada pequeno canto, ele vai ter um impacto no todo. Porque são as pequenas belezas que tem um impacto. Tudo tem interferência. (Giselle Frufrek)

A musicista demonstrou ter uma relação em diversos níveis com as belezas naturais do município, buscando momentos de lazer, contemplação e conexão com a natureza, tal como envolvimento em questões políticas, no âmbito de preservação ambiental na região, revelando uma compreensão de que os impactos causados à natureza não se resumem ao local, mas influenciam também em nível global.

Osório é repleto de natureza. A natureza aqui é bela. Nós somos rodeados de lagoas, nós temos um mar, nós temos dunas, nós temos serras. Só nisso aí a gente já está repleto de beleza. Ao longe, ao perto. Aqui a gente vê o morro e se tu subires, de lá tu vê a serra e o mar, tu vê a encosta toda, então para quem tem o dom de escrever, isso aí é um prato cheio. (Paulinho Dicasa)

O musicista revelou ter uma noção da biodiversidade e geografia peculiar de nossa região, admitindo julgar belas as paisagens locais. Atentou para o fato de que a vista privilegiada que se tem a partir do mirante do Morro de Osório é inspiradora para compor canções, pois de lá é possível contemplar uma grande parte do Litoral Norte do estado, assim como a cidade de Osório e parte dos morros que compõem essa parte das escarpas do planalto.

Eu estou em muitos lugares, eu moro aqui bem perto da lagoa, que é um lugar histórico, que eu gosto muito, então eu sempre procuro enxergar o que tem de história nos lugares, o que aquele espaço foi em algum momento de passado. Eu gosto muito da lagoa. Ver, observar o espaço da lagoa, imaginar o que tinha ali. Todo escritor acho que vai nesses lugares e começa a observar em volta, buscar elementos, digamos assim, para o próximo texto.

Eu gosto muito de curtir esses lugares com a família, caminha com meu filho e mostrar, aqui tem uma planta, aqui tem tal pássaro e explicar para ele que é importante para o futuro a gente preservar isso. (Anderson Delalves)

O autor revelou prestar atenção não apenas nos aspectos naturais das paisagens locais, buscando um olhar que contemple a história que se passou nestes lugares, como é o caso da Lagoa do Marcelino, onde ficava um porto, usado para a navegação lacustre, em que transitavam embarcações no trecho Osório-Torres. Muitos momentos da história do município se deram nesse porto, fato que o autor relatou e que o faz imaginar os possíveis cenários da época em questão.

Completamente integrada. Muito bem. E eu não escolhi, como eu disse, agora estou 20 anos. Eu escolhi ficar e quero ficar aqui. (Cristina Maria de Oliveira)

A escritora relatou sentir-se totalmente integrada à natureza. Ela, que escolheu o município como residência já há vinte anos, tem uma integração com a natureza por residir em meio a ela, em uma área da zona rural de Osório localizada às margens de uma lagoa. A autora revelou ter contato diário com as belezas naturais localizadas próximas à sua residência, demonstrando, através de relatos sobre seus poemas, que se inspira nas belezas naturais locais para sua produção artística.

É uma inspiração, inspiração por que a cidade é bonita. A cidade é bem estruturada, pena que são pouco aproveitadas as belezas naturais. Basta vir no final de semana e olhar o Morro da Borrússia que tem uma centena de pessoas de fora pedalando, caminhando, vindo de moto, indo almoçar no bar, é o que chama atenção, o que desperta as pessoas a virem, o que depende do poder público está abandonado, não é uma coisa que demande tanto de dinheiro, mas mais de informação, que eu acho que é o que falta para trazer pessoas, elas vêm pelas belezas mesmo, mas assim por outras pessoas, do boca-a-boca. (Márcio dos Santos Colombo)

O escritor revelou se inspirar nas belezas naturais do município e que considera Osório uma cidade bonita. Demonstrando uma preocupação com questões relacionadas ao incentivo do turismo rural, e uma possível falta de estruturação na forma com que as propostas da administração pública têm sido realizadas, observando que na sua opinião boa parte dos incentivos para que sejam efetivados atividades e eventos que tratem de turismo rural e ecológico partem de iniciativas não relacionadas à administração pública.

Eu me sinto sortuda de estar aqui dentro, nesse meio e me sinto bem feliz de que aqui seja a minha casa, então a minha casa é bem rica de inspiração, de natureza. Também me preocupo com a consciência, a nossa consciência com relação a manter isso, é que algumas coisas a gente já foi perdendo, as lagoas que com o passar dos anos foram sendo poluídas, mas a gente ainda tem muita coisa viva, muita natureza viva e acho que a gente teria que ter

uma conscientização mais eficaz da população, sei lá, desde os pequeninhos talvez, para que a gente não terminasse de destruir o que a gente tem. (Raquel Ferri)

A artista plástica demonstrou se sentir feliz e sortuda por viver/morar em Osório, relacionando a natureza e biodiversidade local como fatores que contribuem para que se sinta assim. Demonstrou-se preocupada com questões relacionadas à conscientização da população em relação à preservação ambiental local, sugerindo um enfoque na Educação Ambiental em nível escolar como sendo um agente de mediação nesse processo de sensibilização com o tema.

Ah eu acho maravilhoso, é lindo, né? Tanto que eu fui morar no morro. É a questão da conexão. O morro eu busquei também porque eu queria essa coisa de ficar mais quieta, num lugar mais meu, assim, sabe? E foi onde eu tive condições de fazer e hoje eu vejo que foi a melhor escolha. Eu acho que Osório tem tudo para a gente trabalhar esse lado, da natureza, do artístico, tem tudo, tanto que nós estamos aqui. (Betina Gamba Boeira)

A artista plástica relatou ter procurado o Morro de Osório como local para morar/viver, como forma de reconexão com a natureza, por ser mais distante do centro urbano e onde o contato com a natureza é diário e próximo. Ela demonstrou também uma necessidade de que se realize algo que envolva a natureza e as artes como forma de trabalhar a Educação Ambiental no município, sendo um modo de incentivar a sensibilização no que se refere as questões ambientais.

No geral, sobre o aspecto de como se sentem em relação às belezas naturais do município, os entrevistados tem uma boa compreensão de que temos uma biodiversidade diferenciada e que essa reflete no sentimento de integração com a natureza, relatado pelos artistas. Como dito anteriormente, a moradia de todos os artistas tem proximidade com algum dos pontos/espacos de natureza locais, o que relatam ter uma influência em como se sentem em relação às belezas naturais locais e como se relacionam com ela.

Foram relatados sentimentos de gratidão e sorte por viver/morar no município, relacionados a percepção dos artistas de que a região em que se encontram revela uma geografia diferenciada e uma biodiversidade rica, tendo ainda muitos pontos preservados de natureza e paisagens que são inspiração para os artistas. Alguns dos artistas entrevistados revelaram ter escolhido morar em lugares bem próximos da natureza no município em busca de um contato maior com ela, buscando um estilo de vida mais natural e estando mais imersos na natureza como forma de inspirar-se nas suas produções artísticas.

Perguntados se convivem com os espacos de beleza natural do município em seu dia-a-dia, os entrevistados revelaram uma estreita relação com os pontos de beleza natural

localizados mais próximos a cidade, como o Morro de Osório, a Lagoa do Marcelino e a do Peixoto, a Lagoa dos Barros, que fica na área rural, mas é próxima ao centro urbano, e uma apreciação dos espaços em seu dia-a-dia, para além da contemplação e inspiração, mas também como para lazer e esportes.

As entrevistas foram realizadas nas residências dos entrevistados, como mencionamos no início desse capítulo e um dos aspectos perceptíveis nas entrevistas foi a proximidade da residência dos artistas com as lagoas e vistas para o Morro de Osório, pois todos residem em áreas com vista para o morro ou proximidade com alguma lagoa, quando não as duas características juntas. Algumas das respostas para o questionamento de se os artistas entrevistados convivem com esses espaços foram:

Sim, é algo que não passa despercebido da minha janela, muito pelo contrário. Quando as corticeiras estão florindo, a relação com os Bem-te-vis e a migração dos pássaros. Eu observo muito a questão da posição do Sol, por que isso interfere em tudo. (Giselle Frufrek)

A musicista mora em um apartamento com vista para o Morro de Osório, em um bairro residencial com pouco fluxo de pessoas. Uma grande janela de vidro cerca sua sala, fator que a entrevistada revelou ser inspirador, relatando observar os pássaros, a posição solar e as mudanças que geram na paisagem e o florescer das árvores no morro.

Sempre, eu moro perto da lagoa, então quando posso eu estou sempre ali, pedalando, caminhando, levando o cachorro para passear. É muito bom, dá prazer, o morro também, todo domingo eu vou, domingo de manhã, tenho um amigo em comum que vai lá, é um prazer andar ali, ver a natureza de perto. (Márcio dos Santos Colombo)

O escritor mora próximo a uma lagoa com estruturas para lazer localizada no centro urbano do município e mora em uma residência com vista para o Morro de Osório. Relatou costumar frequentar os espaços/lugares de natureza no município e manter essa relação para lazer, descanso e inspiração.

Sim, sim. Eu tenho a sorte de morar pertinho da lagoa, então sempre que eu posso vou à lagoa e fico ali me inspirando e energizando. Algumas vezes eu vou ao morro, e aí também o acesso a ele é fácil, porque, às vezes, até dirigindo na cidade a gente para na sinaleira e consegue ver ele, se a gente tiver o olhar assim, um pouquinho atento, e nos aproveitar dessa imagem tão bonita que a gente tem, dessa riqueza que a gente tem. Se lembrar disso também, que a gente às vezes acaba esquecendo. (Raquel Ferri)

A artista plástica mora em uma residência, em um bairro residencial próximo a uma lagoa localizada no centro urbano do município, tendo a residência vista para o morro. Relatou buscar os espaços/lugares de natureza no município não apenas em busca de inspiração,

como para lazer e descanso. Revelando apreciar no seu cotidiano as diferentes paisagens geradas na cidade com o morro ao fundo.

Ah sim, sempre. Tanto é que quando eu vim para cá, eu pensei eu vou me isolar numa “bolha”, não quero ver ninguém, eu quero ficar bem quietinha, só fazendo minhas pinturas, tipo assim, a minha ideia era essa. Aí eu estava com uma coisa meio romântica, assim, com o ateliê do artista isolado, viajando. Só que assim, esse ateliê tem um monte de janelas, e aí a coisa cruel de sempre é que o tempo bom para pintar é o tempo bom para sair na rua, porque um dia como hoje, que está ventando, seco e com sol é perfeito para pintar, mas é perfeito para ir para as lagoas, para dar umas caminhadas, então era sempre esses dois corações. E eu aproveitei muito, aproveitei até hoje quando eu estou aqui. Quando tem vento bom eu pratico kite, lá na lagoa e estou sempre inventando coisas. (Lilian Maus)

A artista, que tem em seu ateliê uma vista de vários ângulos da cidade, sendo um deles do Morro de Osório, e sua residência se localizando próximo a lagoa localizada no centro urbano, revelou ter contato com os espaços/lugares de natureza locais sempre que possível, para a prática esportiva, lazer, descanso e inspiração.

Bom, eu moro num. Eu costumo caminhar por aí, pela beira da lagoa. Eu vou para o morro e eu gosto muito de lagoa, então também eu já..., mas, mais do que nada o morro, acho. Foi o lugar aqui de Osório, que eu acho que tem mais diversas coisas, né. (Cristina Tricot)

A artista mora no entorno de uma das lagoas do município, localizada na zona rural. Revelou ter contato diário com a lagoa, em caminhadas contemplativas que realiza pela manhã com seu cão. Relatou também buscar o contato com outros pontos, como o Morro de Osório, onde já residiu, para contemplação da natureza e inspiração.

Eu acho a coisa do morro mesmo, né? (*sic*). As plantas, me dão uma conexão, uma coisa muito legal. Esse final de semana eu limpei meu pátio, tirei um monte de plantinha e é uma coisa que te dá uma sensação de arejado. Sabe, isso inspira muito, me inspira muito, ficar quieta num momento assim, é muito bom e é isso para todo mundo, para qualquer um. (Betina Gamba Boeira)

A artista plástica reside no Morro de Osório, na localidade da Borrússia, onde revela ter contato direto com a natureza e ter buscado essa relação ao ir residir neste local, pois buscava uma reconexão com a natureza e desacelerar seu modo de vida.

Na sequência desse momento, foi pedido aos artistas permissão para utilizar algumas de suas criações nessa pesquisa, através de fotografias registradas e se poderiam demonstrar algumas das criações que foram inspiradas nas belezas naturais de Osório e contar um pouco sobre elas. Estas serão apresentadas na seção abaixo.

4.5 Demonstração das obras dos entrevistados

Apresentaremos a seguir algumas das obras dos artistas que foram descritas por eles como tendo sido inspiradas nas belezas naturais do município de Osório, de modo a complementar a análise das respostas obtidas quanto à sua inspiração e como forma de demonstrar os materiais artísticos produzidos em diferentes expressões artísticas, que se revelam possíveis ferramentas de Educação Ambiental, por apresentarem aspectos que se referem à biodiversidade e à cultura local.

Começaremos apresentando algumas letras de músicas compostas pelos musicistas entrevistados, depois, alguns dos poemas produzidos por escritores e finalizaremos com algumas imagens das obras das artistas plásticas/visuais entrevistadas, trazendo comentários sobre o relato do artista de como foi o processo de criação.

MÚSICAS

Canoeiro

Sandro Andrade e Paulinho Dicasa

Vai canoeiro, vai que o vento é inconstante, eleva uma prece prá Senhora dos Navegantes... Esperou o tempo certo, a maré desejada, longe se torna perto quando a fé vai embarcada, assim como é na vida, o mundo é a embarcação, alma boa é protegida da força do nordestão.

No peito a saudade imensa, de um velho pescador, na força da crença leva o barco aonde for. Joga tua rede no mar, nem faz caso desse vento, é ele que vai te ajudar a trazer o teu sustento e quando a noite chegar, lua cheia traz o lume, no ofício de pescar ela te mostra o cardume.

Terminada a empreitada a boa pesca agradece, desembarca a fé levada, expressa teu amor numa prece. Vai canoeiro vai...

A música Canoeiro, foi escrita pelos músicos maçambiqueiros Sandro Andrade e Paulinho Dicasa, e fala de um pescador, devoto de Nossa Senhora dos Navegantes. A música teve, segundo um dos compositores, inspiração no nosso litoral, trazendo elementos da natureza que compõem as paisagens poéticas da letra como o vento, as marés, a lua cheia e a noite no litoral. Os artistas compuseram essa canção para o disco “Trupicado”, da Tribo Maçambiqueira, do qual fazem parte os compositores. O compositor relatou durante entrevista não ser fácil explicar os processos que levam ao uso das contemplações das belezas naturais no maçambique, manifestação cultural musical produzida pela Tribo Maçambiqueira, pois as

composições tem foco nas relações culturais com a natureza local, fazendo com que ambos os aspectos se mesclm e levem ao uso de elementos da natureza nas composições com o intuito de exaltar a cultura maçambiqueira.

Maria Fumaça

Sélio da Rosa Neto e Paulinho Dicasa

De Osório a Passinhos
Rancho velho, Palmares do Sul
Lentamente passava o trenzinho
Percorrendo os caminhos
Dos verdes campos e sumindo
No horizonte azul

Lá vai a Maria Fumaça
Deixando fumaça pra trás
Era o trenzinho de Osório
Que hoje não existe mais

Lá vem a Maria Fumaça
Rumo à sua estação
Nos vagões vem sua história
Com um pouco desse chão

Era um cavalo-de-ferro
Num galopito manhoso
Não aceitava o mau tempo
Mesmo um pouco vagaroso

Tinha uma missão importante
Transporte daquele tempo
Eta! Maria Fumaça
Limosine do momento
Muita gente desconhece
História desse rincão

Um trenzinho do passado
Com sua humilde estação

Fazia suas viagens
Numa trajetória rural
Era a Maria Fumaça
Desbravando o Litoral

A música Maria Fumaça, de Sélvio da Rosa Neto e Paulinho Dicasa, foi composta para a 26ª Tafoa da Canção Nativa (2016), e fala da ferrovia de Osório, construída em 1922, a qual era uma promessa de desenvolvimento na região. A canção foi vencedora do festival em 2016 e, segundo o entrevistado, alguns elementos trazidos no modo de descrever o momento histórico na letra se revelam inspirados nas paisagens as quais a Maria Fumaça passava em seu trajeto, como, por exemplo, quando citam “verdes campos” ou “numa trajetória rural”. Podemos perceber a relação da história local, cultura e natureza nesta composição, que revela uma característica de vinculação destes aspectos utilizados na composição, como que falando da cultura através da história e trazendo elementos das belezas naturais locais como ilustração desta história.

Moinhos de vento

Giselle Frufrek e Yasmim Frufrek

Será um cata-vento? Moinhos de vento?
Talvez um gigante a me procurar
Deixo o coração me levar
Cata-vento, Moinhos de vento
Talvez um gigante a me procurar
Deixo o coração me levar
Leve, leva a brisa que sussurra histórias de observantes
Como Seival a desbravar
O despertar dos homens
Os seus brinquedos de areia e mar
Por que aprisionam os seres?
Por que enclausuram as águas?
Barragens de aniquilar
Morre o brincar das crianças

Sonhos, o verde e a ciranda das danças
Será um cata-vento? Moinhos de vento?
Talvez um gigante a me procurar
Deixo o coração me levar (repete 2x)
E o cata-vento com sua dor, tão silencioso e observador
Via nos homens beleza, filhos da mãe natureza
Às vezes gigantes outras vezes amante, mas sempre perante a lucidez
Perante a liberdade, esse mesmo gigante, espiral de amor
Olhos de Quixote
Dulcinéia em flor
Às vezes gigantes (Por que aprisionam os seres?)
Outras vezes amantes (Por que enclausuram as águas?)
Mas sempre perante a lucidez (Barragens de aniquilar)
Perante a liberdade, esse mesmo gigante (morre o brincar das crianças)
Espiral de amor (sonhos, o verde e a ciranda das danças)
Olhos de Quixote, Dulcinéia em flor
Será um cata-vento? Moinhos de vento?
Talvez um gigante a me procurar
Deixo o coração me levar
Cata-vento gigante, cata-vento
Vem me encontrar
Leve como o ar

Uma das compositoras revelou que a inspiração para esta canção veio de uma visita de um indígena de uma aldeia do Pará que, ao vir conhecer o município de Osório e se deparar com os aerogeradores, do Parque Eólico local, caiu de joelhos e chorou por ter tido sua aldeia deslocada para a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, não sabendo da existência de outras formas de produção de energia elétrica que não causam tanto impacto à natureza. A partir desse momento vivenciado por ela, a artista, em parceria com sua filha, criou esta canção, relatando os danos causados pelo homem branco na busca pelo desenvolvimento e a relação que temos com esses gigantes elementos artificiais da paisagem, que são os aerogeradores.

Nesta composição é possível perceber o vento como elemento da natureza que ilustra o cenário da composição, os aerogeradores e os efeitos do desenvolvimento da vida das pessoas, a compositora demonstrou ter se comovido com o momento de reflexão do indígena sobre a ambição do homem branco por subjugar a natureza e controlá-la, a transformação da

experiência vivenciada pela compositora em letra e música demonstra que possa ter havido uma sensibilização ecológica associada as percepções do acontecimento em questão.

POEMAS

Onde moro?

Cristina Maria de Oliveira

No recanto, o gorjeio dos pássaros inunda
sonhos nos pensamentos com suas
inéditas melodias...
No embalo do vento, folhas desenhavam
sombrias que trazem à tona lembranças
e alimentam saudades...
Os tímidos raios de sol, ao amanhecer,
douram e inebriam o orvalho que, aos poucos,
se esvai dando lugar ao colorido das flores...
Sopra uma brisa livre e o pensamento voa
no embalo cadenciado da rede na varanda...
Onde estará o passado?
Aqueles sonhos que moviam montanhas?
Hoje tudo é diferente: tolerância e paz.
Uma busca constante de reencontro com
a tranquilidade, com o equilíbrio, que sustenta
a vontade de viver!
Já fumegam as chaminés e o aroma do café
passado invade meu paladar ainda adormecido.
É hora de querer mais um dia para viver sem
magoas e com muita vontade de ser feliz!
Vem!
Vamos!
O sol já reflete o arco-íris.

A artista revelou que esse poema foi escrito após uma caminhada matinal em seu sítio, onde vive que, ao ver os caminhos na areia deixados pelos pássaros, enquanto ouvia seus

cantos diversos, foi inspirada a escrevê-lo. Alguns dos elementos trazidos pela autora para descrever a natureza nesse poema, refletem diretamente o lugar onde a artista mora, revelando a razão do nome do poema. “Onde moro?” foi publicado em 2019, no livro “Palavras, encantos e encontros”. A escritora demonstrou uma relação de conexão com a natureza, em que busca inspirar-se diariamente pelas belezas naturais que a rodeiam. É possível notar a presença dos elementos da natureza utilizados pela autora de forma direta, como o sol, o arco-íris, o vento, as folhas e flores, mas a autora também traz nesses versos sensações vivenciadas que remetem ao contato com a natureza, trazendo de forma figurada suas percepções do ambiente.

Querer

Cristina Maria de Oliveira

Caminhar de encontro ao vento
Ter no sol um grande alento
Para iluminar, aquecer
E, aos poucos, adormecer
Entre o perfume das flores
Encantada em meus amores
Alimentando sentimentos

Da vida na natureza
Admirar a beleza
Sentir a brisa molhada
Beber água cristalina
Como uma eterna menina
Com mil sonhos e esperteza

Ver na pureza das fontes
Delineados alguns montes
traçados pela mente
Que deseja de presente
a outros oferecer
Com qualidade de viver

Perpassando horizontes
A sinceridade encontrar
Entre crianças brincar
No cotidiano de adultos
Que dissimulam tumultos
Intencionam progredir
Fortalecem o sorrir
Sem parar de imaginar

Tornar tudo realidade
Priorizar sempre a bondade
Agradecer o criador
Com fé, coragem e suo
Eliminar essa guerra
Que devasta e destrói a terra
Semear, colher amizade.

O poema “Querer”, também publicado no livro “Palavras, encantos e encontros, foi outro poema que a autora revelou ter sido inspirado pelo lugar onde ela mora, enaltecendo a natureza e trazendo sentimentos da autora. A autora revelou que por algumas vezes relata as experiências estéticas da natureza de forma direta, e algumas vezes, as traz em seus versos de forma figurada. Essa relação é perceptível ao longo do poema, em que a autora “brinca” com as palavras, trazendo elementos de natureza, inspirados pelas belezas naturais do seu meio, com sentimentos vivenciados nesta contemplação.

Na cadência das águas

Cristina Maria de Oliveira

O assobio do vento entre o junco orchestra o balé das águas
O sibilo estridente das libélulas complementa o acorde.
Cá e lá saltitam insetos sobre as ondulações.
Raios de sol exuberantes exibem os secretos girinos
que fogem apavorados para as sombras
das nuvens refletidas...

O colorido vibrante das minúsculas flores
rompe a dualidade do verde e do translúcido líquido.
Na areia, marcas de patas das aves
que se aproximam a cada recuar das águas.
Incontáveis grãos de areia sustentam os imensuráveis litros
desta preciosidade viva...
Uma paisagem ímpar!
De onde brotam as águas?
Quem ornamenta este imenso jardim aquático?
O equilíbrio da vida longe da ação do homem...

Gaya, tua presença é percebida
na cadência das águas do lago!

Já o poema “Na cadência das águas”, publicado no livro “...Poéticas cotidianas”, de 2020, fala sobre uma visita, rotineira para a poeta, a lagoa localizada no condomínio onde vive, trazendo uma descrição da paisagem contemplada pela autora no momento vivido. Elementos da natureza são citados de forma direta e descritos com impressões da autora, ressaltando em um dado momento a contemplação da paisagem, “Uma paisagem ímpar” relata o verso, trazendo uma exclamação que apenas uma vivência contemplativa da natureza pode revelar.

A Crônica de outono

Delalves Costa

I
Sou eu aquele invisível
homem
que tu assistiras passar
anteontem
de jornal dormido
de notícias
e fotos de inverno...
Sou eu aquele notável
homem

de primavera lembrado
de verão
e porre de chuva
que tu leras
na crônica de outono...

II

Sou eu um homem notícia
esse invisível
e notável
calendário que o tempo
renova
a cada novembro
nas primaveras que te dou,
nos outonos que te sinto...

Crônica de outono ao vento
Hoje é o que sou
homem jornal não lido
de notícias
e fotos de álbum fechado
pretérito imperfeito
mas homem do sempreamar
e não de uma só estação...

III

Eu sou a notícia verbo presente
transitivo
nas ruas do vital poema
que na primavera dos dias
recolhe as tardes
e acolhe as tardes
e coleciona as noites
a cada morte não nascida...

O autor revelou ter grande inspiração no vento, característico do município de Osório, ele relatou também que os elementos de natureza da região estão presentes nas suas poesias, mas que não costuma escrever sobre algum local específico, trazendo estes elementos e belezas naturais como parte da composição de seus poemas, como componente

de contextualização. Disse gostar de poetizar experiências vividas na infância, relacionadas de certa maneira ao município, por ter crescido nele. E no caso do poema acima relaciona as bem definidas estações do ano da região aos elementos de sua poesia ao mesmo tempo que traz uma relação temporal do homem.

Chuva de verão

Delaves Costa

É festa nas dunas.
Quem vem lá?
É Tuco-tuco,
É Piru-piru,
É Sapo-da-praia
Ou é Batuíra-de-coleira?
Não, não...
É chuva de verão
em cantoria no gargalo
na toca do preá!

O autor traz nesse poema elementos relacionados a biodiversidade local, presentes no ambiente costeiro do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, utilizando de espécies animais presentes nesse ambiente para desenvolver sua poesia, assim como elementos da natureza, como as dunas e a chuva de verão. Demonstrando através desse poema um conhecimento sobre a biodiversidade local e das interações ocorrentes no ambiente costeiro, o que pode indicar uma sensibilização ecológica relacionada as vivências tidas pelo autor com a natureza local.

Outra vez Catavento

Delalves Costa

À neblina, os Cataventos
tossem a meia altura...
E o vento solto-raposa
rastejando ri à toa
costurando a cidade
de lagoa a lagoa

em uma procura
quase infantil...
– às vezes cata
às vezes vento,
noutras vento,
noutras cata...
E lá vez que outra
outra vez Catavento.

Nesse poema o autor traz os aerogeradores (elementos não-naturais, mas característicos na significação do município) presentes na paisagem de Osório, como elemento central, trazendo também outros elementos, referentes à natureza local, como os ventos e as lagoas. Descrevendo o movimento dos ventos e relacionando-os a presença dos aerogeradores e seu movimento constante e ritmado.

Praça das Carretas

Márcio dos Santos Colombo

Ouçõ murmúrios na pracinha
Enquanto a espero sentado
Jovens, meninos, criancinhas
Gritos, sorrisos, ninguém parado
Vez por outra choro,
Vez por outra um chama, “pai”
Brando pedido de socorro
Alguém levanta e vai.

Os adornos são carretas
Diminutas ao esplendor
Madeira nua que desperta
Curiosos derredor
Os antigos têm memória
Das rodas abrindo estrada
Parte importante da história
Pela praça amparada

Enlaçados ao tempo
Existe juventude
Aturdida no momento
Ansiosa por virtude
Busca paz com liberdade
Reencontra no ar puro
Vícios de comunidade
Essência pro futuro

Quanta vida há neste lugar
Lestos pensamentos vagam
Aligeirando adultos a esperar.
Alguns impacientes reclamam
Ir embora finalmente
Carregando pela mão
O pedaço de gente
Que roubou o coração.

O balanço vem e vai
A gangorra sobe, desce,
Uma criança pula e cai,
Outra desobedece.
Vida, muita vida!
Risos soltos de verdade,
Contraria despedida
Principia liberdade.

Brinquedos persistem firmes
Suportando disposição e energia,
Verdade que alguns rangem
Parecendo cansados ao fim do dia.
Quantos por aqui passaram
Hoje trazem suas crianças,
Impacientes reclamam
Anulando suas lembranças.

Esta praça é jardim encantado,

Deus é o florista que não cansa
Irradia do verde perfumado
Cheiro de paz, esperança.
Seria fácil encontrar minha flor
É para mim a mais colorida
Meu manifesto amor
Ela é tudo, sou eu, é minha vida.

O autor revelou que o poema acima foi inspirado pelas belezas naturais da cidade em um momento de lazer da família. Quando, com suas filhas, foi visitar a Praça das Carretas, ponto de lazer localizado no centro do município de Osório, para elas brincarem e se viu impelido a escrever sobre os elementos da paisagem. Trazendo no poema acima a relação do lugar, paisagem e o afeto familiar, transmitindo suas percepções do momento, no qual seus sentimentos são protagonistas e o cenário é o belo natural local.

Inventário

Márcio dos Santos Colombo

O frio vai se apropriando do outono
Trazendo dias cinzentos e brisa de neve
Acha que aqui é uma terra sem patrono
Promete o sol, que sua estadia seja breve.

O inverno se avizinha ali na frente
Com os prazeres de verão escondidos
E os deveres de devolver pra tanta gente
Alma, corpo e coração aquecidos.

Depois vem de mansinho a primavera
Esperançosa, repintando o cinza com flores
Pro nosso lugar ser de novo aquarela
E os passarinhos, melodia aos seus amores.

E assim, segue o tempo sem começo e fim
Pelo ciclo sagrado constante das estações
Ajusta-se no peito o relógio que há em mim
Que quase incinera no braseiro dos verões.

Pena que o mundo cada vez mais dividido,
Perde o sonho celestial de um perfeito cenário
Fica cada vez mais desigual... descrido!
E o criador não ousa assinar Seu inventário.

Nesse poema, o autor fala sobre as estações, que aqui na região são bem definidas, trazendo uma reflexão sobre o tempo e as mudanças de estações, que modificam as paisagens, assim como nosso jeito de perceber nosso meio. Podendo perceber-se os elementos de natureza presentes as diferentes estações do ano na região, relacionados as percepções do autor sobre os aspectos que modificam a paisagem de acordo com o passar do tempo.

ARTES PLÁSTICAS

Cerâmica

Raquel Ferri

A artista plástica/visual já trabalhou com diferentes formas de artes, utilizando técnicas diversas e diferentes materiais. Atualmente trabalha com a cerâmica (Figuras 11 e 12) em composições que misturam rostos com elementos da natureza. Diferentes texturas, pinturas com engobe, argila em sua cor natural, são alguns dos elementos que compõem suas obras. A artista entrevistada revelou ainda ter grande inspiração em flores, folhas e rostos, revelando uma tendência de juntar estes elementos em suas criações, sendo facilmente perceptível nas imagens acima a utilização destes elementos na composição de suas obras.

Figura 11: Produções em cerâmica da artista plástica/visual Raquel Ferri.



Artista: Raquel Ferri/Fotografia: Raquel Ferri

Figura 12: Produções em cerâmica da artista plástica/visual Raquel Ferri (continuação)



Artista: Raquel Ferri/Fotografia: Raquel Ferri

Estamparia botânica

Betina Gamba Boeira

A artista plástica/visual, que trabalha com diferentes áreas das artes plásticas e visuais, hoje tem interesse particular pela estamparia botânica e tingimento natural. A artista demonstrou durante a entrevista os processos envolvidos na produção das peças de vestuário concebidas por ela. O processo é realizado em diversas etapas que iniciam com uma peça de preferência de algodão branca (alguns tecidos não tingem corretamente com este processo, são necessários tecidos com fibras naturais, como algodão, utilizado nas peças confeccionadas nesta demonstração), que recebe as folhas, flores e corantes naturais, nas disposições pretendidas pela artista (Figura 13). Segundo ela, apenas algumas plantas são ideais para a impressão botânica em tecidos, denominadas por ela plantas tintórias. Nesta etapa pode-se optar por utilizar um mata-borrão entre os lados da peça, que evita que a

impressão passa pelos dois lados da mesma, o que gera um efeito de negativo-positivo, sendo uma questão de gosto sua utilização.

Figura 13: Composição das plantas utilizadas na peça de algodão.



Artista: Betina Boeira/Fotografia: Fabiana Fedebos

Na sequência, a peça é amarrada com barbante e enrolada em um cilindro de ferro, e é levada para cozimento em uma mistura chamada mordente, que é o fixador e um pigmento natural, no caso da peça de demonstração foi utilizado o acafrão. Após cerca de uma hora imersa nessa mistura líquida fervente a peça é enxaguada, para retirar as plantas que compoem a peça e revelar o tingimento (Figura 14).

Figura 14: Enxágue da peça.



Artista: Betina Boeira/Fotografia: Fabiana Fedebos

Após o enxágue, que deve ser feito até retirar todo o excesso de líquido de tingimento e as plantas utilizadas, a peça deve ficar em secagem, no varal (Figura 15), após secagem a peça está pronta para o uso.

Figura 15: Secagem das peças ao ar livre e expostas ao sol.





Artista: Betina Boeira/Fotografia: Fabiana Fedebos

As peças são compostas de maneira singular, nenhuma peça é igual a outra, e sua composição vai depender dos materiais utilizados que podem ser de diferentes espécies vegetais (Figura 16), incluindo folhas, flores, ramos, frutos e alguns corantes naturais. Os materiais utilizados para realizar a técnica de tingimento botânico são, na medida possível, de origem natural e são utilizadas flores e folhas de espécies presentes na região para a composição das estampas.

Figura 16: Detalhe de folhas na composição de uma peça.



Artista: Betina Boeira/Fotografia: Fabiana Fedebos

Cerâmica

Cristina Tricot

A artista, que mora no município de Osório há alguns anos, já tendo morado no morro da Borrússia e atualmente na lagoa dos Barros, relatou que suas obras mudaram muito quando veio morar no município, pela proximidade com a natureza que passou a ter aqui. Suas obras costumam incluir o desenho de folhas, flores e pássaros, como nas imagens trazidas abaixo (Figura 17). As peças produzidas pela artista utilizam argila, tinta engobe e desenhos esgrafiados.

Figura 17: Peças produzidas pela artista plástica/visual em cerâmica.



Artista Cristina Tricot/Fotografia: Cristina Tricot



Artista Cristina Tricot/Fotografia: Cristina Tricot

Instalações artísticas

Lilian Maus

A artista plástica/visual revelou ter inspirações nas paisagens que compõem o município de Osório, nos elementos da natureza, na biodiversidade e nas histórias que se passam aqui e de quem vive no município. Em suas exposições demonstra essa inspiração através de diferentes técnicas (instalações, pinturas, aquarelas, entre outras). Abaixo, encontra-se a descrição de sua exposição intitulada “Navegação Interior”, do ano de 2020, algumas imagens produzidas pela artista dessa exposição (Figura 18) e o texto escrito pela artista que revela as inspirações e histórias envolvidas na produção da exposição.

Navegação interior

Exposição de Lilian Maus

Na companhia de um Biguá, apelido atribuído pelos colegas de profissão ao pescador José Ricardo de Queirós, aventurei-me nas águas do município de Osório, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, onde tenho meu ateliê cercado por 23 lagoas.

No começo de tudo, havia uma artista-viajante cujo desejo era sair à caça de imagens, histórias e lendas para desvelar, se bem sucedido fosse, os mistérios dessa paisagem estranhamente familiar.

A nossa travessia lacustre teve momentos de encontros e também desencontros. Houve tempos em que mergulhei solitária e pensei jamais encontrar o José. Foi por meio da mensagem que lhe lancei em uma garrafa de vidro amarrada junto ao seu barco Beija-flor, que nos vimos de novo para seguir viagem. Navegando pelo interior das hidrovias, com o Beija-flor do Biguá, aprendi a mover-me ao ritmo das estações e a enxergar o vento, que, por vezes, soprava tão forte que transformava o rosário das lagoas em um mar de carneiros e fantasmagorias.

Se nessa pescaria obtivemos êxito foi por um golpe de sorte ou do destino: fisgamos uma espécie rara de peixe que vive apenas como imagem refletida no olhar do corvo-marinho faminto, ao mergulhar em busca da miragem amada. (Lilian Maus, 2020)

Figura 18: Pluviometria do pintor navegante, Lilian Maus, 2020.



Artista: Lilian Maus/Fotografia: Lilian Maus

A Mostra Expedição pela paragem das Conchas, produzida pela artista plástica/visual, no ano de 2016, traz como elementos componentes, aquarelas sobre papel (Figura 19), que

demonstram a biodiversidade presente no município de Osório, exsicatas de plantas nativas e exóticas (Figura 20), presentes na flora local, dentre outras peças que fazem parte da mostra. As instalações tem suas inspirações nos elementos da natureza, fogo, terra e água. Abaixo a demonstração de algumas imagens produzidas da mostra.

Figura 19: Estudos sobre a Terra: inventário de Fauna e Flora, Lilian Maus, 2016.



Artista: Lilian Maus/Fotografia: Fábio Alt



Artista Lilian Maus/Fotografia: Fábio Alt

Figura 20: Estudos sobre a Terra: Herbarium, Lilian Maus, 2016.



Artista: Lilian Maus/Fotografia: Fábio Alt

As exposições Soçobro I e II, do ano de 2017, contam as histórias do município de Osório e da região no entorno das lagoas, contando aqui a história do naufrágio do barco Bento Gonçalves, no ano de 1947, ocorrido em Osório, através de registros fotográficos, telas (Figuras 21 e 22), documentos e instalações a artista conta histórias sobre as lagoas da região. Abaixo excertos do texto “Viagem ao interior”, de Mário Furtado Fontanive, para a exposição que descrevem o processo criativo da artista.

Quando a Lilian iniciou o doutorado, ela resolveu que iria para Osório, seria mais correto dizer que ela resolveu voltar para Osório, cidade onde passou parte da infância. Quis se afastar dos ruídos da cidade, de todos os ruídos, desde os físicos até os simbólicos. Buscava um silêncio, silêncio ou solidão são retiros onde talvez possamos ter uma medida melhor de nossas buscas. No silêncio ouvimos sons que normalmente estão escondidos sob camadas de outros sons, fazemos silêncio para escutar murmúrios, perceber discretos índices normalmente inescrutáveis. O silêncio é talvez um espelho onde podemos mergulhar mais atentos. Como disse o poeta, todo estado da alma é uma paisagem, tudo contém muito se os olhos bem olharem. Os silêncios, os vazios têm potências e o artista pode tornar político o que está escondido, abafado pelo barulho cotidiano.

Um dos encontros da Lilian foi com as histórias do lugar: ruínas, lendas, jornais, filmes, mapas, entre outras coisas que chamaram a atenção da artista e se tornaram objeto de trabalho. As lagoas do litoral norte gaúcho são interligadas por canais, onde é possível navegar de norte a sul de barco. Uma das histórias dessas navegações trata do naufrágio do barco Bento Gonçalves, em 1947. A artista cercou este evento com o levantamento de documentos históricos, a criação de registros próprios e a reconstituição do trajeto original do barco naufragado que ela realizou juntamente com o pescador José Ricardo, no barco Beija-flor. Em um encontro de passado e presente, com fotos e relatos da época e também o seu próprio registro fotográfico, a artista cria uma narrativa densa sobre o imaginário do lugar. (Excertos do texto Viagem ao interior, de Mário Furtado Fontanive

(Design/UFRGS), para a exposição “Soçobro”, no Paço Municipal da Prefeitura, Porto Alegre, 2016.)

Figura 21: Memorial aos naufragos de 1947: Flor Azul de Novalis (*Centaurea cyanus*) a Yemanjá, 2017.



Artista: Lilian Maus/Fotografia: Fábio Alt

Figura 22: Imagens da pintura Soçobro, Lilian Maus 2017.



Artista: Lilian Maus/Fotografia: Fábio Alt

As obras aqui relatadas são de exposições artísticas realizadas pela artista Lilian Maus, intituladas “Soçobro”, “Expedição pela paragem das conchas” e “Navegação interior”.

As fotografias utilizadas na pesquisa estão disponíveis nos links abaixo, tendo sido seu uso autorizado pela artista.

- “Navegação interior”, conta histórias sobre as lagoas de Osório, e conta com fotografias, instalações, pinturas e vídeos produzidos pela artista ao longo de uma travessia nas lagoas de Osório, acompanhada de um pescador local. Imagens da exposição disponíveis em: <https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/sets/72157713317206088/>
- “Soçobro”, relata sobre o naufrágio ocorrido em Osório, em 1947, traz fotografias, pinturas, registros fotográficos históricos e instalações sobre o tema. Imagens da exposição disponíveis em: <https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/sets/72157689574236944/with/38575441932/>
- “Expedição pela paragem das conchas” traz exsiccatas, desenhos da animais e plantas, pinturas de tipologias do mar e das nuvens, instalações artísticas (sendo algumas vivas e interativas), inspiradas no município de Osório e trazendo elementos como as lagoas, os animais e plantas locais, e conchas das lagoas locais. Imagens da exposição disponíveis em: <https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/sets/72157671446995423/with/29878003300/>

As diversas demonstrações de obras, relatadas acima, produzidas pelos artistas entrevistados corroboram os seus relatos de inspiração no belo natural e nos elementos de natureza presentes no município de Osório, trazendo uma visão das relações dos artistas locais com esses elementos e demonstrando consistência com a proposição de que as belezas naturais e elementos de natureza presentes no município são inspiração para artistas e influencias em suas vivências de mundo, possibilitando uma sensibilização ecológica dos artistas entrevistados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve por objetivo geral investigar se a experiência estética, produzida a partir das belezas naturais do município de Osório pode levar a uma sensibilização ecológica, ou seja, verificar se os artistas locais partem de momentos de contemplação das belezas naturais do município como inspiração para a criação de suas obras; se esta inspiração se dá de forma natural ou não; e se os artistas possuem a compreensão desses processos relacionados ao ambiente em que estão inseridos e que podem ou não ter influência em seu processo criativo.

No intuito de atingir o objetivo geral da pesquisa foram determinados três objetivos específicos: I) demonstrar que as belezas naturais de Osório podem provocar experiências estéticas; II) demonstrar que as experiências estéticas provocadas pelas belezas naturais, podem inspirar obras artísticas, através dos depoimentos de artistas locais; III) investigar se a experiência estética, produzida a partir das belezas naturais de Osório, pode levar a sensibilização ecológica.

A partir da determinação dos objetivos geral e específicos foram elaboradas questões sobre a percepção ambiental dos artistas, que contemplaram suas compreensões de temas relacionados à Educação Ambiental e Ética Ambiental, conceitos vitais para a compreensão dos processos envolvidos na experiência estética dos artistas. As entrevistas foram realizadas por meio de roteiro semiestruturado, o que permitiu elaborar questões em uma ordem lógica, mas que poderia ser aplicada em diferentes momentos sem que fossem prejudicados os objetivos da pesquisa.

O município de Osório possui uma grande biodiversidade, tanto em paisagens e formações geográficas, quanto em fauna e flora; revelando assim a motivação para a presente pesquisa, que busca uma compreensão, em um recorte determinado, das interações humanas com esse ambiente e em que resultam.

A pesquisa partiu de um recorte em que o foco foi entrevistar os artistas locais (residentes no município de Osório), de diferentes áreas artísticas, tendo sido determinado, considerando o enriquecimento da pesquisa em aspectos multiculturais, que os artistas pertenceriam as áreas da literatura, artes visuais/plásticas e música, de modo a relacionar suas experiências estéticas e suas produções artísticas com possíveis inspirações relacionadas à contemplação da natureza local. O recorte selecionado contemplou uma população específica do município, que realiza uma caracterização da região através de sua produção artística; gerando um objeto de pesquisa ainda não explorado na região e conjugando aspectos das áreas das ciências biológicas, artes e filosofia no debate sobre as questões de um desenvolvimento ecológico na região.

A área das ciências biológicas foi contemplada através da breve descrição da geografia e biodiversidade local, no juízo das questões ambientais da região (educação ambiental) e no aspecto de compreender as relações dos artistas com o meio ambiente através dos relatos obtidos quanto a este aspecto.

A área das artes foi compreendida no objeto de pesquisa, ou seja, os artistas locais que, partindo de suas habilidades de transformar suas experiências em material artístico, revelam suas impressões sobre a natureza local em suas produções e vivenciam experiências estéticas do belo e momentos de contemplação para produzir suas obras.

A área da filosofia foi contemplada no debate sobre as questões da ética ambiental e de sensibilização ambiental, na compreensão da caracterização do artista e nas questões relacionadas ao entendimento da experiência estética.

A união destas três áreas do conhecimento possibilitou uma análise imbricada da percepção dos artistas locais sobre as belezas naturais de Osório, como eles se relacionam com estes espaços/locais de natureza e se esta relação produz uma sensibilização ecológica nos artistas.

A hipótese da pesquisa, que era a de que a experiência estética provocada pelas belezas naturais do município de Osório inspira os artistas locais e pode promover a sensibilização ecológica em relação ao local, foi confirmada. Pois os entrevistados revelaram que suas obras são, em algum nível, inspiradas pelas belezas naturais do município de Osório. É relevante destacar sua relação com os espaços/lugares de belezas naturais locais, já que foi constatado, no momento da realização das entrevistas, que todos os artistas selecionados para a pesquisa residem em proximidade com algum desses pontos e convivem com esses no seu cotidiano. E foi possível observar o fato de os artistas terem uma consciência das questões ambientais pertinentes ao município e uma preocupação com a preservação da biodiversidade local, revelando aspectos discutidos durante o desenvolvimento da pesquisa em relação a Educação Ambiental e a Ética Ambiental dos pesquisados.

Através dos relatos obtidos nas entrevistas foi possível perceber que as belezas naturais do município de Osório podem provocar experiências estéticas, tendo sido citado por todos os entrevistados que as belezas naturais de Osório são contempladas por eles em suas obras, seja em poemas, contos e crônicas pelos escritores; cerâmicas, pinturas, tingimentos naturais, ou instalações pelas artistas plásticas entrevistadas; ou pelas melodias, letras, canções e interpretações pelos musicistas; e que buscam lugares/espaços de natureza do município para a inspiração em seus processos criativos. Além de manterem uma relação com esses espaços/locais com diversos intuitos, como para lazer, esportes, descanso, contemplação, entre outros usos possíveis dos espaços naturais pelo homem que não

causem altos impactos e possibilitem a reconexão com a natureza, foram citados pelos entrevistados como motivos para procurarem esses locais em seu dia-a-dia.

Através dos depoimentos, relatados nas entrevistas, todos os entrevistados lembraram de, ao menos uma obra sua, ter sido inspirada nas belezas naturais do município, relatando inclusive a experiência vivida no momento de inspiração (algumas dessas obras foram apresentadas no item 5.4 desta dissertação). Demonstraram uma consciência de que ocorrem interações com a natureza local, que os levam a produzir materiais artísticos relacionados às suas contemplações do belo natural. Como já mencionado anteriormente, os artistas entrevistados residem, em sua maioria, próximos a algum ponto de interesse relatado na pesquisa, o que torna o convívio com a natureza local algo que faz parte de seu cotidiano.

Foi possível analisar através das falas dos artistas em relação à sua compreensão sobre as questões ambientais locais que eles têm uma visão ativa de que existem pautas a serem debatidas e medidas a serem tomadas, com o intuito de preservação da biodiversidade local. Não apenas por parte da administração pública, mas também no dia-a-dia, através de nosso comportamento em relação ao mundo em que vivemos, com o respeito à natureza como forma de sensibilização com as questões ambientais.

Os artistas demonstraram um interesse em relação a temas como: preservação da natureza, políticas ambientais, incentivos à cultura e à educação ambiental. Esta compreensão das questões ambientais locais, leva à constatação de que as experiências estéticas, produzidas a partir das belezas naturais locais promovem nos artistas uma sensibilização ecológica, e infere em sua percepção ambiental e ecológica.

Os entrevistados demonstraram que sua relação com o local onde moram/vivem têm influência no comportamento deles em relação à preocupação com a preservação do ambiente e uma consciência ecológica, trazendo aspectos da educação ambiental e ética ambiental dos mesmos, relatando seu envolvimento com as questões ambientais do município no intuito de compreender o cenário atual da região em relação às questões ambientais demonstrando uma sensibilização nesse sentido.

A presente pesquisa apresentou uma diversidade de artistas locais, que vivenciam experiências estéticas da natureza e por meio delas produzem diferentes formas de material artístico, com isso, é possível que sejam realizadas ações culturais e educacionais que relacionem as artes com as questões ambientais, desenvolvendo assim a educação ambiental de forma interdisciplinar, não aplicáveis apenas em nível escolar.

A arte provoca uma sensibilização em relação ao ambiente na medida em que põe o sujeito frente as realidades ambientais e sociais. E isso acontece pela experiência estética do indivíduo em questão, assim como pelo saber filosófico, que pode adotar a arte como objeto de análise, trazendo a julgamento aquilo que surge nas obras e o que essa aparência exhibe de verdade em relação à sociedade.

Através dos materiais produzidos pelos artistas locais é possível perceber a riqueza de maneiras de expressar a natureza nas artes. Osório possui uma variedade de artistas em diversos seguimentos das artes e possui uma rede de artesãos que se relacionam diretamente nas artes através da produção de seus materiais. Todos os artistas entrevistados sugeriram ao menos um outro artista que poderia ser entrevistado, revelando que o município possui muitos artistas - que produz arte, mas que não têm a visibilidade que seria suposta, considerando o volume de artistas existentes.

Através do desenvolvimento da pesquisa foi possível compreender conceitos fundamentais relacionados as questões ambientais, como Ambiente, Meio Ambiente e Natureza, relacionando-os com a Educação Ambiental e a Ética Ambiental, que são interpretações do mundo e partem de nossa Percepção Ambiental. Assim, analisar a percepção dos artistas locais foi possível, pois partimos dos conceitos básicos para a interpretação dos relatos obtidos nesta pesquisa. Sendo a sensibilização ambiental o resultante dessas percepções.

A análise presente nesta pesquisa pode vir a ser instrumento que auxilie o desenvolvimento de ações e a elaboração de políticas públicas no âmbito ambiental, podendo promover através dessas o desenvolvimento local. No intuito de colaborar para um desenvolvimento com olhar voltado às questões ambientais e ecológicas da região.

Os artistas entrevistados percebem a natureza local como sendo bela, sendo assim, foi possível constatar nesta pesquisa que a percepção ambiental provoca experiências estéticas nos artistas entrevistados, aguçando a criatividade que se reverte em produções artísticas. Portanto, é possível depreender a relação existente entre as percepções que temos do ambiente e as experiências vivenciadas, no âmbito da estética do belo natural, com a criatividade e produção dos artistas locais, e o fato desta interação gerar uma sensibilização ecológica nos mesmos.

Inicialmente foram essas as constatações promovidas pela pesquisa, considerando um nicho específico da sociedade em um determinado local. Talvez a pesquisa possa ter continuidade relacionando as percepções ambientais e experiências estéticas de outros grupos ou da população em geral do município em relação as belezas naturais, podendo considerar assim um aprofundamento em relação à sensibilização ecológica, as questões ambientais locais e a relação dos habitantes da região com as belezas naturais e elementos de natureza que compõem as paisagens regionais.

REFERÊNCIAS

- AVANZI, M. R. Ecopedagogia. In: LAYRAGUES, P. P. **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, pág. 35-50, 2004.
- BERQUE, A. **Milieu et motivation paysagère**. L'Espace Géographique, n.4, p.241-250, 1987.
- BIEHL, J; BOOKCHIN, M. **Las políticas de la ecología social**. Municipalismo libertário. Barcelona: Vírus Editorial, 2009.
- BNCC. Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação. 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf Acesso em: março de 2022.
- BRASIL. LEI FEDERAL. Nº 6.938, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências.
- BRASIL. LEI FEDERAL. Nº 88351, de 1º de junho de 1983. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente.
- BRASIL. LEI FEDERAL. Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
- BRASIL. LEI FEDERAL. No 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.
- BRASIL. LEI MUNICIPAL. Nº 3209, de 06 de outubro de 2006. Institui o plano diretor do município de Osório.
- CAPRA F. **A Teia da Vida**, Cultrix, São Paulo, 1997.
- CASSETI, V. A natureza e o espaço geográfico. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salette (org.). **Elementos da epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. UFPR, 2002. p.145-163.
- COLI, J. **O que é arte**. 10ª edição, São Paulo: Brasiliense. 1989
- CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO - Agenda 21. Rio de Janeiro, 1992.
- DASHEFSKY, S. **Dicionário de educação ambiental: um guia de A à Z**. 2ª edição. São Paulo: Editora Gaia, 2001.
- DIAS, G. F. et al. **Educação ambiental. Princípios e práticas**, 6ª Edição. São Paulo: Editora Gaia, 2000.
- DUARTE JÚNIOR, J. F. **O que é beleza: experiência estética**. 3ª Edição. São Paulo: Brasiliense. 94 p. (Coleção Primeiros Passos; 167). ISBN 8511011676. 1991.
- FERREIRA, M. R. Título: **Produção e conhecimento sobre degradação ambiental: uma incursão na psicologia ambiental**. Tese de Doutorado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo. 1997.

- FISCHER, E. **A necessidade da arte**. 9ª. edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 254 p.,1987.
- GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Petrópolis, 2001.
- GALLOPÍN, G. “Ecología y ambiente”, in Leff, Enrique. (Coord.) “**Los Problemas del Conocimiento y la Perspectiva Ambiental del Desarrollo**”, Siglo Veintiuno. 1986.
- GOMES, D; FELIPE, S.T. Uma ética ambiental: a partir da natureza como um movimento vital. Revista internacional interdisciplinar- INTERthesis. Florianópolis, SC, Brasil. 2014.
- GUIMARÃES, M. (org.). Caminhos da educação ambiental: da forma à ação. Campinas: Papirus, 2006 (Coleção Papirus Educação).
- HEREDIA M. J. Etología animal, ontología y biopolítica em Jakob von Uexküll. **Filosofia e História da Biologia**, vol. 6, nº 1, p. 69-86, 2011.
- HOEFFEL, J. L.; FADINI, A. A. B. **Percepção ambiental**. Encontros e caminhos: Formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. In: FERRARO JR., Luiz Antônio (Org). MMA, Departamento de Educação Ambiental. Vol.2, p. 255-262. Brasília. 2007.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades. 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/osorio/panorama>. Acesso em: 17 de março de 2021.
- IBGE. Manual técnico da vegetação brasileira. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63011.pdf>>. Acesso em: Dezembro de 2021.
- INGOLD, T. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. Editora: London; New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2011, cop. 2000.
- JIMENEZ, M. **O que é estética?** Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Leopoldo: Unisinos, 1999.
- KALSING, R. M. S. Sobre o Conceito de *Sensus Communis* em Kant. Revista Húmus - ISSN: 2236-4358. Nº 5. Mai/Jun/Jul/Ago. 2012.
- KANT, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Trad. Paulo Quintela. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- KESSELRING, T. O conceito de natureza na história do pensamento ocidental. Episteme. Porto Alegre, nº 11, pág. 153-172. Jul-dez 2000.
- LAYRAGUES, P. P. **Identidades da educação ambiental brasileira** / Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental; Philippe Pomier Layrargues (coord.). – Brasília: Ministério do Meio Ambiente,156 p.; 28cm. 2004.
- LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2002.
- LEFF, E. **Ecologia, capital e cultura**. São Paulo: Vozes, 2009.
- LENOBLE, R. **História da ideia de Natureza**. Lisboa: Edições 70.369 p. 2002.

- LEOPOLD A. **A Sand County Almanac, and sketches here and there**. New York: Oxford, 1989.
- LEWONTIN, R. **A tripla hélice: gene, organismo e ambiente**. São Paulo: Companhia da Letras. 2002.
- LIMA, M. C. **Monografia: a engenharia da produção acadêmica**. São Paulo, Editora Saraiva, 2004.
- LOUREIRO, C. F. B. Educação ambiental transformadora. *In*: LAYRAGUES, P. P. **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, pág. 65-84, 2004.
- LOUREIRO, C. F. B. **Trajétoria e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006.
- MARCOS, A. Ética ambiental. *In*: Universitas philosophica, 33, dezembro, 1999.
- MARIN, A. A.; OLIVEIRA, L. C. B. A Experiência Estética em Dufrenne e Quintás e a Percepção de Natureza: Para uma Educação Ambiental com Bases Fenomenológicas. Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental. ISSN 1517-1256, Volume 15, julho a dezembro de 2005.
- MARIN, A. A. Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental. Pesquisa em educação ambiental, v. 3, n. 1, pág. 203-222, 2008.
- MEDAGLIA, V. H. **What's wrong with Education for Sustainable Development? An epistemological and political critique on the concept and its discourse**. Tese de Mestrado. ASH Berlin. University of Applied Sciences. Berlin. 2021.
- MENDONÇA, F.; TEIXEIRA, Kozel. **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: UFPR, 2002.
- MIES, M. SHIVA, V. **Ecofeminismo**. Editora Zed Books. 1993.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global. Rio 92. Brasília, 1992. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/tratado.pdf> Acesso em março de 2022.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conceitos e práticas em Educação Ambiental na escola. Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao3.pdf> Acesso em: agosto de 2021.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Agenda 21 Global. Brasília, 1992. Disponível em: <https://antigo.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21/agenda-21-global.html> Acesso em: março de 2022.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Departamento de Educação Ambiental. Vol.2, pág. 255-262. Brasília. 2007.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Biodiversidade Brasileira. Avaliação e identificação de áreas e ações prioritárias para conservação, utilização sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade nos biomas brasileiros. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/chm/_arquivos/Bio5.pdf. Acesso em: 20 de agosto de 2020.

MELLAZO, G. C. A percepção ambiental e educação ambiental: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano. *Olhares & Trilhas*. Uberlândia, Ano VI, n. 6, 2005.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos A.R. Moura. 2ª. edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORIN, E. **O paradigma perdido: a natureza humana**. 4ª edição. Portugal: Publicações Europa-América, 1988.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª edição. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

NÆSS, A. The shallow and the deep, long-range ecology movement: a summary. *Inquiry: An Interdisciplinary Journal of Philosophy*. 16 (1-4): 95–100. doi:10.1080/00201747308601682. 1973.

NÆSS A.; SESSIONS G. **Basic Principles of Deep Ecology**, The Anarchist Library, 1984.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. 2018. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/pos2015/>> Acesso em 12/11/2021.

PÁDUA, S.; TABANEZ, M. (org.). **Educação ambiental: caminhos trilhados no Brasil**. São Paulo: Editora Ipê, 1998.

PEZZI, A.; GOWDAK, D. O.; MATTOS, N. S. de. **Biologia: Genética, Evolução e Ecologia**. São Paulo: FTD, 2010.

REIGOTA, M. Desafios à educação ambiental escolar. *In*: JACOBI, P. et al. (orgs.). *Educação, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências*. São Paulo: SMA, 1998. Pág.43-50.

REZENDE, C. N. V.; SILVA, S. L. C.; SILVEIRA, T. C. Percepção ambiental e a prática docente nas escolas do meio rural do município de Itapetinga-BA. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, v. 23, n.1. Pág.493-514, 2009.

RIBEIRO, L. M. Título: **O papel das representações sociais na educação ambiental**. Dissertação de Mestrado, pela Pontifícia Universidade Católica. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Rio de Janeiro, 2003.

RODRIGUES, A. M. (org.) *Desenvolvimento sustentável, teorias, debates, aplicabilidades*. Campinas, SP, IFCH/UNICAMP, nº 23, Campinas, maio 1996.

RUFINO, A. M. **Osório: de Estância da Serra à Terra dos Bons Ventos**. Osório [s.n.], 2007.

RUSCHEINSKY, A. Atores sociais e meio ambiente. *In*: LAYRAGUES, P. P. **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, pág. 51-64, 2004.

- SANTOS, L. R. dos. A concepção kantiana da experiência estética: novidades, tensões e equilíbrios. *Trans/Form/Ação*, Marília, v.33, n.2, p.35-76, 2010.
- SANTOS, L. R. dos. **Retorno à Kant. Ética, Estética, Filosofia política**. 1ª edição: UED - Unidade Editorial. Lisboa. ISBN: 978-972-27-1923-0. Março de 2012.
- SANTOS, M. A intuição estética como fundamento da significação ética das condutas humanas. Universidade Federal Da Paraíba Centro De Ciências Humanas, Letras e Artes Programa De Pós-Graduação Em Filosofia. João Pessoa. 2010.
- SANTOS, M. E. P. dos. Algumas considerações acerca do conceito de sustentabilidade: suas dimensões política, teórica e ontológica. *In*: RODRIGUES, A. M. Desenvolvimento sustentável, teorias, debates e aplicabilidades. Campinas: UNICAMP/IFCH, 1996. p. 13-48. (Textos Didáticos, n. 23).
- SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. *In*: SATO, M., CARVALHO, I. (Orgs.). **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed. p. 17-44. 2005.
- SCHÄFER A., et al. **Atlas socioambiental do município de Osório**/ org. UNESP/Melhoramentos, 1998. 583p. - Caxias do Sul, RS: Educus, 248 p. 2017.
- SECRETARIA DE MEIO AMBIENTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – SEMA. <https://www.sema.rs.gov.br/l010-bacia-hidrografica-do-rio-tramandai>. Acesso em: 28 de agosto de 2020.
- SILVA, M. R. **Navegação Lacustre Osório – Torres**. Porto Alegre: Evangraf, 2014.
- SBB. Sociedade Brasileira de Bioética. Brasília, Brasil. Disponível em: <https://www.sbbioetica.org.br/> Acesso em: janeiro de 2023.
- SORRENTINO, M. Educação ambiental e universidade: um estudo de caso. São Paulo: Tese de Doutorado, USP. 1995.
- SUERTEGARAY, D. M. A. **Meio, Ambiente e Geografia**. 1ª. edição. Porto Alegre: ComPasso Lugar-cultura, 2021. vol. 1. 146p.
- UNESCO. Framework for the UN DESD International Implementation Scheme. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000148650>, 2004. Acesso em: março de 2022.
- VARGAS, G. Naturaleza y medio ambiente: una visión geográfica. *Revista Geográfica Venezolana*, 46(2), 289-304. 2005.
- WHITEHEAD, A. **O conceito de Natureza**. São Paulo: Martins Fontes. 1993.
- ZANINI, A. M. et al. Estudos de percepção e educação ambiental: um enfoque fenomenológico. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências*, Belo Horizonte [online]. 2021, v. 23, e32604. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1983-21172021230127>>. Epub 12 nov. 2021. ISSN 1983-2117. <https://doi.org/10.1590/1983-21172021230127>. Acesso em: 29 janeiro 2022.

A arte é uma harmonia paralela à natureza.

Paul Cézanne

APÊNDICE

Roteiro de Entrevistas Semiestruturadas⁸:

Primeira Etapa: A experiência de conceder entrevistas.

1. Você já participou de alguma pesquisa/estudo antes?
 2. Como você se sentiu ao ser convidado(a) para participar dessa pesquisa?
 3. O que você acha de uma pesquisa que se preocupa com questões ambientais/ecológicas?
 4. Qual o seu entendimento das questões ambientais do seu meio?
-

Segunda Etapa: Conhecendo o Entrevistado⁹.

1. Qual seu nome completo?
 2. Qual a sua idade?
 3. Você é natural de Osório?
 4. Se não, há quanto tempo reside no município?
 5. Se não, você é natural de que município?
 6. Qual a sua profissão?
-

Terceira Etapa: Compreensão da arte.

1. Como se dá o seu processo criativo?
 2. No seu processo criativo, quais os fatores te inspiram mais? (Ex.: Família, Natureza, Formas e Cores, Sons, etc.).
 3. Qual o seu entendimento de belezas naturais?
 4. Você considera as belezas naturais do seu meio, como uma fonte de inspiração?
 5. Se sim, como você expressa essa inspiração em sua profissão?
-

Quarta Etapa: Compreensão sobre a Experiência Estética.

1. Você compreende o termo: Experiência Estética?
2. Você considera a Experiência Estética importante para inspirar suas criações?
3. Você acha que a sua percepção se dá pelo local onde você mora/vive?
4. Como você se sente quanto às belezas naturais do município?
5. No seu dia-a-dia você visita algum dos pontos/espços naturais do município?
6. Você se inspira em quais espaços/pontos naturais do município?

⁸ A ordem das questões poderá ser alterada de acordo com o decorrer da entrevista.

⁹ Neste momento será avisado que os dados pessoais obtidos nesta pesquisa não serão divulgados e serão utilizados apenas para controle do pesquisador.

7. De que maneira ocorre a inspiração para suas criações inspiradas pelas belezas naturais locais?
8. Você pode demonstrar algumas das criações inspiradas nas belezas naturais do município?
9. Você poderia descrever como funcionou o processo criativo dessa(s) criação (criações)?